

EVELYNE AZEVEDO

**O EGITO MÍTICO DE ATHANASIUS KIRCHER:
O *OBELISCUS PAMPHILIUS* E A FONTE DOS QUATRO RIOS NA
PRAÇA NAVONA**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Marques

CAMPINAS/2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP
Bibliotecária: Maria Silvia Holloway – CRB 2289**

Az25 **Azevedo, Evelyne**
 O Egito mítico de Athanasius Kircher: o Obeliscus
 Pamphilius e a Fonte Quatro Rios na Praça Navona / Evelyne
 Azevedo. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: Luiz Cesar Marques Filho (Orientador)
 Maria Cristina Louro Berbara (Co-orientadora)

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Kircher, Athanasius, 1602-1680. 2. Fontes e chafarizes –
Roma (Itália). 3. Praças – Roma (Itália). 4. Egito -
Antiguidades. I. Marques Filho, Luiz Cesar. II. Berbara,
Maria Cristina Louro. III. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Título em inglês: Athanasius Kircher mythic Egypt: the Obeliscus Pamphilius
and the Four Rivers Fountain in Piazza Navona.

Palavras chaves em inglês (keywords) : Fountains – Rome (Italy)
 Plazas – Rome (Italy)
 Egypt - Antiquities

Área de Concentração: História da Arte

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora: Luiz Cesar Marques Filho, Livia Paes Barreto, Jens
 Baumgarten

Data da defesa: 23-11-2009

Programa de Pós-Graduação: História

EVELYNE AZEVEDO

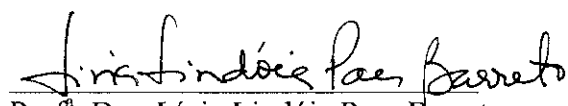
**O EGITO MÍTICO DE ATHANASIUS KIRCHER:
O OBELISCUS PAMPHILIUS E A FONTE DOS QUATRO RIOS NA
PRAÇA NAVONA**

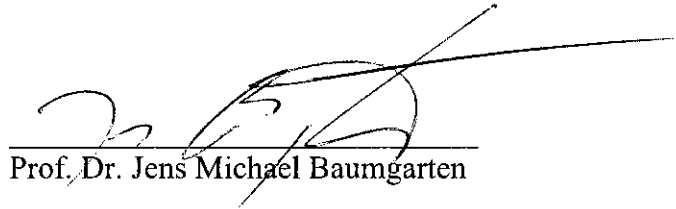
Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Luiz
Marques.

Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 23 / 11 / 2009.

BANCA


Prof. Dr. Luiz César Marques Filho (orientador)


Prof. Dra. Livia Lindóia Paes Barreto


Prof. Dr. Jens Michael Baumgarten

NOVEMBRO/2009

Dedico esta Dissertação à minha família e namorado, pois
pertencia a eles o tempo que este trabalho tomou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP pelo financiamento deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador, Luiz Marques, pelos momentos de iluminação sem os quais este trabalho não seria possível, e a minha co-orientadora Maria Berbara pela eterna paciência.

Agradeço também ao professor Carlos Ziller pela ajuda, compreensão e principalmente por dividir as agruras do universo kircheriano.

Agradeço aos membros que compuseram as bancas de Qualificação e Defesa, prof^a. Livia Lindóia Paes Barreto, Jens Baumgarten e Luciano Migliaccio.

Agradeço à minha família: meus pais, Evaldo e Maria da Penha; minha irmã, Eleine e meus avós, Nilcéa e José, pela crença inabalável de que eu era capaz.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo deste percurso e aos meus alunos que participaram com ideias e sugestões e, quando não tanto, apenas pela sincera torcida. Peço ainda que me desculpem por não citá-los todos, mas esquecer alguém seria ainda mais imperdoável.

Quero agradecer, em especial, a duas pessoas que me dividiram com o Kircher durante todo este tempo sem reclamar (muito): meu namorado, Roberto Amado e minha grande amiga, Manan Terra. E como diria o próprio Kircher, se todas as coisas podem ser conduzidas às formas geométricas, acho que posso dizer que um é o meu complemento e o outro o suplemento.

Agradeço ainda aos meus amigos da Universidade Federal Fluminense: Prof. Luis Eduardo Lobianco, Prof. Manuel Rolph de V. Cabeceiras, prof^a. Sônia Monnerat e prof^a. Thaíse Bastos por me lembrarem que “não há lugar como o nosso lar”.

Por último, mas não menos importante, agradeço à Prof^a. Livia Lindóia Paes Barreto pela indescritível ajuda. Como disse o próprio Luiz, eu encontrei uma alma santa, mas não só a sua alma é digna de ser elogiada: seu coração materno e seus braços sempre abertos para acolher seus alunos foram também indispensáveis. Eu encontrei na Livia uma professora incansável, mas acima de tudo, uma mãe e uma amiga, cuja força me trouxe até aqui.

A todos, muito obrigada.

SUMÁRIO

Resumo	p. viii
Introdução	p. 1
Capítulo 1	p. 7
Capítulo 2	p. 23
Capítulo 3	p. 41
Capítulo 4	p. 55
Capítulo 5	p. 75
Conclusão	p. 83
Bibliografia	p. 87
Anexos	p. 91

Resumo

A Fonte dos Quatro Rios situada na Piazza Navona, em Roma, foi projetada e construída por Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) entre os anos 1648 e 1651. Grosso modo, ela é constituída de quatro colossos representando os quatro maiores rios da Terra, aos quais são vinculados elementos da flora e fauna respectivos das zonas geográficas às quais os rios pertencem. Sobre o conjunto, encontra-se um obelisco encimado por uma pomba levando em seu bico um ramo de oliveira. Ao projeto iconográfico da fonte vincula-se a figura do jesuíta alemão Athanasius Kircher (1602 -1680), que, em 1650, finaliza sua obra *Obeliscus Pamphilius*, na qual trata, dentre outras coisas, especificamente da simbologia dos animais utilizados na fonte e sua relação com a mitologia egípcia. Peça fundamental deste estudo, a tradução do texto kircheriano revela diferentes significados para o monumento berniniano, permitindo uma nova interpretação que associa ambas obras.

Abstract

The Four Rivers Fountain is located at the Piazza Navona, in Rome and it was projected and constructed by Gian Lorenzo Bernini between 1648 and 1651. It is formed by four colossi representing the greatest rivers of each continent known at that time. Above them an obelisk was erected having on its top a dove with an olive branch. The iconographic project is associated to the german Jesuit Athanasius Kircher which published in 1650 the *Obeliscus Pamphilius*. This book reveals the simbology of the animals used in the fountain and its relation with the egyptian mythology. The translation from the latin of this text shows differents meanings for the monument, which permits a knew interpretation for Bernini's fountain.

Introdução

Desde a Antiguidade, o Egito fascina outras civilizações, e não foi diferente com a Arte ocidental Moderna. As descobertas arqueológicas do século XVI tiveram grande impacto na cultura Renascentista e influenciaram profundamente a produção artística deste momento e dos períodos posteriores. Entre os séculos XVI e XIX, os temas egípcizantes ganharam destaque nas pinturas e esculturas produzidas na Europa, sendo constantemente revigorados a cada nova descoberta.

Produzida em meio ao século XVII, a Fonte dos Quatro Rios foi projetada e construída por Gian Lorenzo Bernini entre os anos 1648 e 1651. Situada na Piazza Navona, ela constituiu um marco sob múltiplos aspectos; dentre os quais pode-se destacar: o fato de localizar-se em uma praça de grande importância em Roma, por ser considerada uma das principais obras de arte de seu período e, finalmente, por ser uma das primeiras obras a apresentar um significado egípcizante intrínseco – ao que se vincula a figura do padre jesuíta Athanasius Kircher.

Paralelamente à construção da Fonte, Kircher escreveu e publicou seu *Obeliscus Pamphilius*, obra em que ele expõe a doutrina egípcia e parte de sua interpretação da escrita hieroglífica. Voltado para a análise dos hieróglifos que aparecem no obelisco que se encontra sobre a Fonte, acreditamos que cada um dos elementos que aparece na obra de Bernini possui o seu paralelo no livro do jesuíta e que, portanto, é possível atribuir uma nova interpretação ao conjunto escultórico a partir da análise do pensamento kircheriano.

Nunca antes traduzido, o livro do padre Kircher traz inúmeras considerações que, por sua vez, agregam novas possibilidades de análise à Fonte de Bernini. A partir do quarto capítulo de seu livro, é possível sugerir uma nova interpretação para o monumento berniniano. Neste capítulo, o jesuíta se dedica à exposição de cada um dos tipos de sinais hieroglíficos que ele considera constituir a antiga escrita egípcia. *Grosso modo*, ele divide os hieróglifos entre animais (dentre os quais o homem), plantas e formas geométricas. A tradução para o português, do livro do jesuíta alemão constitui um importante marco na bibliografia produzida sobre ele, pois os autores que trataram tanto da relação do padre Kircher com o arquiteto e escultor Gian Lorenzo Bernini partiram apenas da leitura do

Obeliscus Pamphilius, deixando de integrar aos seus trabalhos a tradução do texto kircheriano.

Amplamente lido desde a sua publicação, um dos exemplares deste livro chegou até nós por meio da Real Biblioteca, que hoje compõe o acervo da Biblioteca Nacional, e pertence à seção de Obras Raras da Biblioteca do Rio de Janeiro. Este exemplar não se encontra em bom estado de conservação, com a capa e algumas folhas soltas e bastante danificadas por insetos. Como a obra nunca foi reproduzida, optamos por fotografar apenas algumas de suas páginas para a ilustração da dissertação. Para a análise, no entanto, utilizamos a versão digitalizada, disponível graças ao Projeto ECHO (European Cultural Heritage Online) em função da utilização de uma grande parte do livro no presente trabalho.

As obras de Athanasius Kircher constituíram e ainda constituem parte importante dos acervos das bibliotecas de todo o mundo. Adquiridos não só na época de suas publicações, eles foram colecionados por muito tempo ainda depois de sua morte. Não é diferente com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que possui, além do referido volume, outros títulos importantes como *Musurgia Universalis* (único que teve sua referência publicada em SCHWARCZ: 2003), *Arithmologia*, *Obelisci Aegyptiaca*, *China Monumentis*, *Oedipus Aegyptiacus* e *Sphinx Mystagoga*.

Em 1808, com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, a Colônia americana ganhava entre outras coisas a Biblioteca Nacional. Ao embarcar, D. João trouxe com ele sua Real Biblioteca que hoje compõe, dentre outras, a seção de Obras Raras da BN do Rio de Janeiro. Trouxe, em termos, uma vez que as caixas embarcadas na nau Medusa não eram as da Real Livraria, mas as da biblioteca de Antônio Araújo de Azevedo. A biblioteca dos reis viria somente dois anos mais tarde e em três etapas: a primeira em 1810 e as outras duas em 1811.¹

Este não era, no entanto, o acervo acumulado ao longo de tantas monarquias. A Real Biblioteca original teve seus livros e documentos consumidos pelo fogo, vindo abaixo durante o terremoto de Lisboa de 1755. A partir de 1759, a monarquia portuguesa, na figura de D. José I concentrou seus esforços na reconstrução de sua biblioteca, símbolo de cultura

¹ SCHWARCZ, Lilia M. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 357.

e erudição para uma monarquia marcada pelo despotismo pombalino. Reconstruída, todos os volumes que a compunham foram, portanto, captados ao longo da segunda metade do século XVIII. “(...) d. José I, sempre amparado por seu ministro Pombal, empenhou-se em juntar o pouco que sobrara e deu início a uma nova coleção. Com a compra de acervos privados, da requisição de coleções esquecidas em mosteiros e abandonadas às pressas pelos jesuítas, ou até de generosas doações, a nova Biblioteca Real, agora situada no Palácio da Ajuda não parou de crescer.”²

Dentre as muitas preciosidades que compõem esta Real Biblioteca, estão os volumes de Athanasius Kircher. É entretanto, difícil precisar a efetiva origem destes volumes: se faziam parte de uma coleção jesuíta ou mesmo se constituíam o acervo de um nobre doado à Real Livraria. O fato é que o *ex-libris* da Real Biblioteca na capa de seus volumes nos dá a indicação, ainda que incompleta, de sua trajetória. Este no entanto, não é exatamente o caso do *Obeliscus Pamphilius*. O volume que se encontra na Biblioteca Nacional possui apenas dois *ex-libris*: um na página 196 e o outro na 556 (Imagens 1 e 2).



Detalhe do *ex-libris* da Real Biblioteca

Este volume possui ainda uma outra particularidade, faltam aproximadamente as dez primeiras páginas do livro. Acredita-se que tenham sido perdidas durante a restauração pela qual os livros passaram ainda no século XIX já na Biblioteca Nacional. Acrescente-se a isso o fato de que sua capa não é original e a contra-capa em papel marmorizado, é uma característica deste período. As obras de Kircher vieram constituir o acervo mais

² *Idem*, p. 139.

importante das Américas de seu tempo passando a integrar a coleção da “Biblioteca que de Real virou em 1822, Imperial e Pública, e só em 1876 tornou-se Nacional”³. Contudo, essa não era a primeira vez que algumas das obras deste jesuíta aportavam na América.

A “renovação” da Real Biblioteca no século XVIII nos dá, de certa forma, um ponto de apoio para entendermos a relação do padre Kircher com seus discípulos e com seu legado. O fato de seus volumes serem ainda colecionados no século XVIII e terem sido trazidos, a despeito ainda da má fama adquirida por ele no século XIX, denotam a importância do pensamento construído pelo jesuíta e a magnitude alcançadas por ele. Seus estudos devem “ser julgados em relação ao seu tempo, reconhecendo as mudanças nos procedimentos e ética acadêmicos”⁴. Foi com a revalorização da cultura barroca no século XX que pudemos reconstruir o âmbito de uma sociedade que influenciou inclusive a História da Ciência.

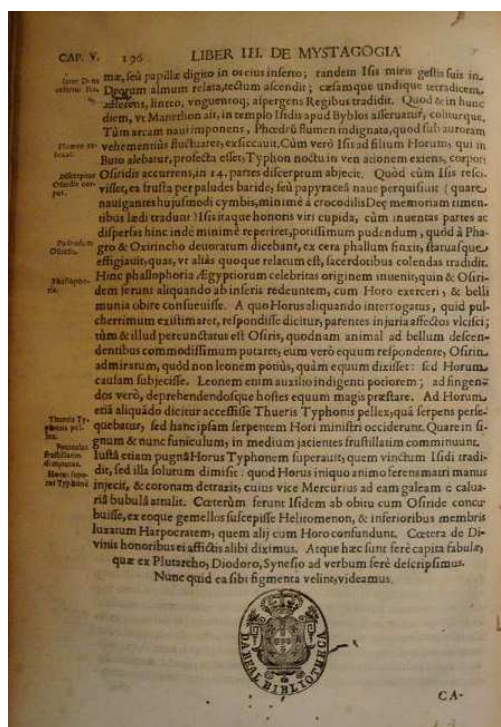


Imagem 1: Página 196 do *Obeliscus Pamphilius* com o *ex-libris* da Real Biblioteca

³ SCHWARCZ, Lilia M. *O livro dos livros da Real Biblioteca*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca Nacional, 2003.

⁴ BRAUEN, Fred. *Athanasius Kircher (1602 – 1680)*. p. 134.

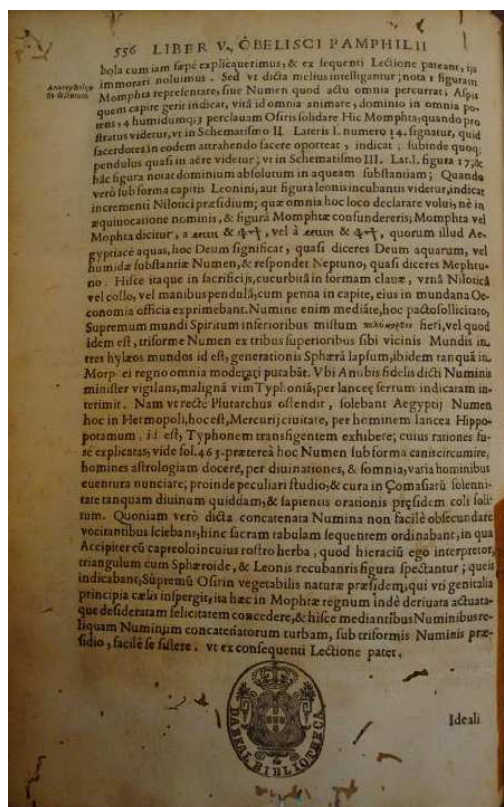


Imagem 2: Página 556 do *Obeliscus Pamphilius* com o *ex-libris* da Real Biblioteca

O *Obeliscus Pamphilius* foi publicado em 1650, ano em que se comemorava o Jubileu do Papa Inocêncio X e para o qual se esperava a conclusão da Fonte dos Quatro Rios de Bernini. Encomendado pelo Papa para integrar as comemorações deste ano, o livro acabou sendo uma grande introdução à sua obra seguinte, o *Oedipus Aegyptiacus*, ao qual ele remete o leitor constantemente para maiores informações sobre os assuntos dos quais está tratando. Este é um dos motivos pelos quais o *Obeliscus Pamphilius* ganhou extrema notoriedade; voltado exclusivamente para a análise daquilo que concernia o obelisco situado sobre a obra de Bernini, o livro do padre Kircher esteve intimamente relacionado com a encomenda e construção da Fonte.

Sua obra constitui a principal fonte deste trabalho. É a partir da proposta de análise hieroglífica do padre Kircher que estabeleceremos um segundo nível de significado para a

Fonte dos Quatro Rios, partindo do já comumente aceito, que vê na Fonte a alegoria dos Quatro Continentes. É com este livro que Kircher se consagra como grande estudioso do Egito e afirma sua posição de erudito perante a sociedade da época, influenciando inclusive, outros artistas daquele momento.

E, ainda que ele não tivesse vindo a consolidar sua imagem de grande erudito, ele faz questão de frizá-la em seu próprio texto, afirmando a sua importância “nesta grande empreitada” e conclamando outras autoridades a reafirmar aquilo que ele diz em sua obra, citando-as em larga medida ao longo de todo o livro. Cita-as inclusive em suas línguas originais, fazendo uso não só do grego, mas também do árabe e do hebraico, todas línguas que ele dominava e que fez questão de ostentar ao seu leitor a própria erudição.

Escrito em um Latim que tenta retomar o Clássico, Kircher se utiliza de uma linguagem empolada procurando, como já dissemos, afirmar a sua erudição. Isto fica ainda mais patente na grande utilização de vocábulos gregos latinizados que nem sempre eram usados no período Clássico. Ao longo deste trabalho, procuramos manter na tradução, a retórica kircheriana, guardadas as devidas proporções para que o texto não se tornasse pesado e ininteligível.

Dividido em cinco capítulos, este trabalho está organizado de forma a conduzir o leitor através do contexto da construção da Fonte dos Quatro Rios (no qual Kircher escreveu a sua obra) a importância do obelisco para o trabalho de Bernini, a Fonte, o texto de Kircher e, finalmente, a interpretação dada à Fonte a partir do livro do padre jesuíta.

Capítulo I

Athanasius Kircher, o *Obeliscus Pamphilius* e a Fonte na Praça Navona

A conquista do Egito pelos árabes, no século VII, trouxe de volta para o Oriente o Egito que o Helenismo e o Cristianismo conquistaram para o Ocidente. Tanto a Grécia quanto o Egito sucumbiram aos árabes, assim como o Cristianismo do Império Bizantino deu lugar ao Islamismo dos Califas⁵. Aquele se tornou tão somente uma parte do Império Árabe, perdendo sua importância cultural junto ao Ocidente e sobrevivendo apenas na memória ocidental nas narrativas bíblicas.

Somente no século XV, com a introdução do *Corpus* dos textos herméticos, os humanistas descobriram uma “cosmologia filosófica e a concepção de problemas religiosos fundamentais que estavam intrinsecamente relacionados às suas próprias idéias neoplatônicas, além de todo um pensamento místico consoante com suas próprias especulações”⁶. O Egito foi considerado assim fonte de conhecimento, na qual até mesmo os gregos se inspiraram.

Desse pensamento surgiu um crescente interesse pelas coisas egípcias e o mito de uma civilização idealizada, origem de todo conhecimento místico e de toda verdade oculta. Toma forma assim a Hipótese Egípcia, que tratava da idéia humanista da unidade humana e procurava demonstrar que era possível retornar à unidade original do pensamento humano: à religião, à mitologia e à linguagem⁷.

Tidos como principais manifestações da cultura egípcia, as pirâmides, obeliscos e os hieróglifos adquiriram posição de destaque nos estudos subsequentes. Em especial estes últimos que, imitando a natureza, eram interpretados como uma manifestação simbólica da razão invisível, uma vez que os animais, as plantas e os outros elementos naturais são a maneira como Deus se expressa. Ao grafá-los, o sacerdote estaria apenas copiando aquilo

⁵ A história da Egito pode ser organizada de acordo com a seguinte cronologia: Período Faraônico (c. 3000 a.C. – c. 712 a. C.), Período Tardio (c. 712 a.C. – 332 a.C.), Período Greco-romano (332 a.C. – 395), Período Bizantino (395 – 640), Período Islâmico (640 – 1517), Período Otomano (1517 – 1798), Egito Moderno (1798 – 1882), Protetorado Inglês (1882 – 1922), Reino Egípcio (1922 – 1952), República Árabe do Egito.

⁶ IVERSEN, Erik. Hieroglyphic studies of the Renaissance, p. 15.

⁷ RIVOSECCHI, Valerio. *Esotismo in Roma Barocca: studi sul padre Kircher*. Roma: Bulzoni Editore, 1982, p. 26.

que já estava escrito no grande livro da natureza. Eram assim expressões da verdade divina⁸.

Contudo, a compreensão do seu verdadeiro significado não poderia ser obtida pela simples apreciação estética ou interpretação intelectual, mas somente poderia ser revelada aos iniciados pela experiência mística, baseada na inspiração divina. Assim, toda verdadeira experiência artística seria necessariamente uma revelação divina⁹. Para os humanistas, descobrir o significado dos hieróglifos era desvendar os segredos de uma linguagem universal cujos símbolos seriam capazes de expressar qualquer idéia, fosse ela metafísica ou não e, sobretudo, capazes de ser universalmente entendidos – desde que se fosse iniciado.

As traduções das inscrições hieroglíficas tornaram-se, na realidade, projeções alegóricas da teoria filosófica da cultura neoplatônica. Traduzidas de modo arbitrário, as inscrições acabaram por exprimir aquilo que melhor conviesse ao intérprete¹⁰. Kircher insere-se nesta longa caminhada de decifração dos hieróglifos, que nasce ainda no século XV e que culminará na sua efetiva decifração apenas com Champollion, no final do século XIX.

Entendido no contexto cultural do século XVII, seu projeto intelectual deve ser associado ao surgimento dos estudos sobre o Oriente e ao Antiquarismo. Os intelectuais de então estavam voltados sobretudo para a compreensão da Antiguidade, influenciando inúmeras outras obras literárias e artísticas e contribuindo enormemente para o imaginário da Roma barroca. A importância da obra de Kircher não está, portanto, em seu valor histórico enquanto estudioso do Antigo Egito, mas na construção de sua argumentação desenvolvida ao longo de mais de três décadas em seus muitos livros sobre o assunto. Sua obra tornou-se uma das matrizes e um dos pontos de referência do imaginário barroco influenciando inúmeros artistas e teóricos posteriores.

⁸ *Idem*, p. 60.

⁹ IVERSEN, Erik, *op. cit.*, p. 16.

¹⁰ RIVOSECCHI, Valerio. *Esotismo in Roma Barocca: studi sul padre Kircher*. Roma: Bulzoni Editore, 1982, p. 51.

1. O padre Kircher

Athanasius Kircher nasceu em 1602, na Alemanha. Entrou para a Ordem Jesuíta em 1618 e foi ordenado sacerdote em 1628. No início dos anos 1630, deixou a Alemanha e foi para a França, onde encontrou Nicolas Claude Fabri de Peiresc com quem passou a estudar os hieróglifos. Em 1633, no entanto, recebeu um convite para suceder Johannes Kepler como Matemático da Corte dos Habsburgo, em Viena. Devido a uma série de infortúnios, acabou em Roma no ano de 1635, onde encontrou lugar no Colégio Romano da Ordem Jesuíta, a pedido do próprio Peiresc. Nesse momento, Roma dominava cultural e intelectualmente a Europa. Recomendado pelo Cardeal Francesco Barberini, sobrinho do Papa Urbano VIII, ele foi designado por este para chefiar uma comissão de interpretação dos hieróglifos¹¹. Sua primeira publicação nesse sentido, dedicada a Francesco Barberini, o *Prodromus Coptus* de 1636, apresenta uma pequena introdução ao Copta – língua litúrgica dos egípcios cristãos que mistura o egípcio ao grego – e fornece parcialmente uma gramática introdutória vertida para o Latim.

Ocupando uma posição central na erudição antiquária europeia e célebre colecionista, o jesuíta alemão era um estudioso não só do mundo antigo, mas também do Oriente moderno. Um homem que procurava deter um saber global e possuía uma posição idônea para atuar no interior da cultura oficial com ampla disponibilidade de recursos econômicos para financiar suas pesquisas e suas publicações.¹² Ele foi considerado um herdeiro do espírito universalizante dos séculos XV e XVI. A universalidade de seus conhecimentos e a diversidade de seus interesses, que iam desde o Antigo Egito aos estudos sobre o magnetismo¹³, levaram-no a publicar um grande número de obras ao longo de sua vida sobre os mais variados temas. Profundamente influenciado pelas teorias renascentistas que abordavam os hieróglifos, Kircher pretendia reconstruir, por meio dos seus estudos, as origens do mundo e da humanidade. Tomando como fonte a obra de escritores gregos e romanos, sobretudo Plutarco (cuja obra *De Iside et Osiride* é amplamente citada no

¹¹ FINDLEN, Paula (ed.). *Athanasius Kircher: the last man who knew everything*. Nova Iorque: Routledge, 2004, p. 53.

¹² RIVOSECCHI, Valerio. *Esotismo in Roma Barocca: studi sul padre Kircher*. Roma: Bulzoni Editore, 1982, p. 53.

¹³ STOLZENBERG, D. *The Great Art of Knowing. The Baroque Encyclopedia of Athanasius Kircher*. Stanford: Stanford University Libraries, 2001.

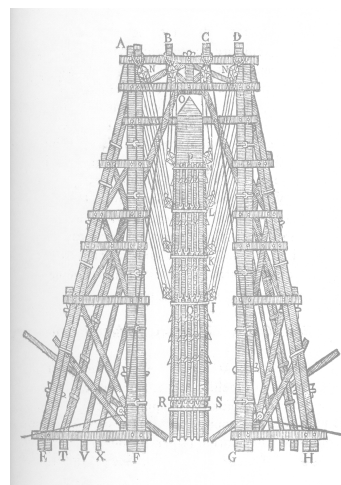
Obeliscus Pamphilius), o jesuíta pretendia demonstrar que o epicentro da humanidade residia no Egito.

Seus estudos forneceram-lhe material para a publicação de outros quatro livros sobre o tema, dentre eles o *Obeliscus Pamphilius* de 1650, dedicado ao Papa Pamphili – Inocêncio X – por ocasião do Jubileu proclamado por ele neste ano. A obra comemorava a restauração e a colocação do obelisco na Praça Navona que seria utilizado por Bernini em sua Fonte dos Quatro Rios. Kircher, por sua vez, estava intimamente relacionado com o projeto da Fonte, anunciando a publicação de seu livro junto com a transferência do obelisco do *Circo Massimo* (onde estava situado) para a Praça Navona. Neste texto, o jesuíta apresenta um método de tradução dos hieróglifos, com as inscrições do referido obelisco, além de um tratado sobre a sabedoria egípcia e seu valor filosófico e histórico¹⁴.

Sua maior e mais importante obra sobre o Egito é, no entanto, o *Oedipus Aegyptiacus*, publicado entre os anos 1652 e 1654. Dividido em quatro tomos, trata-se de um grande compêndio sobre a sabedoria egípcia. Em seu terceiro volume traz a interpretação para algumas inscrições hieroglíficas, em especial, a da *Mensa Isiaca*. Largamente conhecida, esta obra ganhou notoriedade não só por sua importância, mas principalmente, por integrar a coleção de Antiguidades do Cardeal Bembo, pelo que também ficou conhecida como *Tabula Bemina*. Kircher a considerava a mais importante fonte sobre a sabedoria egípcia.

Ao *Oedipus Aegyptiacus*, seguiu-se o *Obelisci Aegyptiaci*, dedicado ao Imperador Ferdinando III. Finalmente, sua última obra sobre o assunto foi *Sphinx Mystagoga*, de 1676, em que ele analisou algumas múmias egípcias e suas respectivas inscrições hieroglíficas.

Seus estudos não se detiveram, contudo, na civilização egípcia, abrangendo ainda o oriente moderno e as civilizações pré-hispânicas. Ele se dedicou ainda a muitos outros temas, como por exemplo a música, o magnetismo e a astronomia; publicou mais de 30 obras ao longo de sua vida que constituem aproximadamente 40 volumes, sendo alguns de seus títulos bastante



Kircher,
Athanasius,
Oedipus
Aegyptiacus,
1652

¹⁴ *Id., Ibid.*, p. 57.

conhecidos, como por exemplo a obra sobre a Luz, *Ars Magna Lucis et Umbrae* e *Musergia Universalis*, sobre a música. Ambas fazem parte do acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O conjunto da obra ganhou importância pela enorme diversidade de temas que aborda, inclusive, os temas apresentados em outros livros. Fartamente ilustradas, traziam descrições de lugares, objetos, imagens de antiguidades, curiosidades e diferentes instrumentos (como a armação utilizada para levantar o obelisco Vaticano que fica no centro da Praça São Pedro, ilustrada no livro *Oedipus Aegyptiacus* de 1652 - 54). Tornava-se assim um grande compêndio daquilo que vinha sendo produzido nos principais centros europeus e que era quase inacessível aos leitores mais distantes. As vastas descrições apresentadas por ele permitiam que os leitores deslocados para as missões na China encontrassem nestes livros amplo material sobre o Egito, da mesma forma que os jesuítas da América podiam ler sobre a China.¹⁵



Detalhe
do
frontispício,
Musaeum,
1678

O próprio Kircher não chegou a visitar esses lugares, tendo viajado muito pouco. Contudo, estabeleceu uma vasta rede de conhecimento através de suas correspondências trocadas com os jesuítas espalhados pelo mundo. Além das cartas, esses jesuítas procuraram enviar inúmeros objetos que fossem curiosos aos olhos do grande estudioso a fim de que pudessem fazer parte de suas publicações. O exemplo mais famoso talvez seja o tatu, símbolo da América seiscentista, que foi enviado à Europa para compor o museu kircheriano, como podemos ver no já citado

frontispício da obra de Giorgio de Sepibus (Imagem 1).

No frontispício deste livro observamos a figura de Athanasius Kircher cumprimentando visitantes no centro do museu do Colégio Romano. Construído à maneira dos gabinetes de curiosidades, o ambiente possuía inúmeros obeliscos e pendendo do teto à esquerda, um tatu. Este animal também aparece representado em seu livro sobre a Arca de Noé, dentre aqueles que foram escolhidos para compor a embarcação. Além dos animais conhecidos – e dos recém-conhecidos também – outro animal que também teria embarcado

¹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 331.

na arca, seria o grifo. O universo da criação era composto assim pelo real e pelo mitológico, pensamento que permeava inclusive a ciência que vinha construindo.

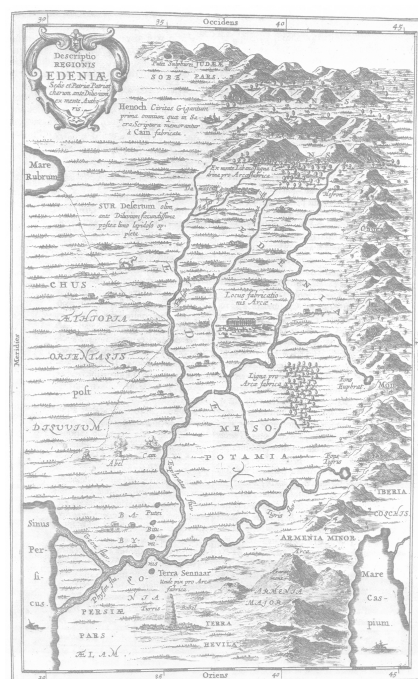


Imagem 1: Frontispício do *Romani Collegii Societatus Jesu musaeum celeberrimum*

A América via em Kircher a imagem de um grande erudito, seus leitores liam-no com avidez e reconstruíam seus inventos. Ele fez inúmeros seguidores, que ambicionavam, por sua vez, sua posição na corte papal. Escreviam-lhe e reescreviam-no, moldando o seu próprio saber. Construíram assim um século de “kircherização”¹⁶ da América, descrevendo aquilo que foi a maneira de pensar ao longo de um século em que predominaram tantas outras epistemologias como a Newtoniana ou a Cartesiana¹⁷, mas que ainda assim deixou um legado amplo e que influenciou inúmeras gerações depois dele.

Do início da carreira, nos anos 1630, até o auge nos anos de 1660, Kircher alcançou uma posição ímpar na sociedade da época, com ampla disponibilidade de recursos para financiar suas pesquisas e publicações e integrava ainda uma ampla rede de correspondência com outros acadêmicos e missionários jesuítas. Nesta última década, consolidou sua reputação como especialista na cultura egípcia, contudo, já na década seguinte seus diversos estudos começaram a ser questionados. E, apesar de sua fama ter alcançado os limites do mundo ultramarino, a afirmação do seu saber não era unânime e, já no final da vida, Kircher amargava o declínio do reconhecimento tornando-se motivo de piada entre outros estudiosos.¹⁸

O fato de o próprio Descartes tê-lo considerado um charlatão mostra que o seu projeto científico distanciava-se e muito daquilo que foi chamado posteriormente de Revolução Científica do século XVII.¹⁹ Ainda que a ciência moderna não estivesse plenamente definida, a ciência kircheriana estava profundamente baseada no pensamento religioso. Em seu universo as teorias mais recentes sobre a luz conviviam harmoniosamente com grifos e dragões. Os mapas mais precisos podiam figurar com os do paraíso,



Kircher, Athanasius, *Arca Noe*, 1675.

¹⁶ *Idem*, pp. 343 – 348.

¹⁷ FINDLEN, Paula. “The last man who knew everything... or did he?” In: FINDLEN, Paula (ed.) *Athanasius Kircher. The Last Man Who Knew Everything*. Nova Iorque: Routledge, 2004, p. 43.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “Baroque Science between the Old and the New World: Father Kircher and his colleague Valentin Stansel (1621 – 1705). In: FINDLEN, *op. cit.*, p. 323.

como neste mapa em que o paraíso terrestre não só existia, como também estava situado entre o Golfo Pérsico e o mar Vermelho, os montes do Líbano e o Cáucaso. Nele podemos ver a Mesopotâmia, a Torre de Babel, o bosque de onde Noé tirou a madeira para construir a Arca e até mesmo o lugar onde ele a construiu.

A ciência de Kircher deve ser entendida a partir da utilização de analogias, pois seu pensamento estava organizado em torno do conceito de totalidade. Seus estudos buscavam demonstrar a integração de diferentes acontecimentos, explorando a relação entre eles e a de cada um com o todo. A partir disso é possível compreender as análises das sociedades pré-hispânicas e do Egito antigo desenvolvidas por ele.

2. O *Obeliscus Pamphilius*

O *Obeliscus Pamphilius* é o primeiro livro de Kircher dedicado à interpretação hieroglífica, contudo, é somente com o seu segundo livro sobre o assunto, o *Oedipus Aegyptiacus*²⁰, que ele vai aprofundar o seu método. O *Obeliscus Pamphilius* está dividido em cinco livros, cada um deles abordará um tema específico: o primeiro trata da origem das letras e dos obeliscos; o segundo livro é dedicado à exposição da doutrina hieroglífica, seu surgimento com Hermes Trimegistus (o deus Thoth), sua difusão e os mistérios hieroglíficos das pirâmides e dos obeliscos; o terceiro fala da *mystagogia*²¹ egípcia e da correspondência entre os símbolos das religiões grega e egípcia; o quarto livro é dedicado à análise dos principais símbolos hieroglíficos egípcios agrupados em diferentes categorias (animal, vegetal, geométrica); finalmente, o quinto livro é a proposta de interpretação propriamente dita de Kircher para o obelisco da Fonte. Neste livro, o autor defende que as inscrições hieroglíficas tratam da criação do Universo, desde o início dos tempos, do espaço e dos seres.²²

²⁰ Daniel Stolzenberg, em sua tese de doutorado “Egyptian Oedipus: Antiquarianism, Oriental Studies & Occult Philosophy in the Work of Athanasius Kircher”, afirma que o *Obeliscus Pamphilius* funcionará inclusive, como uma introdução ao *Oedipus Aegyptiacus*, fazendo parte deste.

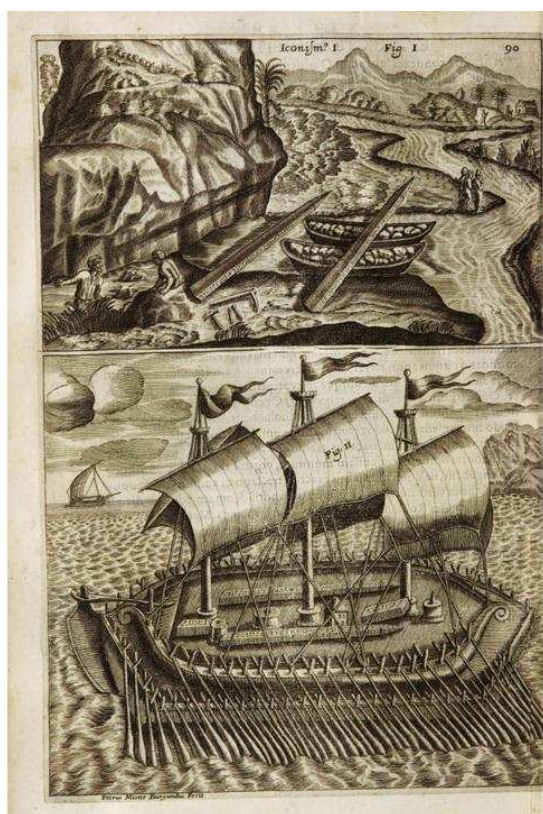
²¹ Palavra derivada do grego que significa a educação pelos mistérios.

²² MARRONE, C. *I geroglifici fantastici di Athanasius Kircher*. Viterbo: Stampa Alternativa, 2002, pp. 85 - 88.

Parte importante da obra é ainda o seu frontispício. De acordo com Ashworth,

“Engraved title pages had reached a high level as an artistic form by the early seventeenth century. Drawing images from a vast reservoir of Ovidian mythology, Christian iconography, and contemporary emblem books, the engraved title (and its close cousin, the engraved frontispiece) became a popular and attractive way of beginning a book, and also a powerful vehicle for suggesting in allegorical form, what the book was about.”²³

Aqui, no entanto, não é possível ver a assinatura do artista, mas ele registra a sua passagem em uma gravura seguinte que mostra como eram feitas as transferências dos obeliscos de um local a outro (Imagem 3). Este assunto será melhor abordado no próximo capítulo.



²³ ASHWORTH, W., Jr. “Divine Reflections and Profane Refractions: Images of a Scientific Impasse in Seventeenth-Century Italy”. In: LAVIN, I. *Gian Lorenzo Bernini: New Aspects of His Art and Thought*. Estados Unidos: The College Art Association of America, 1985.

No frontispício de sua obra, Kircher faz representar a sua importância mítica na missão de revelar ao mundo os mistérios egípcios. Nele a Fortuna é representada em pose melancólica acorrentada a um bloco de pedra enquanto o Tempo, na tentativa de colocar por terra aquilo que sobrou do Egito, derruba o obelisco. Ao fundo vemos ainda uma construção clássica, uma pirâmide e um obelisco. Contudo, Hermes ensina à Sabedoria os segredos dos hieróglifos. Esta última revela ao mundo o mistério ensinado por Hermes, por meio do livro de Athanasius Kircher, que ela está segurando. Aos seus pés figura um crocodilo, símbolo do Egito (Imagem 2).



Imagem 2: Frontispício do *Obeliscus Pamphilius*.

Kircher insere-se assim, na longa caminhada de decifração dos hieróglifos, cujo objetivo era desvendar os seus mistérios e reconstruir uma linguagem nova e universalmente válida através da análise do simbolismo antigo. Estudiosos contemporâneos de Kircher acreditavam que os hieróglifos constituíam mais que uma linguagem, considerando-os a base de uma escritura sagrada, arquetípica e, por isso, universal. Sua tradução permitiria assim o acesso a uma enorme gama de conhecimento: coisas do passado, presente e futuro.

O conjunto de suas obras marcou decisivamente sua geração, sendo o primeiro estudo de peso sobre a língua egípcia. Apesar de seu trabalho não trazer grandes contribuições para a decifração dos hieróglifos, Champollion afirmará, posteriormente, que seu estudo do copta ajudou bastante para que ele chegasse à decifração dos hieróglifos. Kircher acreditava que estes não funcionavam exatamente como escrita, mas sim como representações simbólicas da teosofia expressa através de sinais universalmente inteligíveis. Diante disso, os estudos do padre Kircher eram incentivados, pois revelariam cientificamente a prova de que o cristianismo já havia sido revelado aos antigos egípcios. Desvendar a sua linguagem seria alcançar seu conhecimento.

No momento em que a Igreja falava da necessidade de uma comunicação universal, tentou-se reconstruir uma língua originária da humanidade, um código universal capaz de ser amplamente compreendido. De acordo com o Neoplatonismo, a sabedoria egípcia era a fonte de desenvolvimento do pensamento; decifrar a escrita hieroglífica era desvendar os mistérios herméticos escondidos em seus símbolos, revelados apenas aos iniciados.

O padre jesuíta pretendia demonstrar o caráter de pré-figuração do Cristianismo, religião revelada, provando desta forma que os egípcios já eram monoteístas e que seus mitos cosmogônicos eram, na verdade, fábulas de função arquetípica²⁴. Na prática, os hieróglifos perderam seu valor místico para obter valor teológico, próprio do simbolismo católico, representando a fonte de todo o conhecimento. Desta forma é que Kircher pretendia demonstrar a sua teoria humanística de uma continuidade ideal entre a antiga sabedoria mágica do Egito hermético e a verdade revelada do cristianismo.

As obras do padre Kircher tiveram o alcance das missões jesuíticas. Considerado como um dos principais estudiosos de seu tempo, ele era reconhecido e admirado por seus

²⁴ *Id., Ibid.*, pp. 60 - 61.

contemporâneos pelas descobertas que tinha feito acerca da cultura do Egito.²⁵ Apesar de sua reputação ter decrescido consideravelmente durante o século XVIII²⁶, principalmente, no XIX com a decifração da Pedra de Rosetta por Champollion, ao longo do século XVII, sua fama ultrapassou os limites da Europa e seus livros chegaram até a África e a Ásia.²⁷

3. A Fonte dos Quatro Rios

Ao relatar, em sua *Historia Obelisci Pamphili*, como veremos adiante, a terceira construção do obelisco por Bernini durante o pontificado de Inocêncio X, Athanasius Kircher afirma que o próprio Papa pede que a Fonte represente os quatro cantos do mundo. Pedido esse que ele afirma, em sua obra póstuma *Fasciculus Epistolarum*²⁸ (um compêndio de cartas publicado em 1684), ter sido feito em carta enviada pelo pontífice ao padre em que o primeiro teria dito o seguinte:

*Padre, eu resolvi erigir um obelisco, uma não pequena massa rochosa. Este deve ser seu trabalho massivo, o de dar-lhe vida com a sua interpretação. E assim desejo que você se dedique avidamente ao trabalho que eu coloquei sob seus cuidados de acordo com a vontade de Deus, e assim tudo o que é dado à contemplação de seus estranhos caracteres nessa estrutura maciça, através da sua interpretação revelará seus mistérios ocultos.*²⁹

De acordo com Stolzenberg, Inocêncio X era, além de patrocinador do trabalho do jesuíta, um grande admirador deste. Ao seu lado figurava ainda o Imperador Ferdinando III

²⁵ BRAUEN, Fred. “Athanasius Kircher (1602 – 1680)”. In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 43, Nº 1 (Janeiro – Março, 1982), p. 130.

²⁶ BRAUEN. *Idem*. p. 131.

²⁷ FINDLEN, Paula. “A Jesuit’s Books in the New World: Athanasius Kircher and His American Readers.” In: FINDLEN, Paula (ed). *Athanasius Kircher. The Last Man Who Knew Everything*. Nova Iorque: Routledge, 2004, p. 329.

²⁸ KIRCHER, Athanasius. *Fasciculus Epistolarum*. Editado por LANGENMANTEL, H. Augsburg: Typis Utschneiderianis, 1684.

²⁹ “Pater, Nos Obeliscum erigere constituimus molem saxeam non parvae molis, tuum erit, illam interpretatione animare, volumus itaque ut ad huiusmodi negotium, cui Te praefecimus, pro dono à Deo Tibi concesso serio Te applies, ut quotquot molem ex insolitarum figurarum aspectu mirabantur, tua interpretatione quoque, ad interiora eius recondita mysteria eorumque intelligentiam pertingant.” *Vita*, 57. In: STOLZENBERG, Daniel. *Antiquarianism, Oriental Studies & Occult Philosophy in the Work of Athanasius Kircher* Stanford: Stanford University, 2004 (Tese de Doutorado), p. 143.

que financiou as publicações tanto do *Obeliscus Pamphilius* quanto do *Oedipus Aegyptiacus*. Ao enfatizar que sua incumbência teria vindo diretamente do Papa, Kircher reafirma não só a sua importância diante desta grande empreitada, mas a sua posição de destaque enquanto grande estudioso do Egito e detentor do conhecimento da escrita hieroglífica.

Com o fim da Guerra dos Trinta Anos, em 1648, na qual os jesuítas tiveram importante papel, era necessário reafirmar o poder papal e a amplitude do catolicismo no mundo. A Igreja católica pretendia estender seus domínios até o Extremo Oriente e para isso precisaria utilizar uma linguagem universal capaz de ser amplamente compreendida. Por trás desse objetivo havia dois interesses por dois Orientes distintos: o interesse econômico e religioso pelo Extremo Oriente, que conduziu o estudo das culturas chinesa e japonesa, e o cultural e científico pelo antigo Próximo Oriente, que levou à pesquisa das antigas religiões politeístas. Foi em meio a esse contexto que o Papa Inocêncio X encomendou a fonte da Praça Navona, primeiro a Borromini e depois a Bernini, a qual deveria simbolizar os quatro rios da Terra e sobre a qual deveria haver um obelisco egípcio, com o claro interesse de representar a soberania católica sobre o paganismo e o mundo ultramarino.

A Fonte dos Quatro Rios de Bernini foi construída entre os anos 1648 e 1651. Sua base é constituída por uma grande massa rochosa sobre a qual encontram-se quatro colossos e um obelisco egípcio. Sobre este obelisco, há uma pomba carregando no bico um ramo de oliveira cujo significado simbólico será comentado mais adiante. A principal interpretação que se atribui à Fonte é a de que ela representa os quatro maiores rios da Terra (símbolos, por sua vez, dos quatro continentes então conhecidos): Ganges/Ásia, Danúbio/Europa, Nilo/África e Rio da Prata/América³⁰. E que a cada figura vinculam-se elementos simbólicos alusivos à sua respectiva zona geográfica, como por exemplo o tatu – um dos principais emblemas Seiscentistas da América – junto ao Rio da Prata. Todo o conjunto é encimado pelo *Obelisco Agonale*, construído à época do Imperador Domício, imitando os modelos egípcios e copiando os hieróglifos, restaurado por Bernini na época da construção da fonte; seus hieróglifos foram completados por Kircher – sobre o qual

³⁰ Até este momento, não se sabia se o maior rio da América era o Rio da Prata ou o Amazonas, de maneira que ambos são utilizados nas alegorias dos continentes.

descansa não a tradicional cruz, mas uma pomba levando no bico um ramo de oliveira. Emblema da família Pamphili e ao mesmo tempo do Espírito Santo, a pomba é o símbolo tradicional da luz divina e da eternidade. Ela representa não só o Papa Inocêncio X, como o próprio poder divino, que cabe ao papa representar.

Símbolos de uma era gloriosa e passada, os obeliscos eram entendidos, desde Sixtus V, como símbolos do triunfo do Cristianismo sobre o Paganismo - interpretação essa que vai ao encontro da representação dos quatro continentes do monumento berniniano, uma vez que ele reflete a dominação do homem sobre a Terra e, conseqüentemente, a dominação cristã sobre as outras religiões.

Para o padre, os hieróglifos que cobrem esses obeliscos foram inventados por *Hermes Trimegistus* – o deus Thoth, que em um dos mitos cosmogônicos egípcios cria a humanidade por meio da palavra – ele teria vivido depois da Inundação e ensinado ao primeiro sacerdote seu significado. O culto aos deuses, baseado nas doutrinas religiosas ensinadas por Noé, declinou dando origem ao mitos egípcios, como o de Osíris, por exemplo.³¹

Desta forma é que Kircher pretendia demonstrar a sua teoria humanística de uma continuidade ideal entre a antiga sabedoria mágica do Egito hermético e a verdade revelada do cristianismo. O século XVII esteve assim dividido entre duas interpretações do exotismo: de um lado a reflexão erudita sobre a cultura oriental antiga e moderna e de outro o gosto pela estranheza e pela novidade. Não se tratava apenas de uma medida reflexiva e cognitiva, mas de um processo de apropriação em que os fragmentos das antigas civilizações eram transformados em lugares de memória. O exotismo pode ser então interpretado como uma forma de ampliação da memória, releitura do passado fantástico, misterioso e exótico nascido em meio à tradição ocidental³².

Essa referência constante a um Egito mítico e idealizado se dava pela necessidade de reconstruir a imagem de uma sabedoria originária, que permitisse traçar uma ligação entre o pontificado de Inocêncio X e seus antecessores, além de identificar no Egito a raiz primeira da mensagem do Cristianismo. As diferentes interpretações a que o monumento se propõe se encaixam perfeitamente no pensamento erudito seiscentista: o monumento é em

³¹ *Idem.*

³² *Idem*, p. 43.

si mesmo um jogo de conhecimento³³, permitindo múltiplas interpretações num universo científico-religioso.

De acordo com o jesuíta, a doutrina hieroglífica tinha quatro níveis de significado adequados ao entendimento de cada pessoa. O primeiro se referia aos iletrados e ignorantes, que tomavam as fábulas dos deuses como histórias reais e assim eram levados à superstição e à idolatria. O segundo nível era alcançado por aqueles que eram capazes de distinguir o sentido místico do literal e era onde se encontravam a teologia e a filosofia. No terceiro nível, as histórias dos deuses adquirem uma teologia moral, e, finalmente, o autor reserva aos homens mais sábios o quarto nível de significado destinado à interpretação dos símbolos, o qual compreende o sublime e encerra as histórias dos deuses no mundo inteligível e arquetípico.³⁴

Kircher via o obelisco como uma espécie de amuleto, cada um de seus lados era dedicado a uma deidade que governava cada uma das quatro regiões do mundo a fim de atrair e garantir as boas energias: visto como um todo ele simbolizava assim o mundo cósmico e espiritual dos egípcios.³⁵ Desta forma, o próprio obelisco deve ser considerado um símbolo hieroglífico. Sua simbologia geométrica remete à Unidade Divina, de onde todas as coisas provêm. Sua base quadripartida faz alusão não só aos quatro elementos da natureza (ar, terra, fogo e água), mas às quatro estações do ano, aos quatro pontos cardeais, aos quatro rios do Paraíso e, principalmente, aos quatro continentes então conhecidos.

³³ FINDLEN, Paula. Jokes of Nature and Jokes of knowledge: the playfulness of scientific discourses in early modern Europe. In: *Renaissance Quarterly*, Vol. 43, No. 2, 1990, pp. 292 – 331.

³⁴ STOLZENBERG. *op. cit.*, p. 155.

³⁵ *Idem.*

Capítulo II

A História do Obelisco Pamphilio

As primeiras páginas do *Obeliscus Pamphilius* constituem a *Historia Obelisci Pamphili*, como o próprio Kircher chamou essa parte de seu texto em que ele contará ao seu leitor a longa jornada do obelisco anteriormente denominado *Agonale*³⁶ – nome pelo qual era conhecido antes de ser dedicado à família do Papa. Dividida em três partes: 1. *Sobre o primeiro erguimento feita pelo rei egípcio Sothis*, 2. *Sobre o segundo erguimento feito em Roma por Antônio Caracala César* e, 3. *Sobre o terceiro erguimento feito em Roma, sob Inocêncio X Pontífice Romano*³⁷, a história do obelisco será contada cronologicamente, desde a sua construção até a utilização na Fonte dos Quatro Rios por Bernini.

Kircher situa a construção do obelisco no Antigo Egito pelo faraó Sothis³⁸ que, de acordo com ele, era filho de Menuphta. Para fazer esta afirmação, o jesuíta se baseia na lista apresentada por Manethon, sacerdote egípcio que viveu sob os primeiros Ptolomeus, em sua obra *Aegyptiaca*, que foi a primeira tentativa de elaborar uma lista de faraós que governaram o Egito. Hoje sabemos que a lista de Manethon, apesar de fundamental, possui alguns problemas cronológicos como, por exemplo, a atribuição de duplas-regências a reinados consecutivos.³⁹ O jesuíta afirma que teve acesso à obra egípcia a partir de um original pertencente ao acervo de Peiresc.⁴⁰ Este último viveu na França, foi o predecessor

³⁶ *Agonale* é o nome pelo qual a própria *Piazza Navona* era conhecida. Derivado do grego *Agon*, lugar onde ocorriam as corridas e os torneios.

³⁷ “De prima Ereptione facta à Sothi Rege Aegypti”, “De Secunda Ereptione facta Romae ab Antonino Caracalla Caesare”, “De Tertia Ereptione facta Romae, ab INNOCENTIO X. Romano Pontífice.”

³⁸ Sothis era também a designação grega para a estrela Sirius, derivada do egípcio *Sopdit*, cujo aparecimento no céu no mês de julho indicava o período de cheia do Nilo. Sua personificação foi associada à deusa Ísis durante as comemorações do ano 139 proclamadas pelo Imperador Adriano.

³⁹ Atribui-se ainda outras obras a Manethon, como por exemplo, o *Livro de Sothis*, que traria uma relação dos monumentos egípcios. *Aegyptiaca* é, contudo, a sua obra mais importante pois é nela que se cunha o termo *dinastia*.

⁴⁰ “Atq; hoc ita esse expresse docet Manethon apud Africanum in fragmento quodam Bibliothecae Pereiscianae; in quo ita habetur.”

do jesuíta e detentor de um grande acervo de curiosidades e antiguidades com quem Kircher trocou vasta correspondência⁴¹.

Para o padre, Sothis, faraó do país nilótico era conhecido por ser um mau governante que teria ainda assassinado o próprio pai, este sim, um bom monarca. Acreditamos que ao falar em Sothis, Kircher estivesse se referindo, muito provavelmente, ao faraó Seth II⁴² que governou o Egito entre 1199 e 1194/3 a. C. Seth II sucedeu a Amenmés que por sua vez sucedeu a Merenptah, este filho de Ramsés II, cujo reinado durou mais de sessenta anos e é um dos mais conhecidos da História. Trata-se de um período um pouco confuso da História do Egito, em que o norte e o sul entraram em guerra, abalando o Alto Egito.⁴³ É possível assim, que Kircher tenha confundido o nome de Merenptah por Menuphta, uma vez que a obra de Manethon não foi preservada na íntegra, sobrando apenas alguns fragmentos.

A história do Obelisco Pamphilio remonta, na verdade, ao século I a.C. Assim como tantas outras obras deste período, este obelisco é uma obra romana, imitando os modelos egípcios. Labib Habachi⁴⁴, citando Iversen, afirma que o obelisco se situava provavelmente, entre o *Serapeum* e o *Iseum*⁴⁵ romanos, mas suas inscrições referem-se ao Imperador Domiciano. De acordo com Habachi o imperador romano não usou a fórmula tradicional egípcia para decorar o *pyramidion*⁴⁶ pois, enquanto os antigos egípcios representavam o faraó fazendo oferendas aos deuses ou mesmo sendo abençoado por estes, Domiciano se fez representar recebendo oferendas de duas divindades e também sendo adorado por elas.

As representações de cada um dos quatro lados do *pyramidion* vão apresentar poucas diferenças entre si. De acordo com a gravura do livro de Athanasius Kircher que representa as quatro faces do obelisco (Imagem 3) podemos ver dois deuses ao lado de Domiciano.

⁴¹ No livro de P. Findlen, *op. cit.*, Pereire é amplamente citado tanto pela influência que exerceu na carreira de Kircher quanto pelas correspondências que trocaram. Outra obra importante que faz referência ao assunto é a tese de doutorado de Daniel Stolzenberg, *Egyptian Oedipus, Antiquarianism, Oriental Studies & Occult Philosophy in the work of Athanasius Kircher* de 2004.

⁴² Seth I era filho de Ramsés I, que dá início à XIX Dinastia, conhecida como dinastia Raméssida.

⁴³ SCHULZ, Regine (ed.) Egito: o Mundo dos Faraós, Ed, Könnemann, p. 151.

⁴⁴ HABACHI, Labib. The obelisks of Egypt, Cairo: American University in Cairo Press, pp. 141 – 142.

⁴⁵ Os templos de Serápis e Ísis formavam uma única construção datada de 43 a. C. no Campo Márcio. Destruída por um incêndio no ano 80 d.C., foi reconstruída por Domiciano. Muitos fragmentos dos seus obeliscos foram encontrados posteriormente nos arredores da Igreja de Santa Maria sopra Minerva, um deles foi inclusive utilizado por Bernini em seu Elefante da Minerva.

⁴⁶ A palavra *pyramidion* é derivada do grego e refere-se à ponta em forma de pirâmide no topo do obelisco.

Para Habachi, seriam as deusas Hathor e Ísis, contudo não se trata apenas de divindades femininas, aí estão representadas também duas divindades masculinas. De acordo com este autor, o fato de as deusas oferecerem a Domiciano a coroa dupla é um indicativo de que o obelisco comemorava a ascensão do Imperador no ano 81 a. C. Habachi também afirma que a inscrição hieroglífica gravada no corpo do obelisco menciona a subida ao trono de Domiciano, deixado por seu pai, Vespasiano, no lugar de seu irmão, Tito, morto naquele mesmo ano. O obelisco permaneceu próximo ao *Iseum*⁴⁷ por cerca de dois séculos até *Maxentius*, que governou entre os anos 306 e 312 d. C., transferi-lo para o seu Circo na Via Appia.⁴⁸

A análise da imagem reproduzida por Kircher em seu livro, no entanto, mostra diferentes representações em cada um dos quatro lados da pirâmide. Cada uma das divindades, que aparecem ao lado de Domiciano, é mostrada com uma coroa específica, enquanto o Imperador é representado com coroas aparentemente reconhecíveis: a coroa *Atef*, normalmente utilizada pelo deus Osíris compõe-se por um toucado encimado por um disco solar e ladeado por plumas (como aparece no *pyramidion* do Lado I); a coroa *Pschent*, composta pela coroa branca *Hedjet* e pela coroa vermelha *Deshret* formando a dupla coroa que simboliza a união do Alto e do Baixo Egito (que aparece nos Lados II e III); e o *nemes*, toucado egípcio, que aqui é encimado pelo disco solar ladeado pelos cornos bovinos da deusa Hathor (Lado IV). Cada uma dessas coroas possui um simbolismo dentro da cultura egípcia; no entanto, torna-se difícil precisar o significado atribuído a elas pelo Imperador Romano. Uma possível interpretação para cada uma das cenas em que Domiciano aparece coroado seria a de que ele pretendia demonstrar a dominação sobre o Egito; ao ser representado com a coroa dupla, assim como os antigos faraós, ele se atribui o domínio de todo o Egito; a coroa osíriaca representa o domínio do mundo dos mortos e, associada à coroa de Hathor, aludiria ao deus helenístico-egípcio Serápis, que é em sua origem a combinação entre os deuses Osíris e Ápis.

⁴⁷ Originalmente, o templo era dedicado apenas à deusa Ísis, posteriormente o culto de Serápis foi associado ao da deusa e ele ganhou um altar em seu templo.

⁴⁸ HABACHI, *op. cit.*, pp. 141 – 142.

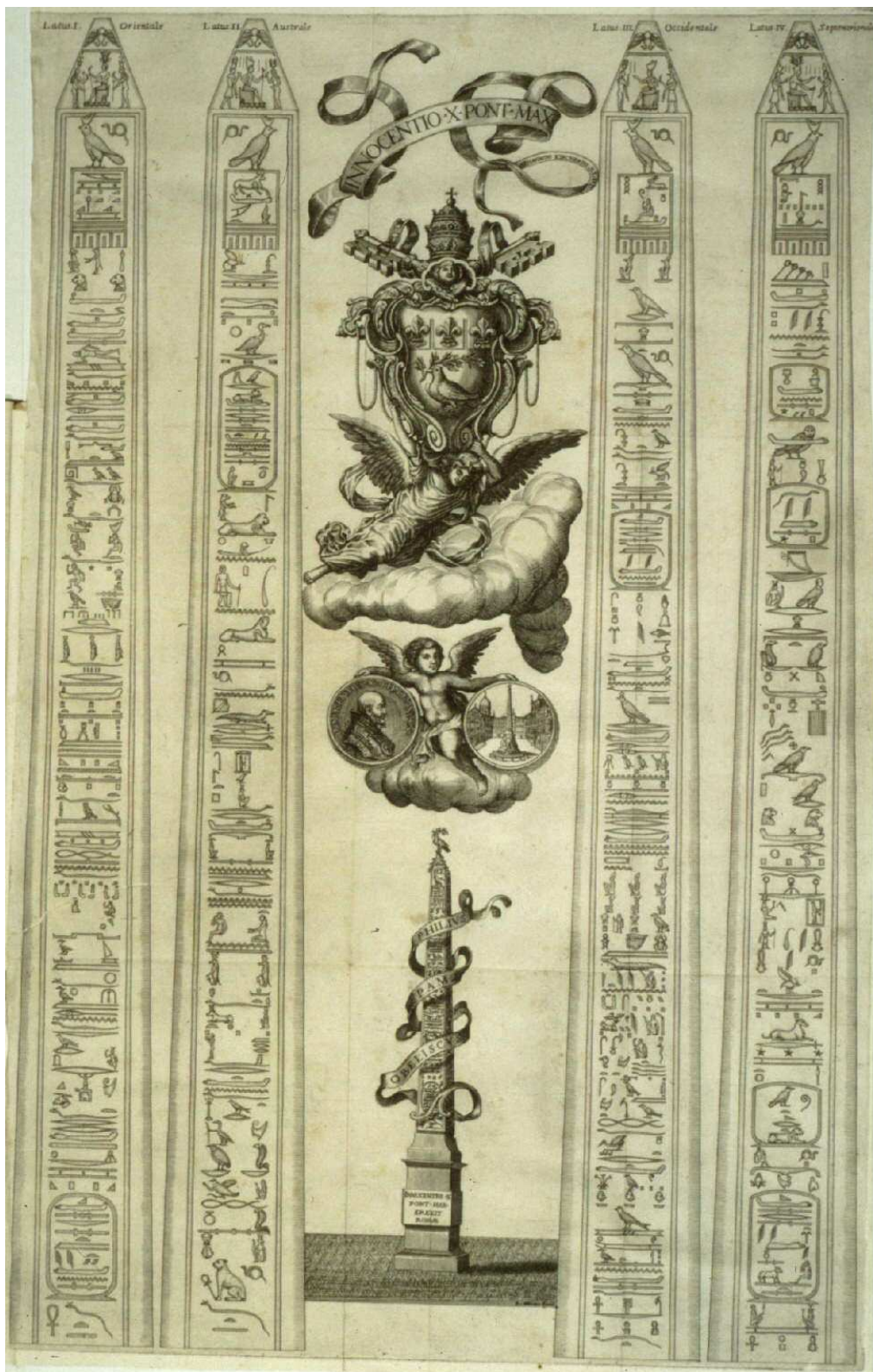


Imagem 3: Gravura do *Obeliscus Pamphilius* mostrando a transcrição dos hieróglifos do obelisco.

Detalhes do
piramidion do
Obelisco
retirados da
Imagem 3



Para ser novamente erguido, o obelisco foi retirado do Egito por Augusto Caio Calígula Nepos⁴⁹, e transportado para Roma de acordo com a gravura que segue, retirada do livro de Kircher (Imagem 4). Lá foi levado até o Circo de Caracala no ano de 249 d. C. Destruido pelo tempo, esteve caído por terra até que o Papa Inocêncio X resolveu erigi-lo pela terceira, última e mais importante vez. Kircher chega assim à parte que mais lhe interessa na história: a restauração e colocação sobre o monumento de Bernini.

⁴⁹ Reconhecido como um admirador do Egito, Calígula passou à História por suas ações que beiravam à loucura. Era filho de Germânico, que foi considerado por sua vez um *exemplum virtutis* pela tradição. Assim como *Sothis* era, ao contrário de seu pai, um mau governante, é de se pensar que, apesar do caráter redentório dado à utilização do obelisco na Piazza Navona, Kircher tenha feito uma pequena alusão ao Papa Urbano VIII, predecessor de Inocêncio X e quem financiou as pesquisas e publicações do jesuíta.



Imagem 4: Transporte dos obeliscos para Roma,
pág. 90 do *Obeliscus Pamphilius*

Passemos à narrativa:

*Sobre o terceiro erguimento feito em Roma,
por ordem de Inocêncio X Pontífice Romano*

E assim no ano de 1649, como o Sapiientíssimo Pontífice Inocêncio X, descendente da gloriosa família dos Pamphilios, ascendesse ao supremo governo do mundo, e, revolvendo o seu espírito com elevados e dignos projetos, seguiu os gloriosos passos de seu predecessor Sixtus V, como a cidade já estivesse eximamente nobilizada por obras públicas, edificações esplendidíssimas ele acrescentou à cidade um novo ornamento, como estava este monumento entre os demais, fossem eles sacros ou profanos, ele buscava com estes realçar o esplendor do ano do Jubileu. Entre outras coisas, ele também determinou o erguimento do obelisco.

E assim começados os trabalhos, antes de tudo, foram separados aqueles que ficaram em Roma, em parte soterrados pela terra, em parte horivelmente deformados; no entanto, não sem a Divina Providência, levantamos aquele que Caracala outrora erigira no seu Circo e que devia ser intitulado Pamphilio, nome tirado da referida família do Pontífice, visto que ele continha os mistérios da antiga religião e do culto divino e os mistérios, de certa forma, diferentes da religião ortodoxa.⁵⁰

⁵⁰ “De Tertia Ereptione facta Romae, ab INNOCENTIO X Romano Pontífice.

Anno itaque 1649. Sapientissimus Pontifex INNOCENTIUS X. Cum non ita pridem ex gloriosa Pamphiliorum familia, ad suprema Mundi Gubernacula ascendisset, praeceps dignasque Pontifice cogitationes pectore voluens, praedecessoris SIXTI V gloriosa vestigia secutus ; ut urbem iam diuersorum Pontificum publicis operibus fabricisque splendissimis eximie nobilitatam, nouo cumlaret ornamento , & ipse inter alia, quae sacra quae profana, quibus in Anni Iubilei splendorem erigendis occupabatur, monumenta, Obelisci quoque destinauit erectionem. Initis itaque vltro citroque consilis, prae caeteris tandem Romae superstitibus, partim terra obrutis, partim foede deformatis, is tandem, quem olim in Circo suo Caracalla erexerat, quemque à dicta Pontificis familia Pamphilum intitulum duximus, non sine diuina providentia, vtpote qui praeae religionis cultusque diuini mysteria, orthodoxae religioni haudquaquam absimilia contineret, secernitur.”

Ao comparar Inocêncio X com Sixtus V, Kircher estabelece entre eles uma relação de sucessão em uma era de construções que procuraram remodelar a cidade de Roma e que retomavam o esplendor do Império. Entendidos como a máxima expressão da dominação do Império Romano sobre a imponente civilização egípcia, os obeliscos ganharam destaque nas construções desta época; com Sixtus V adquirem ainda o significado da superação do paganismo pelo cristianismo. Em seguida, o autor apresenta a razão pela qual o obelisco foi escolhido entre tantos outros: suas inscrições, uma vez desvendadas – por ele, no caso – revelariam os mistérios egípcios e mostrariam que mesmo eles já teriam intuído a verdade revelada do cristianismo.

Para restaurá-lo,

(...)foi escolhido como arquiteto Lorenzo Bernini, Cavaleiro singular pela perspicácia de engenho a quem se pode comparar com Michelangelo Buonarroti seja pela excelência na arte da Escultura seja na arte da Arquitetura, o qual com todas essas coisas ornamentou a Cidade [Roma], os trabalhos demonstram isto por meio dos fatos e eu julgo a sua arte quase semelhante à de Michelangelo Buonarroti...

Para realizar tamanho empreendimento Kircher afirma então que foi escolhido um arquiteto tão capaz nessa arte como também na arte da escultura e que ele foi escolhido não ao acaso, mas porque sua arte se comparava a do próprio Michelangelo. E ele continua:

...ao qual o irmão Ludovico Bernini acrescentou uma mão fiel, companheiro de glória fraterna⁵¹. Enfim, foi escolhido um lugar oportuno onde o obelisco devia ser erguido, outrora conhecido como Circo Agonale hoje o Fórum Romano, um lugar situado no meio da cidade, no magnífico e ilustre palácio da família pontifícia dos

⁵¹ Apenas temos notícia, de acordo com R. Wittkower, de Domenico Bernini, irmão e biógrafo de escultor. Quanto aos outros artistas que trabalharam na Fonte o autor fala em cinco outros escultores: Fracchi (responsável pela formação rochosa da base), Raggi (Danúbio), Jacopo Antonio Fancelli (Nilo), Claude Poussin (Ganges) e Francesco Baratta (Rio da Prata). (WITTKOWER: 1997, pp. 268 – 270.)

*Pamphilios, além disso celeberrimo pela freqüência do povo e pelos mercados.*⁵²

Sabemos que o palácio da família – atualmente prédio da Embaixada Brasileira na Itália – passava por reformas, um dos motivos, inclusive, pelo qual a praça teria sido escolhida. Importante centro de Roma, estavam aí abrigadas grandes comemorações com enorme fluxo populacional. Em uma dessas comemorações, por exemplo, enchia-se a praça de água para celebrar as corridas de barco do tempo de Domiciano e refrescar a população durante os meses de calor. Tais comemorações aparecem, por exemplo, na gravura de Falda de 1677 e, posteriormente, na gravura de Vasi de 1752. Em ambas é possível ver um grande número de pessoas ao redor da praça tomada de água.

Piazza
Navona,
Giovanni
Battista
Falda, 1677.



⁵² “(...) In Architectum verò seligitur *Laurentius Berninus* Eques, perspicacitate ingenij singularis, quem Michaeli Angelo Bonarote, siuè Sculptoriae, siue Architectonicae artis excellentiam spectes, vti nobilissima eius, quibus Urbem exornauit, opera fatis demonstrant, paenè supparem censeo; cui fidelem manum adhibuit *Ludouicus Berninus* frater, fraternae gloriae strenuus aemulator; Locus denique erigendo Obelisco oportunus deligitur olim Agonalis Circi nomine insignitus, hodiè forum Romanum in Urbis meditu lio situm, magnifico Pamphiliorum Pontificiae familiae Pallatio illustre, praetera frequentia populi, nundinisque celeberrimum”.



Piazza
Navona,
Giuseppe
Vasi, 1752

Kircher segue, em sua narrativa, com o relato do grande empenho com que o obelisco foi então resgatado do Circo de Caracala e restaurado pelo engenho de Bernini e pelo seu vasto conhecimento.

E assim, dispostas as coisas com cuidado, imediatamente o Obelisco, dividido em cinco partes arrancadas, com grande trabalho, do Circo de Caracala, a seguir, foi colocado em toras cilíndricas, e arrastado pela diligência variada de outras máquinas que serviram para erguê-lo, foi transferido até o lugar estabelecido. E como uma massa extremamente pesada, assim também os sublimes fundamentos, sobre os quais ele era assentado, como era de direito; enquanto se apoiava pesadamente sobre os que jaziam. Durante todo esse tempo, foi empregado muito trabalho na recuperação do obelisco bastante deformado em sua integridade. Uma dificuldade não exígua tinha origem naqueles caracteres que deviam ser fielmente repostos, e que faltavam no obelisco deformado. Na verdade estes caracteres

*deduzidos ou deveriam ser completados pelo próprio engenho ou os espaços destituídos de caracteres deveriam ser deixados no obelisco. Eu não direi qual das duas tarefas é mais difícil, até não direi temerário e assim eu desconheço que mutilação acarretava para o obelisco após isso.*⁵³

Kircher ressalta assim a sua importância e justifica a sua escolha pelo Papa (como veremos adiante) como um dos únicos homens capazes de realizar esta empreitada, que só poderia ser feita através de um vasto conhecimento do assunto, ainda que fosse baseada na experiência e conselhos de outros estudiosos, como ele afirma em seguida.

E assim, segundo conselho de homens versados nas Antiguidades, aquela cova de onde o obelisco fora arrancado havia de ser explorada por uma nova investigação e, se realmente acreditava-se que partes tão notáveis sepultadas pela terra, até aquele momento, estivessem indubitavelmente escondidas naquele mesmo lugar, eu desconheço (com) que indicações elas teriam sido levadas. Enquanto tentava-se esta empreitada, sabiamente, com grande trabalho, todos os fragmentos foram reunidos em um só, não sem a singular disposição de Deus; na verdade como não era possível juntar, convenientemente, sem causar uma enorme deformação, estas partes [quebradas] correspondentes às faces do obelisco, isso foi efetuado pelo engenho do arquiteto de tal forma que os fragmentos tirados de uma mesma pedra Pirita, com uma habilidade singular, foram enxertados em lugar daqueles [que estavam perdidos] a fim de devolver ao obelisco a sua integridade. Em seguida, cabia-me

⁵³ “Rebus itaque hoc modo prudenter dispositis, mox obeliscus in quinque distractus partes è Circo Caracallae summo labore erutus, chamulcis cylindrisque impositus, ergatarum aliarum que machinarum varia industria tractus, in constitutum locum transfertur; Et vti moles oppidò ponderosa; ita alta quoque, quibus imponeretur, fundamenta veluti iure suo postulabat; quibus iaciendis dum strenuè insistitur, ínterim in Obelisco tam foedè deformato integritati suae restituyendo impigrè desudatur. Difficultas non exigua oriebatur in ijs characteribus, qui in varie deformato deerant, fideliter reponendis; Nam hi vel supplendi erant próprio ingenio excogitati, vel relinquenda in Obelisco spatia characteribus destituta; quorum prius vti difficile, nè dicam temerarium; ita posterius Obelisco, nescio quam turpitudinem adferebat.”

distribuir os hieróglifos genuínos extraídos de cada um dos antigos fragmentos e a seguir apresentar os que deveriam ser esculpidos⁵⁴; porque aquilo que foi preservado pela fé, pelo cuidado, pela diligência e sinceridade por meio de M. Antonio Caninium, os autênticos testemunhos anexados à obra ensinarão⁵⁵. Além disso a capacidade criadora singular do arquiteto brilhou nas partes que deviam ser reunidas quando, de maneira muito sutil, ele ligou umas às outras sem quaisquer rejuntas de terra, de forma que, de longe, aos que olhavam parecia feito de uma única rocha.⁵⁶

Entretanto, desde a massa da fundação até à superfície longínqua da terra em trezentos pés de altura sob uma forma oval emergente, outros acessórios são preparados para conciliar a reverência e o ornamento para aquela massa. Pois, como na cidade, um lugar celebérrio tivesse uma utilidade notável ligada ao ornamento do esplendor, foi do agrado de Sua Beatitude que o obelisco exaltasse aquela beleza sobre uma fonte escavada nas rochas. Na verdade nos lados quadripartidos da pedra ele idealizou inferir os colossos⁵⁷, notáveis pelo variado aparato dos símbolos, os quais exibiam graficamente a face quadripartida do mundo com os seus símbolos. Das bacias ou taças precipita-se um fluxo de águas

⁵⁴ Coube a Bernini restaurar a parte física do obelisco e a Kircher determinar que hieróglifos estavam faltando na sua inscrição para que o arquiteto pudesse copiá-los em seus devidos lugares.

⁵⁵ Ao longo de sua obra Kircher faz referência às autoridades sobre o assunto do qual está tratando. Apesar de nunca afirmar a quem ele está se referindo especificamente, no início do livro ele apresenta uma compilação de nomes de eruditos que escreveram a respeito de sua obra, dentre os quais está Caninium. É possível que estas sejam as opiniões dos censores pelos quais o texto passou antes de ser publicado. (FINDLEN: 2000)

⁵⁶ Itaque ab Antiquitatum peritis viris suasum fuit, vt cauea illa, ex qua Obeliscus erutus fuerat, nouo scrutinio exploraretur, siquidem partes tam notabiles haud dubiè eodem loco adhuc alicubi terrâ obrutas latitare, nescio quibus indicijs inducti credebat, quodum improbo sane labore tentatur, tandem omnia ad vnum fragmenta non sine singulari Dei dispositione inuenta sunt; verùm cum haec Obelisci correspondentibus faciebus sine summa deformatione aptè coagmentari non possent, prudentia Architecti effectum est, vt in eorum loca fragmenta ex eodem lapide Pyrite singulari industriâ inserta, Obeliscum suae integritati restituerent; Meum porrò erat singulis sua hieroglyphica genuina ex antiquis fragmentis excerpta assignare, & deinde insculpendatradere; quod qua side, cura, diligentia & sinceritate per M. Antonium Caninium praestitum sit, authentica testimonia operi suffixa docebunt. Eluxit praeterea in coagmentandis partibus singulare Architecti ingenium, dum partes partibus sine vllis terreis retinaculis tam subtiliter connexuit, VT ex vnico faxo minus intuentibus coniectus videretur.

⁵⁷ A própria pedra de onde deveriam emergir as formas já determinava o sentido que se atribuiria a ela. Assim como o Mundo, a pedra que o representava já estava dividida em quatro partes.

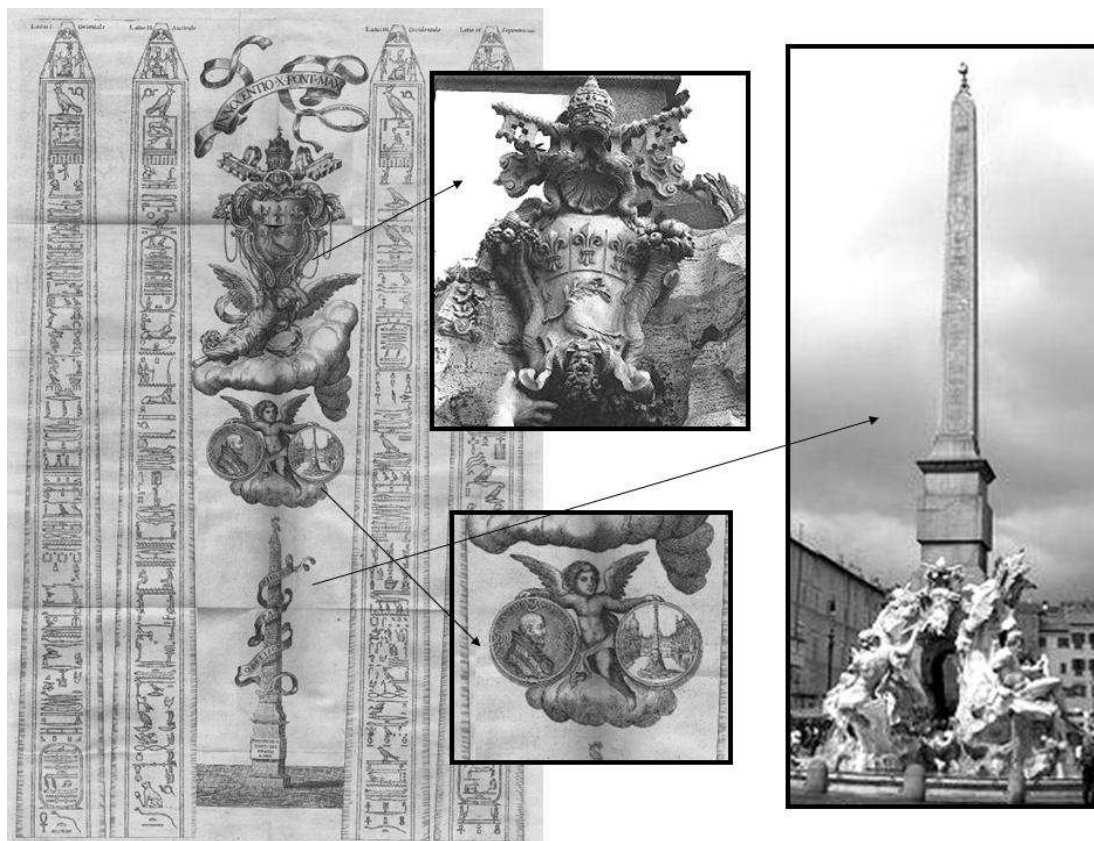
quadripartidas as quais se comprimem com um braço por meio de pedregosas cataratas de pedra em direção de uma vastíssima concha colocada sob a rocha; elas se precipitam com um murmúrio e estrépido agradável. Quando expusemos estas coisas não foi permitido apresentar a notável simetria com todos os seus números. O obelisco foi erguido sobre esta pedra, com um tríplice apoio das bases da pirâmide – como mostra a figura precedente – sem esforço por meio das quatro partes dos cabrestos. Com relação à estrutura ou andaime destinou-se para este trabalho um arquiteto aptíssimo por sua habilidade e suma facilidade e rapidez para erguer uma massa de grande peso. Eu ordenei que as moedas que Inocência X P. M. mandou fabricar para a memória dos pósteros e contemplar na citada figura e também as inscrições as quais eu quis gravar na cimalha de mármore⁵⁸ do obelisco deviam ser colocadas aqui para a memória dos pósteros.⁵⁹

A “figura precedente” a que Kircher faz referência trata-se da gravura em que as quatro faces do obelisco aparecem com seus hieróglifos e que foi reproduzida anteriormente (Imagem 3). Nela, além do obelisco (como se vê a seguir), aparecem ainda o brasão da família Pamphili, que também está representado na Fonte, sendo segurado pelo rio Danúbio; a moeda comemorativa cunhada por Inocência X em que o Papa aparece no

⁵⁸ A correta tradução da palavra que se refere a este detalhe da base do obelisco corresponde também à cimalha de mármore que orna os capiteis das colunas.

⁵⁹ Interea fundamenti mole ex imo ad extinam vsque terrae superficiem in tricenum pedum altitudinem sub ouali forma emergente, alia parerga ad reuerentiam & ornamentum moli conciliandum praeparantur. Nam vt celeberrimus in vrbe locus insignem haberet cum splendoris ornamento coniunctam vtilitatem, placuit *Beatitudini suae* Obeliscum suprâ fontem in rupis formam excauatum exaltare. In rupis verò quadripartitis lateribus totidem inferi voluit Colossos, vario symbolorum apparatu insignitos, qui quadripartitam Mundi facim symbolis graphicé exhiberent; E crateribus verò siue phialis, quas brachio stringunt, quadripartitus aquarum fluxus veluti persalebrosas rupis catadupas in subiectam rupi vastissimam concham iucundo murmure strepituquè precipitaretur. Cuius quidem insignem symmetriam dum haec edimus, vti necdum omnibus numeris absolutam sic neque apponere licuit. Supra hanc itaque rupem triplici basium sulcimenteo Pyramidis (vti figura preacedens ostedit) substrato per partes quatuor Ergatarum ope Obeliscus extollitur. Structura siue pegma huic operi destinatum fuit Architecti industriâ singulare, & ad maximi ponderis molem summa facilitate, & celeritate erigendam aptissimum. Numos verà quos INNOCENTIVS X P. M. Ad posterorum memoriam excudi iussit, in citatâ figura contemplare, inscriptiones quoque, quas Obelisci abaco incidi voluit, hîc ad posterorum memoriam apponendas duxi.

anverso da moeda e a Fonte no seu reverso e, finalmente, o obelisco tal como foi colocado sobre a escultura, com o detalhe da cimalha à qual Kircher faz referência.



Kircher afirma o seguinte sobre a cimalha, que de acordo com ele, deveria ser gravada na base do obelisco para a memória dos pósteros:

Esta inscrição foi colocada no ábaco intermediário da parte oriental do obelisco.

*INOCÊNCIO X P. M. TENDO COLOCADO O OBELISCO
EGÍPCIO NAS QUATRO NASCENTES SAÍDAS DE UMA ÁGUA
PURA, EMBELEZOU O FÓRUM AGONAL AMPLIADO COM O
PALÁCIO PAMPHILIO CONTRUÍDO PARA O SEU MAIOR
PRESTÍGIO.⁶⁰*

*Na parte meridional do ábaco, lê-se esta inscrição:
INOCÊNCIO X P. M. TRANSFERIU, RESTAUROU E ERGUEU O
OBELISCO HERMÉTICO ERGUIDO PELO REI SOTHIS DE
HELIÓPOLIS, TRAZIDO PARA ROMA PELO IMPERADOR
CARACALA E QUE JAZIA QUEBRADO ENTRE OS ESCOMBROS
DO CIRCO CASTRENSE PARA ORNAMENTAR A FONTE DE
ÁGUA PURA⁶¹
COM OS MISTÉRIOS ERUDITOS EGÍPCIOS.⁶²*

*Esta inscrição foi colocada na parte ocidental do ábaco do
obelisco.
INOCÊNCIO X P. M. COLOCOU SOBRE UMA FONTE DE ÁGUA
PURA UMA PEDRA GRAFADA COM ENIGMAS HERMÉTICOS*

⁶⁰ Ex patre Orientali Obelisci, in intermédio Ábaco; haec posita fuit inscriptio.

INNOCENTIUS X P. M.
OBELISCO AEGYPTIO QUATERNIS FONTIBUS
EX AQUA VIRGINE DEDUCTIS IMPOSITO
NATALI DOMO PAMPHILIA MAIOREM IN
AMPLITUDINEM EXTRUCTA
AGONALE FORUM AMPLIFICATUM EXORNAVIT
URBI ROMAE MAIESTATEM ANTIQVAE
PVLCHRITVDINIS AEMULAM
RESTITVIT.

⁶¹ *Acqua Virgine* refere-se também ao Aqueduto ao qual a Fonte estava ligada.

⁶² Ex parte Meridionali Obelisci, in Meridionali Abaci parte, haec legitur inscriptio.

A SOTHI REGE HELIOPOLI ERECTVM
AB IMPERATORE CARACALLA ROMAM DELATVM
INTER CIRCI CASTRENSIS RVDERA
IACENTEM FRACTVMQUE
INNOCENTIVS X P. M:
AD ORNANDVM ERVDITID AEGYPTIORVM
MYSTERIIS AQVAE VIRGINIS FONTEM
TRANSTVLIT, INSTAVRAVIT, EREXIT.

*CONJUGANDO UMA AMENA SALUBRIDADE COM UMA
GRANDE ERUDIÇÃO PARA AMENIZAR A SEDE DOS CORPOS E
AGUÇAR A SEDE DE INTELIGÊNCIA.⁶³*

*Por outro lado, vê-se uma inscrição com este sentido na
última parte do ábaco setentrional do obelisco.*

*A POMBA ESTÁ COLOCADA SOBRE OS PRODÍGIOS ÁUREOS
EGÍPCIOS, ISTO É, A VERDADEIRA RELIGIÃO ESMAGA AS
SEITAS SUPERSTICIOSAS E TRANSPORTANDO A OLIVEIRA DA
PAZ, REDIMIDA PELOS LÍRIOS DAS VIRTUDES, E FIXANDO
PARA SI O OBELISCO EM LUGAR DO TROPHEU⁶⁴, A POMBA
TRIUNFA EM ROMA.⁶⁵*

Kircher finaliza seu texto afirmando o seguinte sobre a posição como os colossos deviam ser colocados em relação ao obelisco:

*E estas são as inscrições as quais o Arquiteto devia colocar
no obelisco que estava voltado na direção do Foro, mas as quais não
se voltam perfeitamente para as quatro regiões do mundo, mas se
afastam, no meio quadrante, das regiões genuínas de forma que os*

⁶³ In Abaci verò Obelisci Occidentalis parte, haec proponitur inscriptio.

INNOCENTIUS X P. M.
AMAENAM SALVBKITATEM CVM MAGNIFICA
ERVDITIONE CONIVNGENS
LITERATVM HERMETICIS AENIGMATIS LAPIDEM
AQVAE VIRGINIS FONTI IMPOSVIT
AD SEDANDAM CORPORVM
ET ACVENDAM INGENIORVM
SITIM.

⁶⁴ Monumento a uma vitória levantado no campo de batalha.

⁶⁵ Tandem in Septentrionali Abaci Obelisci parte vltima, videtur inscriptio in hunc sensum.

SVPER MONSTRA AEGYPTIA AVREA
INSIDET COLVMBIA
HOC EST SVPERSTITIOSAS SECTAS VERA
CALCAT RELIGIO
QUAE PACIS OLEAM GESTANS
VIRTVTVM LILIIS REDIMITA
OBELISCVM PRO TROPHAEO SIBI STATVENS
ROMAE TRIVMPHAT.

quatro ângulos do obelisco quase correspondam às ditas regiões. E assim, a primeira inscrição do Lado I oriental se volta para os palácios dos Turrianos e dos Ursinoros; na verdade, a segunda inscrição que está contida no Lado II do obelisco austral está voltada para o lado visível do Foro no Palácio Pamphiliano e é a inscrição correspondente àquela que outrora Sothis neste mesmo lado do obelisco austral apresentara. A terceira inscrição está voltada para a ilustre praça dos Altempsianos com o edifício do Colégio Germânico. Finalmente a quarta inscrição está voltada para o lado do Foro célebre pela Igreja de São Jacó da Nação Hispânica, além disso não é interessante colocar aqui algumas zombarias de uns certos em relação a tão nobre e notável trabalho.

66

A face quadripartida do mundo foi assim representada pelos maiores rios dos quatro continentes terrestres. Cada um deles acompanhado por um símbolo que o identifica: o brasão papal que o Danúbio segura, o timão que representa a navegabilidade do Ganges, a bolsa de moedas do Rio da Prata e o pano que encobre a cabeça do Nilo. Tradicionalmente associados, no entanto, aos elementos da flora e da fauna que compõem a Fonte, estes elementos adquirem novo significado a partir da cosmologia defendida por Kircher em sua obra.

⁶⁶ “Atque haec sunt inscriptiones; quae quidem ob situm Fori, ad quem se Architectus accommodare debebat, in Obelisco non perfectè respiciunt 4. Mundi plagas, sed medio sere quadrante à genuinis plagis differunt; ita vt anguli Obelisci 4. dictis plagis sere respondeant. Atq; prima quidem Inscriptio lateris I. Orientalis, Turrianorum, Vrsinorumque respicit Palatia; Inscriptio verò secunda, quae in Latere 2. Australi Obelisci continetur, Fori Latus Pamphiliano Palatio conspicuum respicit, respondetque inscriptio, inscriptioni, quam olim Sothis in hoc eodem Australi Obelisci Latere hieroglyphicā peregerat. Tertia Inscriptio respicit Plateam Altempsianis, & Collegij Germanici edibus illustrem; Quarta demum Inscriptio Latus Fori respicit, Ecclesiâ. S. Iacobi Hispanicae Nationis celebre; Fuerunt praeterea & aliorum quorundam in tam nobile, & conspicuum opus, ingeniorum Lusus, quorum hic nonnullos apponere placuit.

Capítulo III

A Fonte dos Quatro Rios

Do centro da Piazza Navona emerge a Fonte dos Quatro Rios de Gian Lorenzo Bernini. Considerada uma de suas obras-primas, seu conjunto figura ainda entre as principais obras do Barroco. Perfeitamente consonante com os ideais desse período, a obra conjuga múltiplos elementos teóricos e diferentes dificuldades técnicas. Nas palavras de Wittkower:

“The town-planning aspect of his task was extremely complicated. He had to erect a monument sufficiently large to emphasize effectively the centre of the long square without disturbing its unity; at the same time the fountain – not axially related to the façade of Sant’Agnese – had to be attuned to the Baroque church then only planned but not erected.”⁶⁷



⁶⁷ WITTKOWER, R. *Bernini: the sculptor of the Roman baroque*. Londres: Phaidon, 1997, p. 175.



Dois outros fatores concorrem ainda para torná-la uma obra de grande expressão: a forma como as duas rochas que a compõem dialogam entre si de maneira a criar uma tensão entre aquilo que é natural e o que é divino; a grande rocha “natural” que serve de apoio para todos os outros elementos encontra seu paralelo no bloco esculpido do obelisco⁶⁸. A primeira, esculpida na verdade por mãos humanas e não retirada da natureza, se pretende terrena; a segunda, por sua vez, pretende simbolizar um raio de Sol petrificado. A própria maneira como o obelisco paira sobre a Fonte torna-se impressionante não apenas pela dificuldade de execução técnica,

mas pela leveza que o monumento adquire. Característica essa que Bernini vai repetir em seu Elefante da Minerva, em que um pequeno filhote de elefante carrega um obelisco no dorso e que será analisada mais adiante (Anexo 1).

Pensado do ponto de vista de uma única escultura, o conjunto da Fonte pode ser identificado com outras obras da sua juventude. O movimento circular que a obra propõe é uma característica que encontramos no conjunto borghesiano, bem como o movimento ascensional tão característico deste mesmo conjunto de esculturas, também encontrado em sua obra *Verdade Revelada* (Anexos 2 e 3).

Essa circularidade, característica da obra de Bernini, permite que observemos a Fonte de diferentes ângulos; paralelamente a isso, o movimento ascensional dirige o olhar do observador para o elemento que paira sobre o ápice do obelisco: a pomba. Esculpidos em escala monumental, os colossos que compõem a Fonte representam os maiores rios dos continentes conhecidos, mas é justamente esta característica que nos

⁶⁸ É possível que Bernini tenha se inspirado nos *nymphaei* greco-romanos, monumentos consagrados às ninfas e que eram, originalmente, escavados na rocha natural, os *grottoes*. Posteriormente, foram criados *grottoes* artificiais para abrigar *nymphaei* que incluíam ainda fontes e estátuas. Foram largamente copiados ao longo do Renascimento e Barroco. De acordo com Hibbard: “Bernini probably got the Idea of a rustic fountain from the grotto nymphaea that were popular in country settings, transforming them into a free-standing city monument rising from an oval lake.” In: HIBBARD, H. *Bernini*. Nova Iorque: Penguin Books, 1965, p. 122.

indica também que aquelas figuras pertencem à esfera divina e representariam ainda os rios do Paraíso.

De acordo com Baldinucci⁶⁹, foi o príncipe Niccolò Ludovisi



Modelo do
Nilo feito por
Bernini. Para
os outros
modelos, vide
Anexo IV.

“che era congiunto in matrimonio com uma nipote del papa, e col Bernino aveva non pure domestichezza, mas anche autorità, il costrinse a farne anch’esso un modello e fu quello in cui egli rapresentò i quattro fiumi principali del mondo: il Nilo per l’Affrica, il Danubio per l’Europa, il Gange per l’Asia ed il Rio della Plata per l’America, con un masso, o scoglio forato, che sostener dovesse la grandissima aguglia. Fecelo dunque il Bernino ed il principe operò, ch’e’ fusse portato in casa Panfilia in Piazza Navona e quivi situato segretissimamente in una camera, per la quale il papa, che un tal giorno era per endarvi a desinare, nel partirsi da mesa, dovea far passaggio. In quel giorno stesso, che fu il giorno della Annunziazione di Maria Vergine dopo la cavalcata comparve il papa, e già finito il desinare, passò insieme col cardinale e la cognata donna Olimpia per quella camera ed in vedere una così nobile invenzione ed un disegno per una mole così vasta, rimase quasi estatico; e conciossiacosaché egli principe fusse di chiarissimo intelletto e di altissime idee, dopo esserci trattenuto attorno al modello sempre ammirandolo e lodandolo per lo spazio di mezz’ora e più; alla presenza di tutta la camera segreta proruppe in così fatta sentenza: ‘Questo è un tiro del principe Ludovisi; bisognerà pure servirsi del Bernino a dispetto di chi non vuole, perché a chi non vuol porre in opera le cose sue, bisogna non vederle’; e subito mandollo a chiamare, e con mille dimostrazioni di stima e d’amore, e con tratto maestoso, quasi scusandosi con esso, addussegli le cagioni, ed i vari rispetti, per i quali egli infino a quel tempo non s’era servito di lui e

⁶⁹ BALDINUCCI, F. *Vita di Bernini*. Milão: Edizione del Milione, 1948.

la commissione gli diede di far la fonte secondo il proprio modello.”⁷⁰

Cada um deles está associado a elementos da flora e da fauna alusivos a sua respectiva zona geográfica. Ainda segundo a narrativa de Baldinucci, os quatro cantos do mundo eram, portanto, representados pelos

“quattro grandissimi giganti fatti di bianco marmo figurati per li quattro nominati fiumi. Il Nilo per l’Affrica, e questo si cuopre con un certo panno la testa dal mezzo in su, per denotare l’oscurità, nella quale é stato per gran tempo il luogo appunto, ove egli vien partorito dalla terra e appresso vi ha una bellissima palma. Il Danubio per l’Europa in atto di ammirare il maraviglioso obelisco, e quelli ha presso un leone. Il Gange per l’Asia con un gran ramo in mano per denotare l’immensità dell’acque sue, e poco sotto ha un cavallo. Finalmente il Rio della plata per l’America figurato in un moro, appresso al quale vedonsi alcuni danari per significare la ricchezza de’ metalli, di che abbonda quel paese, e sotto di sé ha uno spaventevole mostro, che il Tatù dell’Indie volgarmente è nominato; e da presso a tutti i fiumi scaturiscono acque in gran copia tolte dalla fontana di Trevi. Al piano dell’acqua della vasca vedonsi alcuni gran pesci quali in atto di sguizzar per lo mare, tutti bellissimi; uno di questi che è quegli appunto ch’è verso la piazza degli Orsini, mentre dimostra di abboccar l’acqua per sostentar sua vita, viene a riceverne in sé tutto il soverchio, e a darle sfogo; concetto per vero dire ingegnossissimo. (...) In sul bel mezzo della parte superiore dello scoglio posa maravigliosamente in altezza di circa 23 palmi il piedestallo, sopra il quale è ferma la grand’aguglia di circa palmi 80; sopra questa vedesi in altezza di circa 10 palmi un bel finimento di metallo sopra il quale una croce dorata risplende e sopra essa graziosamente campeggia la colomba coll’ulivo in bocca, che è

⁷⁰ *Idem*, p. 102.

l'arme di casa Panfilia e non cagiona poca maraviglia il vedere come una così smisurata mole sia retta sopra lo scoglio così forato e diviso, e come (per parlar co' termini dell'arte) ella si regga tutta in falso. Cadono l'acque in abbondanza, le quali col dolce mormorio e per l'attributo di lor bontà servono molto alla comune dilettazone e utilità. In questo gran lavoro sono di tutta mano del Bernino lo scoglio tutto e la palma, il leone, e mezzo il cavallo. Fu il Nilo opera della mano di Jacopo Antonio Fancelli, il Gange di monsù Adamo, il Danubio di Andrea detto il Lombardo, ed il Rio della Plata di Francesco Baratta.⁷¹ E' però vero, che in questo gigante e nel Nilo diede molti colpi di sua mano lo stesso Bernino."⁷²

O Rio Ganges é representado como um homem de meia idade, segurando um remo, o que alude à navegabilidade de suas águas, como afirma Baldinucci. O Danúbio, único que se volta na direção do obelisco, segura o brasão papal, e ele é velho assim como o velho continente. O Rio da Prata é representado por um mouro com um dos braços levantados representando possivelmente a iluminação da revelação apostólica. Junto dele, uma bolsa de moedas que se esparramam representa as riquezas extraídas da América. Baldinucci afirma ainda que o Nilo era representado com a cabeça coberta devido ao desconhecimento da nascente de suas águas. A cada um deles o autor associa um animal representado na Fonte: cavalo/Ganges, leão/Danúbio, tatu/Rio da Prata; à exceção somente do Nilo a quem ele associa a palmeira.

⁷¹ De acordo com Wittkower, no entanto, toda a formação rochosa da base com suas plantas e animais foi, primeiramente trabalhado *in loco* por G. M. Fracchi; o Danúbio foi esculpido por Raggi e o Ganges por Claude Poussin. Ambos concordam apenas que o Nilo foi esculpido por Fancelli e o Rio da Prata por Baratta. In: WITTKOWER, R. *Bernini: the sculptor of the Roman baroque*. Londre: Phaidon, 1997.

⁷² BALDINUCCI, F. *Vita di Bernini*. Milão: Edizione del Milione, 1948, pp. 103 – 104.



Detalhes do *Rio Danúbio* – olhando para o obelisco; e do *Rio Nilo* – com a cabeça coberta por um pano.



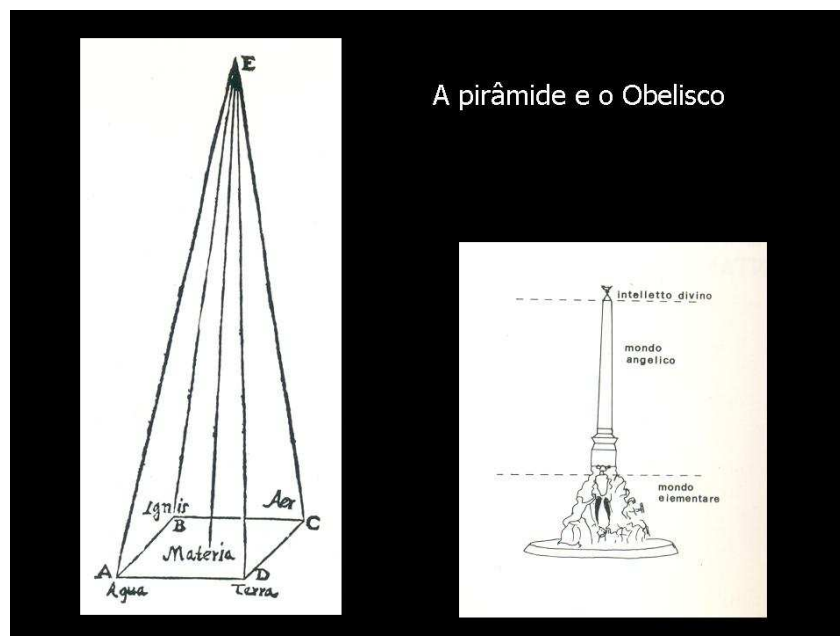
Detalhes do *Rio Ganges* – com timão; e do *Rio da Prata* – com um dos braços levantados.

Sobre o conjunto da Fonte, situa-se o obelisco egípcio que por sua vez é encimado não pela tradicional cruz católica, como descreve Baldinucci, mas somente pela pomba carregando no bico um ramo de oliveira, conforme citamos. Símbolos de uma era gloriosa e passada, os obeliscos eram entendidos, desde Sixtus V, como símbolos do triunfo do Cristianismo sobre o Paganismo – interpretação essa que vai ao encontro da representação dos quatro continentes do monumento berniniano, uma vez que ele reflete a dominação do homem sobre a Terra e, conseqüentemente, a dominação cristã sobre as outras religiões.

Detalhe do obelisco encimado pela pomba carregando um ramo de oliveira.



Para Kircher, todos os mistérios tinham caráter matemático, de modo que tudo podia ser reconduzido às formas numérica e geométrica – sistema esse considerado idôneo para representar a essência divina do universo, obscuramente intuída pelos antigos e revelada ao Cristianismo⁷³. Por esta razão a pirâmide e o obelisco apresentavam implicações teológicas. Nesse contexto, ela simbolizava o poder divino, de onde todas as coisas provinham. Sua base representava tudo que é criado através do poder divino, cada um dos quatro vértices da base aludia a um elemento: ar, fogo, terra e água, todos provenientes do ápice da pirâmide, que por sua vez representava Deus⁷⁴. O obelisco, cuja forma é composta pela base alongada de uma pirâmide encimada por outra pirâmide, representaria então a ligação entre o intelecto divino, o mundo angelical e a esfera dos elementos⁷⁵.



⁷³ RIVOSECCHI, Valerio. *Esotismo in Roma Barocca: studi sul padre Kircher*. Roma: Bulzoni Editore, 1982, p. 63.

⁷⁴ CIPRIANI, Giovanni. *Gli obelischi egizi: politica e cultura nella Roma Barocca*. Florença: Leo S. Olschki Editore, 1993. pp. 124 – 125.

⁷⁵ RIVOSECCHI. *op. cit.*, p. 64.

A própria forma do triângulo constituía uma representação importante, pois simbolizava a tríade divina egípcia Osíris, Ísis e Hórus. Esse triângulo, no entanto, funcionava de maneira invertida, pois na base virada para cima encontrava-se o casal divino e na ponta virada para baixo, o filho Hórus. Ao identificar a tríade divina egípcia com a Santíssima Trindade, Kircher inverte novamente o triângulo, colocando Deus no vértice principal, Jesus Cristo e o Espírito Santo na base do triângulo. Hórus é uma divindade solar, que para os egípcios representava o sol do meio-dia. Kircher associa o Sol à figura de Deus, argumentando que o primeiro era, na realidade, um símbolo da Trindade, pois possuía três poderes distintos: o de fecundar, imperceptível, que alude à figura do padre; a luz que remete ao Filho e o calor que representa o amor do Espírito Santo⁷⁶. Com isso, Kircher alcança dois propósitos: estabelecer uma linguagem com valores universais, de comunicação imediata conservando, contudo, seu valor enigmático; ao mesmo tempo em que ele estabelece uma relação entre o paganismo e o cristianismo, reduzindo o culto politeísta a um culto solar e, portanto, monoteísta. Ísis e Hórus perdem seu caráter de divindades independentes, tornado-se portanto, manifestações de Osíris.

Desta forma, o poder papal, representado pela pomba no ápice da pirâmide chega à base elemental através do corpo do obelisco, que representa o mundo angelical. O universo estaria assim dividido em três esferas: a divina, a angélica e a dos elementos. Essa base elemental, sobre a qual Deus criou o mundo, é ratificada pela representação dos quatro continentes, todos banhados pelo poder divino e, conseqüentemente, abarcados pela Igreja Católica.

Essa, no entanto, é apenas uma das possíveis interpretações do monumento. De acordo com Rivosecchi, é necessário ainda estabelecer mais um significado, a que ele vai chamar “negativo” em oposição ao “positivo”, este último exposto anteriormente. Esta outra interpretação entende o monumento como símbolo de purificação utilizando para isso o binômio luz-sombra. Considerando então que o obelisco estaria representando o Sol e portanto, a luz, a gruta representaria a sombra. No entanto, é possível ainda associar um significado egípcio ao monumento. Cada um dos animais escolhidos para a fonte faz referência à mitologia egípcia. Por exemplo, o cavalo e o leão possuem uma simbologia

⁷⁶ *Idem.*

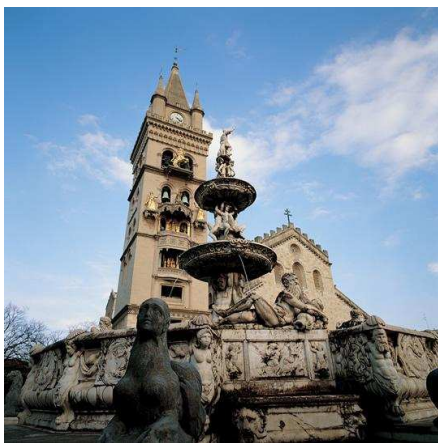
complementar um ao outro. O leão simboliza a força solar e a cheia do Nilo, que ocorria quando o Sol atingia o signo de Leão (entre os meses de julho e agosto), trazendo fecundidade ao vale do rio.

Em oposição à divindade solar, que Kircher atribuía a Osíris (e não a Hórus), está Seth, o “vento árido do deserto”, deus do deserto e do caos, que mata seu irmão Osíris. No mito, Seth ordenou que atirassem o corpo de Osíris no Nilo. Ísis o encontra, mas ao deixar o corpo sozinho, Seth o vê e corta-o em muitos pedaços, espalhando-os pelo Egito. Ísis sai à procura das partes de seu marido e com elas faz a primeira múmia. Contudo, um peixe havia comido os genitais do deus. Ela então os reconstitui magicamente e consegue assim conceber um filho seu, Hórus. Este herda o poder real do pai na terra, enquanto Osíris, para sempre o rei morto, governou o reino dos mortos.

O animal que se associa a Seth é o hipopótamo, cujo nome refere-se etimologicamente à expressão “cavalo do rio”. Bernini coloca na posição diametralmente oposta à do Leão, um cavalo com a crina agitada pelo vento e emergindo da água. Ambos representam assim o dualismo morte–regeneração, que Kircher acreditava estar presente em todas as religiões antigas⁷⁷.

Assim é que todos os elementos que compõem a Fonte não são claramente egípcios ou mesmo egipcizantes, mas possuem a sua evocação na cultura nilótica. O significado de cada um deles é descrito pelo padre no 4º capítulo de seu livro, em que ele estabelece o significado dos sinais hieroglíficos que aparecem no corpo do obelisco e que se repetem na composição do monumento, desde a pomba que figura sobre o obelisco até os elementos que compõem a sua base, como as figuras antropomórficas na forma de colossos.

A representação dos rios na forma de colossos era normativa desde a Antiguidade. Durante o Renascimento e o Barroco há inúmeros exemplos desse tipo de representação. É o caso, por exemplo, no século XVI, dos dois rios que ladeavam a entrada do Palácio Senatorial na *Piazza dei Campidoglio*. E



Fontana di Orione,
G. A. Montorsoli,
1551.

⁷⁷ RIVOSECCHI. *op. cit.*, p. 130.

no século XVII, os rios da *Fontana alle quattro fiumi* e da *Fontana di Orione*⁷⁸, à qual se associa também um significado egípcio uma vez que a constelação de Orion era associada ao deus egípcio Osíris. Descrita, no entanto, como uma única estrela no Texto das Pirâmides⁷⁹, o surgimento de sua estrela mais brilhante no céu indicava o aparecimento, pouco tempo depois, de Sirius – identificada por sua vez com Ísis, esposa e irmã do deus. Construídas em diferentes épocas, estas fontes são exemplos da forte presença da tradição que surgiu ainda na Antiguidade e que perdurou até o século XVIII. Influenciadas, em sua maioria, pela descoberta da escultura do Nilo (que hoje se encontra no Museu Vaticano) no início do século XVI, essa representação antropomórfica da divindade nilótica remonta ao século II d.C. Durante o período faraônico egípcio, o rio Nilo não era divinizado, sua divindade era expressa por meio do deus Hapi que simbolizava o poder de fecundar próprio do rio. Em uma de suas representações, descrita por Lobianco, em seu artigo *Nilo, Euthenia e Deméter: mito, religião e poder no Egito Romano (século II d.C.)*, o deus aparece

“portando uma peruca tripartite, encimada por uma coroa dividida em duas partes: na inferior, há uma base decorada por linhas em formato de ziguezague - remetendo ao hieróglifo da linha d’água, referindo-se ao rio Nilo -, e na superior há três ramos de papiro, planta aquática nilótica, símbolo da região do Delta. O deus segura com suas mãos uma bandeja, que representa uma mesa de oferendas, sobre a qual se vê um pão redondo e dois *vasos-hst*, isto é, jarras de água do Nilo, utilizadas para libação.”⁸⁰

⁷⁸ Situada em Messina, a obra de Giovanni Angelo Montorsoli – discípulo de Michelangelo – data de 1551, ano em que se comemorava a finalização do primeiro aqueduto da cidade, que canalizava as águas dos rios Camaro e Bordonaro. Seu esquema compositivo remonta à forma de uma pirâmide, em que Orion, mítico fundador da cidade e a quem é dedicada a fonte, aparece com seu cão Sirius, na posição do vértice superior da composição. Quatro tritões sustentam a bacia marmórea sobre as quais quatro ninfas apóiam, por sua vez, a bacia sobre a qual o deus gigante está. A base do conjunto é formada por uma piscina decagonal onde se encontram as esculturas dos rios Camaro, Ebro, Tevere e Nilo. Cada um deles é representado com os atributos que o identificam: o pequeno rio citadino é identificado pela porta da cidade à qual a figura feminina que representa Messina convida o rio a entrar; sob o Ebro são esculpidas a águia espanhola e as colunas de Hércules; o Tevere é representado com a loba e os gêmeos Rômulo e Remo e, finalmente, o Nilo é esculpido com uma palmeira e sete crianças que representam os seus afluentes no Delta.

⁷⁹ Os textos das pirâmides constituem uma coletânea de hinos e fórmulas mágicas, dentre outros gêneros, que tem por finalidade assegurar a eternidade do faraó no Outro Mundo. Retirados das pirâmides do Antigo Império, estes textos não apresentam, contudo uma unidade, sendo assim designados modernamente.

⁸⁰ LOBIANCO, Luís Eduardo. *Nilo, Euthenia e Deméter: mito, religião e poder no Egito Romano (século II d.C.)*. X Jornada de Estudos da Antigüidade, 2008, p. 2.

A partir da helenização do Egito, o próprio rio passou a ser divinizado, surgindo então a representação do Nilo. Associado ao próprio curso do rio, e não apenas à sua cheia, como é o caso de Hapi, sua iconografia corresponde a

“um homem na maturidade, usando barba, tendo o ventre arredondado e trajando um tecido a lhe envolver as ancas e as pernas - o *himátion*. O deus é representado deitado ou recostado, segurando na mão direita um feixe de trigo e na esquerda uma cornucópia. No período romano não somente *Nilo* é um deus bastante popular, bem como tal iconografia torna-se mais complexa. Em geral vê-se animais naturais do Egito, e junto dele: a esfinge – que simboliza este país – o crocodilo e o hipopótamo – os quais vivem no rio Nilo. Preserva-se na época imperial a representação da cornucópia, a qual desta feita encontra-se lotada de frutos, remetendo à idéia de prosperidade e abundância agrícola.”⁸¹

*Nilo,
Fonte dos
Quatro Rios.
Piazza
Navona,
1648 - 1651*



O Nilo esculpido na Fonte de Bernini aparece sentado, em meio ao ato de retirar um pano que cobria a sua cabeça. Ao desvelar parte de seu rosto, surge a face de um homem usando barba. Em torno dele, ressalta-se a palmeira, parte do leão e um animal tido como o tatu. O torso do deus rio é inspirado ainda na obra inacabada de Michelangelo para

o túmulo da família Médici (Anexo V).

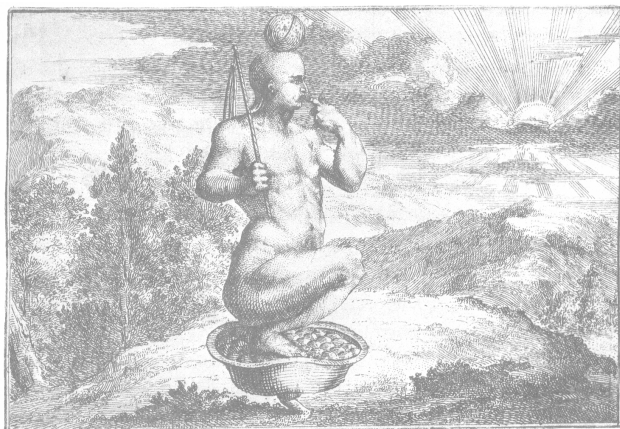
Os quatro cantos do mundo representados na Fonte dos Quatro Rios são mostrados, contudo, não por suas características geográficas ou naturais, mas por aquilo que simbolizavam. Ao contrário da recorrente associação dos rios a um animal, cada uma de suas representações traz consigo um símbolo que o caracteriza como tal: o brasão papal, o timão, o pano e a bolsa de moedas. O Danúbio, segurando o brasão papal, é representado

⁸¹ *Idem.*

por um homem velho simbolizando não só o Velho Continente mas também a relação entre a maturidade do mesmo opondo-se ao recém descoberto Novo Mundo que vem caracterizado pelo Rio da Prata. Tal rio está personificado não por um índio, como costumam ser as alegorias da América, mas por um mouro com um dos braços levantados simbolizando, possivelmente, a iluminação da revelação apostólica. E apesar da publicação de grandes léxicos simbólicos nessa época, como a *Iconologia* de Ripa em que a América era representada como uma mulher usando um tipo de cocar e carregando arco e flecha, tendo aos seus pés um lagarto, muitas vezes substituído por um tatu, era comum que os personagens ainda não convertidos ao Cristianismo fossem representados como muçulmanos. Junto dele, aparece ainda uma bolsa de moedas se esparramando as quais são símbolos das riquezas extraídas da América.

O Rio Ganges nos é mostrado segurando um remo que alude à navegabilidade de suas águas, contradizendo isto, no entanto, figura uma ameaçadora serpente marinha aos seus pés. Esta por sua vez, não aparece citada na bibliografia sobre o assunto e sua simbologia deve ser associada ao imaginário mítico seiscentista. A cabeça coberta do Nilo alude possivelmente ao pouco conhecimento a respeito da nascente de suas águas, descoberta somente em 1618, por outro lado pode também enfatizar o problema dos mistérios do antigo conhecimento egípcio. À sua representação associa-se a figura de Harpócrates. Sentado sobre uma flor de lótus, ele leva a mão à boca em sinal de silêncio e

Harpócrates
Kircher,
Athanasius.
Oedipus
Aegyptiacus,
1652



discrição, sinal este que era característico da infância no Antigo Egito: o gesto de levar a mão à boca foi interpretado pelos Humanistas como um sinal de aviso de uma doutrina oculta, e o ato do Nilo de retirar o pano de sua cabeça pode então ser interpretado como a revelação dos mistérios egípcios.

Assim, é importante observar que, de acordo com Kircher, cada um dos animais que aparece em seu livro possui uma função divina dentro da cosmogonia egípcia. Ao longo do quarto capítulo de sua obra, o jesuíta disserta sobre quase todos os elementos hieroglíficos que ele julga aparecerem nas inscrições do obelisco. Neste capítulo, especificamente, ele

discorre sobre o significado simbólico dos diferentes tipos de hieróglifos: animais, plantas e símbolos geométricos. Na Fonte, no entanto, aparecem apenas alguns dos animais a que ele se refere em sua obra. *A priori*, somos levados a pensar que foram representados apenas quatro animais, sendo cada um associado a um rio de cada continente: leão, cavalo, serpente e tatu. Entretanto, fazem parte da Fonte ainda outros três animais além dos já mencionados: duas serpentes marinhas e um peixe.

Ao considerarmos essa interpretação dos rios vinculados aos animais nos deparamos com um primeiro problema que é o número de animais que aparece na fonte. Se tomarmos como base a *Iconologia* de Cesare Ripa, o cavalo estaria representando a Europa, o leão entre o Nilo e o Ganges, poderia representar tanto a África quanto a Ásia – que por sua vez, costuma ser representada por um camelo e, finalmente, o tatu representando a América. Não integrariam as alegorias dos continentes a cobra, as duas serpentes marinhas e o peixe. Todos esses animais, à exceção do tatu, são descritos por Kircher no quarto capítulo de seu livro, ainda que nem todos tenham uma entrada específica, muitas vezes aparecem associados a outros animais, como por exemplo as serpentes marinhas que integram o grupo das “Serpentes, Áspides e Dragões”. Além disso, esses animais são também citados na Bíblia, e o que é mais importante, nas passagens que se referem ao Egito, ao que retornaremos mais adiante. Ao questionarmos a possibilidade de que o animal representado não seja um tatu, uma primeira interpretação seria considerá-lo um dragão.

Segundo Kircher as áspides e os dragões constituíam junto com as serpentes um mesmo grupo simbólico que representava a salvação⁸². Não seria apropriado, portanto, afirmar então que o animal representado ali seja um dragão, como primeiramente foi pensado, uma vez que o seu significado estaria repetindo aquilo que é representado pela serpente. Além disso, ele se encontra nas costas do Rio da Prata, o que não o ajuda a complementar a sua alegoria e, sim de frente para o Nilo.

Se tomarmos como base as afirmações de Rivosecchi, o leão e o cavalo representam um par, de significado complementar. Para o jesuíta, o primeiro representa a força solar, a luz; e o segundo, representado não pela figura do próprio cavalo, mas por um hipopótamo, simbolizaria as trevas⁸³. Cada um deles está associado a um deus egípcio: Osíris e Seth

⁸² KIRCHER, Athanasius. *Obeliscus Pamphilius*, pp. 347 – 351.

⁸³ De acordo com Germond, como os cavalos entraram tardiamente na civilização egípcia (c. 1640 a. C., com a dominação hicsa, que marca o Terceiro Período Intermediário, imediatamente anterior, portanto, ao Novo

respectivamente. Como mostramos anteriormente, Kircher defendia que o obelisco era dividido em três partes: a divina, a angelical e a elemental. Esta última representava os quatro elementos que constituem o mundo. Sendo assim, o ar, o fogo, a terra e a água possuem em cada um dos animais o seu paralelo.

De acordo com Rivosecchi, o cavalo é descrito por Kircher como a figura do hipopótamo – como dissemos acima, sendo assim, acreditamos que o tatu que acompanharia o Rio da Prata poderia estar simbolizando por sua vez, o crocodilo descrito por Kircher como símbolo do Egito. Desta forma, o primeiro par de significado estaria representado pelo leão e o cavalo e um segundo par de significado complementar estaria representado pelo crocodilo e a serpente. E, para coroar a sua alegoria, a pomba, que, apesar de não estar situada junto aos outros animais, é de extrema importância para a interpretação do monumento, como veremos adiante.

Império), eles nunca foram incluídos na esfera religiosa, sendo associados, posteriormente, a duas deusas asiáticas, Anat e Astarté. Seth, por outro lado não era associado ao hipopótamo, este vinculava-se à deusa Tauret, que segundo Plutarco teria traído o deus para ficar ao lado de Hórus na luta com aquele pelo trono de Osíris. O deus associado a Typhon pelos gregos, era uma divindade híbrida, cuja cabeça representava uma criatura quimérica, que era muitas vezes associada a um cão selvagem, um macaco, uma girafa ou um tamanduá. De acordo com o autor ainda, “the only reasonable conclusion to draw from all this is that these representations of Seth are indeed chimerical, and that this fanciful beasts endowed with a motley array of features characteristic of desert animals, were intended as imaginative expressions of the anarchic forces of nature.” (GERMOND: 2001, p. 175)

Capítulo IV

Idéias hierogramaticais

Denominado *Idéias Hierogramaticais contidas no obelisco Pamphilio*, sua *exposição e demonstração da doutrina*⁸⁴, o quarto capítulo do *Obeliscus Pamphilius* é dedicado à descrição dos animais que, na opinião de Kircher, estavam representados no Obelisco Pamphilio e que, portanto, faziam parte da cosmologia egípcia, ainda que nem todos aqueles escolhidos por ele fossem representados hieroglificamente pelos egípcios. Além dos animais, o padre disserta ainda sobre a importância de certos elementos geométricos, da figura humana e de algumas plantas nativas do Egito. Dentre os animais que fazem parte da obra, estão o crocodilo, a serpente e a pomba; ainda o cavalo e o hipopótamo, amplamente descritos por Rivosecchi.

De acordo com Kircher temos:

HIEROGRAMATISMUS IX

Crocodilo ou Sobre a significação hieroglífica do crocodilo

O crocodilo é um animal anfíbio; como entre os egípcios ele tem um nome notável, assim também ele gerou uma descendência variada de bagagem hieroglífica. Em primeiro lugar, os mistérios mais secretos indicavam uma certa inteligência da essência divina por meio da natureza deste animal. Assim também, este animal, escondendo-se sob as águas por meio de uma película diáfana da pupila, vê os outros animais com os olhos eminentes fora da água, mesmo escondido e []⁸⁵. Assim diz-se que Deus vê todas as coisas, ou melhor, que não existe nenhum poder em direção do qual os olhos

⁸⁴ *Ideae Hierogrammaticae, quotquot in OBELISCO PAMPHILIO continentur, seorsim expositae & ex omnigena doctrinae demonstratae.*

⁸⁵ Em função do estado da obra, não foi possível transliterar os originais gregos, substituídos ao longo do texto, por [].

da mente divina não estejam voltados; estando ele mesmo muito distante dos sentidos de todos os mortais, está invisível e []⁸⁶, embora esteja presente, intimamente, em todas as coisas. Como o crocodilo, entre os outros animais, não possui língua, a partir daí aqueles que designavam o crocodilo, pintavam a natureza inefável de Deus, e assim diz Abenephi⁸⁷: [...] ⁸⁸ “E porque a natureza de Deus é incompreensível e imutável, invisível aos olhos dos filhos do homem, a partir daí quando eles queriam significar a natureza invisível de Deus gravavam a figura do crocodilo porque este animal vê e não é visto e, como o crocodilo não tem língua, representavam por meio dele a natureza incompreensível e inefável de Deus”.

Valeriano⁸⁹ confirma estas coisas utilizando-se do pensamento de Hórus, por meio da pintura do crocodilo escondido em uma gruta, só se via a sua cauda, dizia que isto significava a cabeça de Deus e a sua substância desconhecida; na verdade por meio da cauda aparente Deus pode ser conhecido a partir de suas obras e não a posteriori. Em segundo lugar, quando os sacerdotes desejavam significar o movimento do Sol representavam a sua imagem em um navio, que era conduzido por um crocodilo⁹⁰. Por meio deste, disfarçadamente, mostravam o movimento do Sol para gerar as coisas no elemento úmido. Na verdade por meio do crocodilo mostravam a água doce que o Sol purifica com o seu calor e assim Eusébio⁹¹, livro III, capítulo III, ressalta, em relação às coisas do Evangelho: [...] ⁹² Na verdade aquele que conduz a

⁸⁶ Idem a nota 2.

⁸⁷ A única referência que encontramos para Abenephi, o Árabe, está em Mr. de Pauw “Philosophical Dissertations on the Egyptians and Chinese”, traduzido para o inglês por Captain J. Thomson e publicado em 1795.

⁸⁸ Aqui Kircher faz uma longa citação em árabe vertida para o Latim por ele mesmo em seguida.

⁸⁹ Piero Valeriano (1477 – 1558), escreveu *Hieroglyphica*, inspirado pela descoberta da obra homônima de Horapollon, publicando-a em 1556.

⁹⁰ A imagem do Sol que viaja em uma barca é bastante recorrente na mitologia egípcia para representar a viagem do Sol pelo mundo dos vivos e em seguida pelo mundo dos mortos. No entanto, o animal que se associa a essa representação é o escaravelho.

⁹¹ Eusébio de Cesaréia, História Eclesiástica.

⁹² Idem a nota 5.

embarcação é associado ao Sol. Tendo sido a nave levada por um crocodilo por debaixo dela, na verdade o navio mostra o movimento do Sol no elemento úmido; o crocodilo avança pela água potável por meio da qual o Sol também é levado. Portanto, com estas coisas estava assinalado que o Sol percorre sua circunvolução através do elemento úmido e doce.

Em terceiro lugar, quando indicavam o nascimento do Sol, retratavam os olhos do crocodilo ou porque este animal foi apresentado com os olhos proeminentes ou porque, sem nenhuma incubação dos pais, ele vem à luz expulso do ovo, assim atesta Hórus [...] ⁹³. Segundo o testemunho de Hórus, eles representarão o ocaso desta maneira: [...] ⁹⁴ o crocodilo deitado no chão dobrado e inclinado com a cabeça na terra, porque assim como o Sol aparece durante todo o dia sobre o Horizonte, quando ele se põe, na verdade, ele permanece sob o Horizonte, diz-se então que o crocodilo durante todo o dia detém-se sobre a terra com os olhos bem abertos, durante a noite sua visão permanece sob as águas. Em outra passagem ⁹⁵, diz-se que os egípcios teriam assinalado estas coisas na disciplina moral por meio do crocodilo.



Em quarto lugar, a terra do Egito, ou o Nilo, é invocada pelo crocodilo, isto porque este animal é próprio do Egito; daí o Imperador Augusto, tendo submetido o Egito ao poder do povo Romano, gravou uma moeda com a palma e o crocodilo ⁹⁶.

Em quinto lugar, [os egípcios] representam o nascimento, o ocaso e a essência conforme a substância do elemento úmido, bem como mostram o Gênio Lunar presidindo à umidade necessária à geração das coisas; e representavam Ísis sob a forma de Íbis ou visível com a cabeça

⁹³ *Idem* a nota 5.

⁹⁴ *Idem*.

⁹⁵ Kircher faz referência aqui a um outro texto, o qual ele não especifica, no entanto.

⁹⁶ Após vencer a Batalha do Ácio e subjugar o Egito ao Império Romano, tornando-o uma província de Roma, Augusto manda cunhar moedas comemorativas entre as quais estavam representados o crocodilo e a palmeira, ambos reconhecidamente pertencentes à fauna e flora nilóticas.

de íbis sobre um trono quadrado tendo aos seus pés dois crocodilos prostrados em posições opostas olhando atentos para os dois lados. Este esquema é encontrado no terceiro espaço médio da Tabula Bembina, o qual, por causa da grande variedade de elementos e dos muitos mistérios contidos nesta obra, não podemos explicá-los diante da brevidade do tempo, e, propositadamente, reservamos a sua interpretação para o Édipo^{97 98}.

⁹⁷ Refere-se ao *Oedipus Aegyptiacus*.

⁹⁸ “De Crocodili significatione hieroglyphica.

Crocodilus Amphibium animal, uti in gni apud Aegyptios nominis, ita variam quoque hieroglyphica suppellectilis sobolem peperit. Primo secretiores mystae, diuinae quandam essentiae rationem per huius animalis naturam indicabant. Sicuri enim hoc animal sub aquislates per diaphanam obductam pupillae pelliculam, alios quidem eminentibus solùm extra aquam oculisintuetur, ipso latente & [], ita Deum omnia intueri, nihilque adeò imperuium esse, ad quod diuinae mentis oculi non dirigantur, ipso ab omnium mortalium sensibus remotissimo, inuisibili & [], etsi intime omnibus praesente. Cùm verò Crocodilus inter coetera animália sit sine lingua, hinc Dei inessabilem naturam designantes Crocodilum pingebant, ita Abeneph: [] *Et quoniam natura Dei incomprehensibilis & immutabilis est, inuisibilis ab oculis filliorum hominis, ideò quando significare volebant naturam Dei inuisibilem, incidebant figuram crocodili, quoniam hoc animal uidet & non uidetur, & quoniam crocodilus est elinguis, ideò naturam De: notabant incomprehensibilem & inessabilem.*

Quae confirmat Valerianus ex mente Hori, qui per Crocodili picturam in specu latitantis, cuius cauda tantum conspiciatur, Dei caput & substantiam eius incomptam; per caudam verò apparentem, Deum non nisi à posteriori, hoc est, ex operibus cognosci posse, significabat.

Secundo, praeterea cum motum Solis significare volebant Sacerdotes, imaginem Solis pingebant in nauis, quam serebat Crocodilus, quo occultè notabant motum Solis in humido as rerum generationem, per Crocodilum quidem aquam dulcem, quam suo Sol calore purificat, ita Eusebius lib. 3. c. 3. preparat. Euangelicae. [] *Solem verò significat per hominem gubernantem nauem. Nauis à Crocodilo subiecto deportatà; ostendit quidem nauis, Solis in humido motum; Crocodilus verò aquam potabilem per quã Sol fertur. Signatur ergo hisce, Solem per aeris humidi, & dulcis circumuolutionem suam peragere.*

Tertiò, Solis ortum indicaturi, Crocodili oculos effigiabant, vel quia hoc animal oculis prominentibus praeditum est, vel quia sine vllo parentum incubatu ab ouo exclusum in lucem exeat, ita Horus: []; Occasum verò significaturi, teste Horo, []. *Crocodilum inflexum ac cernuum terra prostratum pingunt, quia sicuti Sol ortus Toto die supra Horizontem, occidens verò infra Horizontem Manet, ita Crocodilus interdum supra terram vegetis oculis, noctu sub aquis obtuso visu commorari dicitur.* Quae verò in morali disciplina per Crocodilum signarint Aegyptij, alibi dicitur.

Quartò, per Crocodilum indigitatur terra Aegypti, vel Nilus, eò quod hoc animal Aegypti proprium sit; hinc Imperator Augustus Aegypto sub potestatem Romani populi redacta, numum excudit cum palma & crocodilo.

Quintò, Ortum, Occasum que, facultatem que in humidi elementi substantiam, vti & Genium Lunarem humiditati ad rerum generationem necessariae praesidentem significaturi, Isidem ibimorpham, siuè ibidis capite conspicuam in sede quadrata, cui duo crocodili in oppositis partes respicientes prosternuntur, depingebant. Hoc schema conspiciatur iu tabulae Bembinae medio spatio tertium; quod cùm ob maximam rerum sub eo contentarum varietatem, mysteriorum que multitudinem hoc loco ob temporis breuitatem explicare non possimus, eius interpretationem Oedipo consultò referuauimus.

Detalhe
da parte
central da
*Mensa
Isiaca*.



Para finalizar a sua exposição sobre o crocodilo, Kircher refere-se a sua função dentro da mitologia egípcia: a de guardar o trono de Ísis. A deusa, no entanto, aparece com cabeça de íbis, confundida com o deus Thoth, este sim, representado por esta ave.

Para confirmar esta interpretação, Kircher faz referência à *Mensa Isiaca*. Esta obra, datada do I século d. C., mostra a deusa Ísis representada ao centro da imagem dentro de um *naos*, cercada pelas figuras de outros deuses e personagens fazendo oferendas. Estas cenas são separadas por inscrições hieroglíficas

desprovidas de qualquer significado, possuindo apenas valor decorativo. Sua iconografia é claramente baseada nos modelos egípcios, no entanto, apresenta uma série de elementos que não pertencem a essa tradição. Posteriormente, no *Oedipus Aegyptiacus*, Kircher usará a descrição de Plutarco sobre Ísis para guiar a representação da deusa que ilustra o seu volume.

A *Mensa Isiaca* ganhou notoriedade não só por suas características ímpares, mas, principalmente, pela notícia de sua descoberta, vindo integrar a coleção de Antiguidades do Cardeal Bembo com quem Kircher tinha em comum não só o sacerdócio, como também o gosto pelo colecionismo. Em seu museu, Kircher possuía inúmeras antiguidades, além de uma série de obeliscos feitos em madeira nos quais ele gravou hieroglificamente os nomes de grandes personagens contemporâneos a ele. Pietro Bembo, contudo, não se dedicou à interpretação hieroglífica, direcionando seus estudos para o que se convencionou chamar *studia humanitatis*. Para os humanistas, a literatura clássica fornecia o modelo pelo qual os homens deveriam guiar a sua conduta. O que, no entanto, os diferencia do período contra-reformista no qual Kircher está inserido é que para eles, esta erudição poderia ser alcançada através da educação e de uma preparação adequada e não através de Deus. De acordo com ele, a *Mensa Isiaca* era a mais importante fonte relacionada à sabedoria egípcia. Segundo sua interpretação, as doze figuras do registro superior representavam os signos do zodíaco. As quatro tríades do registro inferior representam os quatro pontos cardeais ou portas do mundo. No centro, Ísis aparece entronizada, ladeada por outras seis figuras que representam

os planetas. O conjunto representaria, na visão de Kircher, portanto, em esquema cósmico completo.

O animal que comporia o par de significado complementar, como já dissemos, do crocodilo é a serpente. É importante observar que quando o autor vai fazer referência à serpente, ele usa outro tipo de estrutura lingüística diferente daquela que até então utilizara para dar título ao seu assunto, ou seja, o emprego da preposição *De* seguida do nome do assunto em ablativo, como por exemplo em: *De Leone, eiusq; hieroglyphica significatione*, forma esta que é bastante usual na língua latina. Na parte dedicada à serpente, podemos observar, contudo, que o objeto que será tratado vem em genitivo (singular): *Serpentis, Aspidis, Draconis*, opção esta bastante incomum para títulos. Segundo Ernout, “Il se pourrait, du reste, que la fonction essentrelle du génitif ait été précisément de specifier”⁹⁹. A utilização deste caso, portanto, vem determinar que o autor não estará tratando apenas da significação hieroglífica das serpentes, áspides e dragões, mas de sua natureza em si. Vejamos a tradução:

Hierogramatismo XVII
Serpente, Áspide, Dragão

Como entre os símbolos hieroglíficos nada ocorre com frequência em relação às serpentes, será exposto aqui quais são os símbolos que nomeiam as serpentes. Assim deve-se saber que, como os egípcios foram curiosos investigadores da natureza de quase todos os seres que têm “anima”, assim também eles foram investigadores da serpente. Como percebessem que este animal se movimentava sem nenhum auxílio das mãos ou dos pés, mas tão somente pelo arrastar do seu corpo oblongo e que a sua face não estava presa a nenhum outro membro; e ainda que era um animal cheio de espírito ígneo, longo e, que, anualmente, deposta a antiga pele, ela retornava da velhice para a juventude; eles não acreditavam ser possível que algo de grande, excelente, inteiramente divino estivesse

⁹⁹ ERNOUT, A., THOMAS, F. *Syntaxe Latine*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

latente sob estas coisas, acorria-lhes que, por aquele movimento ondulado do corpo flexível, ela pudesse exprimir quase todas as figuras: ora movendo a cauda da cabeça em círculo, ora enrolada, a serpente exhibe as rotações das esferas celestes em espirais, ora estende-se em linha reta, ora curva, ora plana, pouco antes normal com o soerguer do corpo, ora numa ordem variada das escamas, igualmente brilhante como as estrelas. Além disso ela deve ser temida pelo seu sibilo e pela língua bifurcada. Eu direi que enquanto eles contemplavam estas coisas na serpente eles apresentavam este símbolo como o mais secreto das coisas superiores, na verdade vejamos que coisas e que espécie eles teriam conotado por meio dela.

*Primeiramente, o Fenício Epis, em Eusébio exprime-se com estas palavras sobre o significado do deus Emephta enquanto serpente ou áspide: [...]*¹⁰⁰

“O próprio Tauto”¹⁰¹ julgou divina a natureza do dragão e das serpentes (como os Egípcios e os Fenícios): além do mais foi dito por ele mesmo que a serpente era, na verdade, um animal ígneo e o mais apto para a respiração dentre todos os animais. Na verdade, ela caminha através de seu esforço sem qualquer sinal de mãos ou pés ou de qualquer outro órgão exterior como vemos os outros animais movimentarem-se: alcança enorme rapidez graduando várias aparências e formas após se enroscar e estirar; quando quer toma a rapidez da espira e, leva vantagem facilmente com a sua marcha. Também é longeva e não só rejuvenesce na velhice quando troca a pele mas também cresce e é reconduzida à adolescência e, quando já cumpriu determinados limites, enroscada em si própria, toma vida assim como nas letras sagradas o próprio Tauto

¹⁰⁰ *Idem* a nota 5.

¹⁰¹ Dom Antoine-Joseph Pernety (1716 – 1801) afirma, em seu *Livre d'alchemie et d'ésotérisme hermétique : les fables Egyptiennes et Grecques*, que Tauto era como os Fenícios chamavam o deus Toth ou Ptah dos egípcios, também conhecido como Hemes Trimegisto para os gregos, baseando-se no Livro 1. 1, Capítulo 7, de Eusébio.

estabeleceu; é por isso que este animal foi acrescentado às sagradas [letras]¹⁰² e aos mistérios. A respeito deles e nas suas outras proposições acrescentou muitas coisas, a partir do que conta-se que ela é imortal e se desfaz em si própria de onde provém; na verdade este animal não morrerá de uma morte natural a não ser que pereça golpeada violentamente. Daí os Fenícios chamam-na o bom demônio assim como os Egípcios chamam-na ‘Kneph’.”

E assim, adequadamente, eles apontavam a natureza divina por meio da natureza e das ações da serpente, as quais são mostradas a partir do que segue. Daí os gregos representavam Esculápio, o Numem da saúde, por meio da serpente, de acordo com o testemunho de Eusébio.

“A serpente enrolada é o símbolo da salvação do corpo e da alma. Na verdade, os naturalistas que contemplam o mundo dizem que os outros répteis mais rudes são de substância terrestre e dizem também que a serpente é um animal espiritualíssimo porque não só desvencilha-se da debilidade do corpo mas porque parece ser aptíssima para curar. Na verdade narra-se que ela encontrou um remédio para melhorar a visão mas também conhece uma certa erva para reviver.”

Os Egípcios pintam a serpente para simbolizar o mundo; porque alimentava-se da própria cauda; além disso representavam-na notável por suas várias manchas. A respeito disto fala Claudiano¹⁰³:

“Não só revigora-se continuamente por meio das escamas mas também devora a cauda com a boca voltada para trás recomeçando tudo com um arrastar silencioso.”

¹⁰² Aqui Kircher omite a palavra Letras ao se referir às Sagradas Letras, como fez anteriormente.

¹⁰³ De acordo com o *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, Claudiano foi “o último poeta do mundo pagão”. De origem grega, viveu em Roma entre c. 395 a 404 d. C. Escreveu inúmeros poemas e “inúmeros poemas, idílios e epigramas, principalmente em versos elegíacos, sobre uma ampla variedade de assuntos”, como por exemplo, o Nilo. (HARVEY: 1987, PP. 123 – 124)

Por que, muito vagamente, ela simboliza aquelas coisas que foram geradas no mundo pela divina providência e que por essa mesma divina providência rapidamente elas são dissolvidas, ou aos poucos, são enfraquecidas e extintas, e depois, por si mesmas, são restabelecidas. Paralelamente ao que acontece à serpente, não estamos muito distantes, porque Eusébio, adequadamente, indicou este fato, com estas palavras, ao tomar como referência o pensamento dos Fenícios quando falava sobre a natureza da serpente, [...] ¹⁰⁴; ou melhor, fica evidente que o mundo alimenta-se e liberta-se dele mesmo. Na verdade, como os elementos são eternos, eles não são imutáveis por qualquer corrupção e nenhuma variação em si, contudo eles parecem sujeitos à corrupção ou à variação; por este aspecto, eles estão misturados com a formação das espécies, contudo pela mesma forma permanente eles estão incólumes, diferentemente das letras tipográficas que unidas têm o seu significado; em seguida as caligrafadas serviam para os usos habituais; separadas da antiga incolumidade, elas são restituídas ao seu gênero e são reservadas para o uso da outra forma as quais verás doutamente descritas em Pacúvio ¹⁰⁵ e Lucrécio ¹⁰⁶. E assim

¹⁰⁴ *Idem* a nota 5.

¹⁰⁵ Tragediógrafo célebre, viveu entre c. 220 a. C e c. 130 a. C.

¹⁰⁶ De acordo com o Dicionário Oxford de Literatura Grega e Latina, de Paul Harvey, Lucrécio foi um “eminente poeta-filósofo romano, de cuja vida muito pouco se conhece. São Jerônimo, em sua versão da crônica de Eusébios, situa-lhe o nascimento em 94 a. C. e diz que ele foi envenenado por um filtro amoroso, escreveu nos intervalos de lucidez de sua loucura alguns livros editados por Cícero e suicidou-se aos 44 anos de idade. Não sabemos até que ponto essas afirmações podem ser aceitas, embora Cícero afirma em suas cartas que ele e seu irmão haviam lido a obra do poeta em 54 a. C. e haja evidências em outras fontes de sua morte em 55. (...) Ele era um homem dotado de espírito científico, e um adepto convicto e erdoso do sistema epicurista de filosofia. Em seu grande poema didático intitulado *De Rerum Natura* em seis livros hexâmetros – a mais completa exposição existente daquele sistema – Lucrécio esforça-se por dissipar a superstição e a ansiedade de seus contemporâneos.

“Após uma invocação a Vênus, a grande força criadora da natureza, o poeta passa a expor a teoria atomista de Epícurus que, afirma ele, explica satisfatoriamente, e somente ela, os fenômenos do mundo. Os átomos, infinitos em número e eternos, caindo perpetuamente através do espaço por sua própria natureza, colidindo uns contra os outros, quando se desviam ligeiramente de seu rumo, transformam-se em massas, das quais o universo é constituído por um arranjo puramente casual. O universo e tudo que existe nele comportam-se de acordo com uma lei natural, e nele não há lugar para os deuses e sua interferência. (...) Uma de suas comparações mais notáveis é a de um corpo em repouso porém apesar disto composto de átomos em movimento perpétuo a um rebanho de ovelhas ou a um exército empenhado numa batalha, quando vistos de longe (II, 308 – 32)” (HARVEY:1987, pp. 314 – 315).

ensinam que a serpente, ao mastigar a sua cauda, indica por completo um gênero, por meio do qual Deus designou a natureza das coisas, a imortalidade, de forma que o princípio está dirigido a um fim e reciprocamente o fim está dirigido a um princípio. Na verdade [os antigos]¹⁰⁷ acreditavam que nada no mundo perecia, apenas as espécies se transformam, de acordo com o testemunho de Virgílio, que diz que não há lugar para a morte, e Demócrito, em oposição a alguns modernos falsos filósofos, ao apontar a convergência perene dos átomos, nada de diferente ele parece ter desejado indicar, senão que aqueles corpos não são indivisíveis, e que, quando forem separados, nem serão recolhidos sem sofrer nenhuma destruição, nem serão divididos em seções mas reterão em si por toda a eternidade uma infinita solidez¹⁰⁸, é por isso que [Demócrito] faz alusão à []¹⁰⁹ paedofagia de Saturno, quando a pedra que ele teria devorado foi interposta no lugar de Júpiter¹¹⁰. Desta maneira por meio da representação ele indica, convenientemente, que as coisas terrestres estão sujeitas à grande corrupção e variação, na realidade existe um espírito imortal; de acordo com aquilo que Hesíodo celebrou a respeito do pensamento dos Egípcios: [...]¹¹¹

“E Saturno deglutiou-os como aquele que saíra do útero divino e veio para o colo materno.”

Eu interpreto isto assim: as espécies das coisas nascem da terra e imediatamente a ela retornam, na verdade Rhea é o desvio e a corrupção do mundo. Portanto, toda aquela que retardou o tempo, será destruída pelo próprio tempo, Hórus no Livro I, Capítulos 1 e 2, expôs todas essas coisas quase com as mesmas palavras. Os

¹⁰⁷ Apesar de não se referir nesta passagem, ao Antigos, Kircher faz constantemente referência às antigas Autoridades.

¹⁰⁸ O modelo do átomo.

¹⁰⁹ Idem nota 2.

¹¹⁰ De acordo com o *Dictionnaire de La mythologie grecque et romaine*, de Pierre Grimal, Rhea, esposa de Cronos e mãe de Zeus, o mais jovem de seus filhos, entrega ao deus do Tempo uma pedra em lugar do filho para que ele a devorasse e não a Zeus. Segundo a profecia, Cronos seria destronado por um de seus filhos, motivo pelo qual ele os devorava à medida que nasciam.

¹¹¹ Idem nota 5.

assuntos que escolhemos tratar na seqüência, eu julguei que devem ser omitidos momentaneamente.



Mais uma vez, como eles [os egípcios] vissem a serpente como sendo própria da substância terrestre e proveniente de uma fragmentação e, que, da movimentação tortuosa do seu corpo, saía uma grande geração e rudimentos de flutuação; pelo sibilo e pelo som temível, eles viam a serpente como própria do ar. Além disso, eles achavam que ela era a própria substância e pelo ornato de suas escamas brilhantes, eu não sei o que de ígneo ela exprimiria; convenientemente eles se acostumaram a indicar isto por quatro elementos, na verdade por meio do corpo que é térreo e muitíssimo pesado indicavam a terra; pelo arrastar-se tortuoso do seu corpo, visto que exprime as flutuações das ondas, está muito apta para indicar a água; na verdade pelo sibilo, corretamente, ela indica o ar, dependente do som; e enfim por todo vigor de sua substância ela indica o fogo e pela língua tricúspide como símbolo conveniente do fogo, e Hórus concorda com todas essas coisas no Livro 1, capítulo 2.

Embora eles expressem os ditos quatro elementos por meio da serpente, contudo, não expunham cada uma das conformações pelo mesmo modo mas por posições diferentes da serpente; e assim ela é o espírito vital da terra ou a própria terra a qual [J¹¹² ou [J¹¹³ como foi ensinado na folha 127 (e assim na verdade chamam a todas as coisas Gênio moderador indicado por meio deste réptil). Ela anima com sua força ígnea e representam isto pela serpente prostrada e bicórnea. Deste modo nada no nosso obelisco é mais freqüente: na verdade, quando eles querem denotar a água, eles pintam a serpente com o arrastar tortuoso do seu corpo; há ainda uma serpente que exprime os volumes das ondas a qual exibiremos

¹¹² *Idem* a nota 2.

¹¹³ *Idem.*

no quinto livro na exposição da figura tirada do gasofiláqueo dos Barberinos. E assim [os egípcios] denotavam o Gênio das águas dito Mophta, isto é []¹¹⁴, o que aponta um Deus ou um Gênio; todas estas coisas serão suficientemente explicadas no livro V (daí o sinal []¹¹⁵ representa a origem da água). Na verdade eles exprimem o ar pelo sibilo da serpente ereta e pela língua trifulca, como se ela estivesse sibilando; notavam pela trifulca os três mundos aéreos, dentro dos quais ela exerce o seu domínio; daí chamavam []¹¹⁶, isto é o caracter da vida assim como mostramos na folha 129. A seguir os que queriam significar o fogo pintavam uma áspide ereta colocada no altar ou nas cabeças dos deuses e um globo situava-se sobre as suas cabeças; por isso costumavam indicar uma força ígnea que permeava o universo como será mostrado no livro V no lugar determinado; até aqui observamos aquelas coisas que um pouco antes tiramos de Eusébio e Hórus. Também notavam esta força por meio de um círculo no qual uma serpente estava inserida¹¹⁷ ao qual chamavam Tauto. Segundo testemunho de Eusébio, eles assinalavam com precisão o espírito ígneo infundido em todo universo. Prosseguiremos, com mais profundidade, estas discussões seja nas páginas seguintes seja na página 129.

Além disso Hórus claramente testemunhou no Livro I, capítulo 2 que os egípcios significavam a existência ou a eternidade pelo termo Basilisco. Nesta passagem alguns manuscritos [] aceitam um certo [] como Basilisco, nós que restauramos [], descobrimos o verdadeiro significado de basilisco, tirado das relíquias da língua egípcia e assim na verdade eu julgo que deve ser lido []. Por este motivo, por meio de [] ou basiliscon estabeleceram que devia chamar-se eternidade, e quase era isso mesmo porque

¹¹⁴ *Idem.*

¹¹⁵ *Idem.*

¹¹⁶ *Idem.*

¹¹⁷ Como mostra o detalhe reproduzido acima.

entre as espécies de serpentes esta única não pode ser morta pela força; assim, como atesta Hórus, ela tinha tanta força que afugentava todos os animais restantes apenas pelo seu sibilo; ouvido este os cantos de todos os pássaros são reprimidos, os ramos e as ervas, não somente pela mordida da serpente mas pelo seu olfato e pelo seu aspecto são mortos. A partir daí Aquelao narra em Eliano como um jumento se extinguisse na solidão da África, muitas serpentes imediatamente acorreram em massa para comê-lo, neste ínterim, tendo ouvido o sibilo do Basilisco todas fugiram ou afastaram-se em direção da areia. Na verdade, narra que o Basilisco avançou em meio à ociosidade, tranquilamente, à medida que ele também queria comer; como ele já se tivesse afastado bastante e tendo sido novamente produzido seu costumeiro sibilo, deixou para as serpentes restantes a possibilidade de comer o que tinha restado. Desconheço agora a história do Basilisco e qual delas seria a mais verdadeira; todavia, como eu conheço o engenho dos egípcios, sou obrigado a afirmar que eles frequentemente modelavam nos animais muitas coisas as quais, convenientemente, se prestavam para seus místicos raciocínios que são repugnantes aos experimentos dos tempos modernos, como eles representam a respeito da Fênix. Portanto eles não apontavam precisamente a propriedade dos animais mas explicavam, na medida do possível, o dom e ofício dos deuses por meio de propriedades inventadas.

Convencionado isto, eles representavam o Numen supremo ou os chamados bons Gênios, Basilisco ou áspide, cujo sibilo apavorava todos os seres animados como se fosse a vontade imperiosa do rei indicando ocultamente a força, a potência e a obediência ao Numen supremo em relação a todas as coisas subjugadas a eles. A partir daí sobrepunham uma serpente, na medida do possível, nas cabeças dos deuses¹¹⁸. Segundo o

¹¹⁸ Refere-se à coroa com *ueraeus*.

*testemunho de Hórus, os vestígios disto ocorrem frequentemente ora na Tabula Bembina ora em outros monumentos. Deste modo quando escrevo estas coisas nos fundamentos da Igreja sob o nome de Minerva, devem ser levadas em consideração outras coisas da Ordem dos Pregadores. Assim como demonstra a imagem colocada anteriormente, nesta pode se ver um barrete brilhante de sacerdote colocado entre duas áspides com espigas e com flores de cuja base uma chama bifurcada irrompia. Continuando: diversas vezes davam forma a esta áspide, que deve ser temida, por meio de uma cabeça com a ponta em forma de bico e com os olhos bem dispostos por tal artifício de forma que podiam ser fechados e abertos. Ao mesmo tempo mostravam-na com os olhos abertos: para que o Egito fosse coberto por completa alegria e júbilo. Assim, os olhos dos deuses observavam-nos e oferecem os recursos visíveis; portanto todos estariam na luz e atentos ao riso, às brincadeiras e aos seus convidados. No entanto, se ela fosse mostrada com os olhos fechados, nesse momento eles cairiam nas trevas e nos lugares mais obscuros com o que mostravam a indignação dos deuses. Na verdade aquele que desejar saber mais coisas sobre os mistérios da serpente que consulte Hórus, Facréide em Eusébio, onde encontrará perfeitamente muitas coisas maravilhosas a respeito deste assunto. Como nós descreveremos amplamente, nas páginas seguintes, com variados testemunhos das autoridades, remetemos o leitor a estas coisas.*¹¹⁹

¹¹⁹ “Hierogramatismus XVII.
Serpentis, Aspidis, Draconis.

Cum nihil inter Hieroglyphica symbola Serpente frequentibus occurrat, quid Aegyptij per huiusmodi symbola indigitauerint, hoc loco exponendum est; sciendum itaque, Aegyptios, vti curiosos naturae omnium seré animantium Aegypti proprietarum inuestigatores, ita & Serpentis fuisse. Cùm enim viderent, serpentem nullo manuum pedumque ministeri, solo oblongi corporis tractu procedere, nullo praeterea membro praeter osconstare, animal igneo spiritu plenum, viuax, senectutem quotannis, deposito veteri exuuiò, in iuuentutem instaure; sieri non posse crediderunt, quin aliquid magnum, excellens, & prorsus diuinum sub ijs lateret; accidebat hisce, quod vundulato illo plicatilis corporis motu omnes propè figuras exprimerent; dum videlicet nunc caudam capiti admouentes circulum, iam in spiras cõuolutum spherarum caelestium exhibere volumina; iam in longum extensum lineã rectam? iam curuam; iam planam, modò corporis erectione normalem; iam

multifario squammarum ordine, veluti totidem stellis rutilum, sibilo quoque & trafulca linguâ formidandum, haec, inquam, dum contemplarentur serpente, eum tanquam reconditissimum praestantissimarum rerum symbolum adhibuerunt. Verum quae & qualia per eum connotârint, videamus.

Primò itaque Epies Phaenix apud Eusebium ait DEVM Emept Serpente, seu Aspide significatum, his verbis: [...]

Draconis & Serpentum naturam ipse Tautus (vti & Phaenices ac Aegyptij) diuinam putauit : spiritalissimum enim omnium animal & igneum ab ipso traditum. Nam spiritu absque manuum aut pedum, & omnino alicuius organi exteriores argumento, sut caetera uidemus animalia Ferri, eximiam celeritatem assequitur, variasque figuras & formas gradiens, inuoluto reuolutoque, uti & spiriformi ad quam vult celeritatem, gressu facillimè prestat. Longaeuum etiam est, nec solum senectutem cum pelle deponens resuuenescit, sed crescit etiam in adolescentiam reductum, cumque determinates adimpleuerit terminos, in seipsum reuolutum, rursum reuirescit; sicuti in sacris literis pariter ipse Tautus constituit, quapropter in sacris hoc animal & in mysterijs fuit assumptum, de quibus & in alijs suis propositionibus, plura adducit, in quibus refertur, quod immortale sit, & in seipsum, ex quo prouenit, resoluatur, non etiam moriatur morte propriâ hoc animal, nisi violentâ percussus interierit; Hinc Phaenices ipsum vocant daemonem, sicuti Aegyptij Kneph appellant.

Aptè itaque naturam diuinam per serpentis naturam & operationes notabant, quae omnia ex dictis patent. Hinc Graeci, teste eodem, Eusébio Aesculapium salutis Numem, [], serpente referebant. [...]

Serpens circumnolatus salutis corporis & anima ferens, symbolum. Mundum enim contemplantes physici, Cetera quidem reptilia crasstoris dicunt & terrestres esse substantiae, Serpentem verò spiritalissimum animal esse dicunt, quod & imbecillitatem corporis exuat, & ad medicinam aptissimum esse videatur. Nam & ad acuendum uisum inuenit pharmacum, & ad reuiuiscendum herbam quandum nosse narratur. Praeterea Aegyptij mundum significantes serpentem pingunt, qui caudam propriam depasceretur, eum que varijs maculis insignem dipingebant, de quo Claudianus:

Perpetuumquè uirens squami, caudamque reducto

Ore uorans tácito relegent exordia lapsu.

Quod procul dúbio significat, ominia, quae diuinâ prouidentia in mundo generantur, ab eâdem solui celerius, siue paulatim imminui atque deficere, in se recipi, sierique illud propemodum; iuxta illud, in id resoluimur ex quo sumus, quod Paulo ante hisce verbis pulchre indicat Eusebius ex mente Phaenicum, cum de natura serpentis loqueretur, [...], ut UEL inde appareat, mundum ex se ipso ali, & in se reuolui; Nam cum aeterna sint elementa, neque corruptione neque variatione per se ulla immutentur, corruptioni tamen ac variationi subiecta videntur, ea parte, qua specierum informationi admiscentur, ui tamen ipsa incolum permanente, non secus ac typhothetae seruierunt usibus, dissolutae incolumtati pristinae, generique suo restituuntur, & in alterius formae vsum referuntur, quae doctè descripta videas apud Pacuium & Lucretium. Serpente itaque caudam suam depascente, ingeniosè sanè indicât generum, quâ rerum naturam DEVS insigniuit, immortalitatem, vu principium ad finem directum esse, sinemque ad principium reflecti doceant; nihil enim in mundo perire credebant, sed eorum, quae nobis ínterim videntur, solae mutantur species teste Virgilio, qui nec morti esse locum dixit, & Democritus atomorum confluxu illo pereni, nihil aliud indicare voluisse videtur, contra modernos quosdam philosophastros, nisi corpora illa indiuidua, quae disiuncta cum fuerint, neq; legantur, neque interneccionem recipiant, nec letionibus diuidantur, sed omne per aeuum infinitâ in se retineant soliditatem, quo alludit saturnina illa [], Iouem se, lapidem interpossuisse, quem & deuorauerit, per huiusmodi sigmentum aptè indicantes terrestria corruptioni variationique vt plurimum obnoxia esse, animum verò immortalem; iuxta illud Hesiodi reconditè & iuxta Aegyptiorum mentem canentis:

[...]

Atque hos deglutit Saturnia, ut ille uel ille

Diuina ex utero genua ad maternal ueniret.

Quod ita interpretor, nascuntur è terrâ rerum species, & in terram mox recedunt; Nam Rhea defluxus est & corruptio mundi. Quaecunque igitur tempus protulit, eadem tempus absumit. quae omnia ijsdem poenè verbis exponit Horus lib. 1 cap. 1 & 2. quae cum in sequentibus allegemus, hic omittenda duxi.

Iterum cum viderent, Serpentem terrestres substantiae, & ex putri vt plurimum genium, tortuoso corporis tractu, fluctuationis rudimenta; sibilo sonoq; formidabili anrem; totâ praeterea substantiâ squamarum splendentium ornatu, nescio quid igneum exprimeret; haud incongruè quatuor elementa per id indicare consueverunt. per corpus quidem, quod terreum & grauissimum est, terrâ; per tortuosum corporis tractum, vtp te qui vundarum flucyuationes exprimat, apte sane aquâ; per sibilum verò rectè aerem, subiectum soni, ignem

O último animal descrito por Kircher e que aparece na Fonte é a pomba. De acordo com o jesuíta, a Pomba tinha um significado especial e por isso não estava representada nos símbolos hieroglíficos. Ele afirma o seguinte:

Sobre a significação hieroglífica da Pomba

Sobre os hieróglifos da pomba, várias pessoas inventaram várias coisas. É certo que, não tanto pelos egípcios quanto pelos africanos,

denique totius vigore substantiae, & tricúspide língua, ignis symbolo appostè denotabant, quae omnia Horus I. I cap. 2. innuit. Porrò quamvis per serpentem dicta quatuor elementa exprimerent, non tamen singula eodem modo, sed diuerso serpentis situ, & conformatione exponebant; sic vitalem terrae spiritum vel ipsum terram, quam [] vel [], vti docetur fol. 127 (ita enim Genium omnia moderantem vocant, per serpentem indicatum) ígnea vi sua animat, per serpentem prostratum & bicornem, cuiusmodi nihil in obelisco nostro frequentius est, depingunt. Aquam erò denotantes, serpentem pingunt, tortuoso corporis tractu, vndarum volumina exprimentem, cuiusmodi est serpens, quem in V. libro exhibemus in expositione figurae ex Barberinorum Gazophylacio eductae. & sic denotabant genium aquarum *Mophtha* dictutu, hoc est à []; quorum illud aquam, hoc DEVM sine genium notat; quae omnia in V. libro huius (vnde & character [] aquae originem sumit) susius explicantur. Aerem verè exprimunt per sibilum serpentis erecti, & trifulcam linguam veluti sibilantis; per trifulcam 3 aereos mundos, id quos dominium suum exercet, notabant; vndè [] id est vitam huiusmodi characterem appellabant, vti supra folio 129. ostendimus. Porrò ignem significaturi aspidem erectum, vel altari vel capitibus Deorum impositum, cuius capiti globus insisteret, pingebant, quo igneam quadam vim vniuersum permeantem indicare solebant, vti suo loco in libro V. ostendetur; atq. huc respiciunt ea, quae paulò antè ex Eusébio & Horo adduximus. Hanc vim quoque notabant, per circulum cui serpens insertus, [] graecum aut coptum exprimeret, quam Tauta vocabant; quo teste Eusébio, spiritum igneum toti vniuerso infusum aptè signabant. Quatum álibi in sequentibus, tum folio 129. amplè prosequimur.

Praeterea Aegyptios per Basiliscum aeuum siue aeternitatem significasse Horus aperte testatur L. I. cap. 2. vbi nonnulla manuscripta [], quaedam [] pro Basilisco accipiunt, nos genuinum Basilisci vocabulum ex linguae Aegyptiacae reliquijs restaurantes [] reperimus. Ita enim legendum censeo [...]. Causa verè cur per [] seu *basilicon* aeternitatem statuerent, haec ferè erant, quod inter serpentum genera hoc vnum interfici vi non posset; vtpotè cui, teste Horo, tarta vis sit, vt animália reliqua solo sibilo fuget; quo audito ferunt omnes auium cantus coerceri, fruticesque & herbas non morsu solùm, sed olfactu aspectuq. solo enecari. Hinc Archelaus apud Aelianum narrat, cum ium nouum in Africae solitudine defecisset, plurimos ad id depascendum serpentes continuò confluisse, in erim Basilisci audito sibilo omnes profugisse, aut in sabulum sese abdidisse, progressum verò Basiliscum per otium sine cuiusquam tumultu quantum voluerit asitasse; cum satur iam abiret iterum solito suo edito sibilo, reliquis serpentibus veluti potestatem reliquum depascendi, secisse. Non igitur praecisè proprietatem animalium attendebant, sed Deorum manus & officium vtplurimum per huiusmodi proprietates confictas explicabant. Hoc pacto supremum numem siue Agathodaemona indigitàtes, Basiliscum seu aspidem pingebant; cuius sibilum omnia animantia veluti imperiosum Regis nutum paurent, occultè supremi Numinis in omnia sibilubiecta vim & potentiam, obedentiãq. innuentes. Hinc eundem vtplurimum Deorum capitibus, teste, Horo superimponebant, cuius vestigia tum in tabula Bembina, tum alijs monumentis haud infrequenter occurrunt, cuiusmodi est, quod dum haec scribo in fundamentis Ecclesiae sub nomine Mineruae, alias Ord. Praedicatorum intitulatae nuentum fuit. vti A paulò antè positum actypon demonstrat. in quo vides tutulum inter duas aspides intermediti, spicis floribusq. insignem, ex cuius basi flamma bifurcata erumpens, quae hucusque dicta sunt, appositè declarat. Porrò subinde quoque aspidem hunc accipitrino capite efformabant, simulae occlusis apertis proferebant, vniuersa Aegyptus laetitia atq. hilaritate perfundebatur, per indè ac Deorum oculi eos aspicerent, opemque praesentem pollicerentur; in luce igitur omnes esse, & risui, iocis, conuiuriisque operam dare. Quod si clausis oculis extulissent, ibitum omnes in tenebras & obscura penetralia miserabilique deploratione per se quemque niti, vt Deorum indignationem, quacunque possent, tarione abigerent. Verum que plura de serpentum mysterijs desiderat, is Horum, & Phaeridem apud Eusebium consulat, vbi multa circa hoc argumentum mira sane offendet, quae omnia, cum nos fusè in sequentibus variam auctoritatum allegatione describamus, ad ea Lectorem remittimus.

ela foi grandemente venerada. A razão do culto porque ninguém faz referência à Semíramis, está no fato de, verdadeiramente, uns narram que Decreta, filha de Semíramis foi transformada em pomba¹²⁰. A partir daí, como em Édipo, no sintagma do panteão hebreu, no Tratado sobre o Decreto, Dagon¹²¹, Oanne trataremos adequadíssimamente e remetemos o leitor para ele; contudo eu descobri que os egípcios significavam as ações morais por meio da pomba. Uma vez que quando indicam o puro bronze por meio da pomba imune do sopro pestilento, sem qualquer contágio, e porque o alimento da pomba é um excelente profilático, faz-se sacrifício deste animal em favor apenas dos reis e dos virtuosos ministros das coisas sagradas. A respeito disso, ver Hórus Livro 1, Hieróglifo 57. Em segundo lugar, aqueles que desejam indicar o homem que, de acordo com o oráculo, deseja curar-se de uma antiga doença, pintam uma pomba brava porque levando a folha do loureiro para o seu ninho ela o cura das doenças¹²². Ver Hórus Livro 2, Hieróglifo 46. Em terceiro lugar, quando querem indicar uma mulher viúva que até a morte permaneceu nesse estado de vida, eles pintam uma pomba negra, na verdade por todo o tempo em que ela estiver viúva e não se tiver misturado com outro homem. Vide Hórus Livro 2, Hieróglifo 32. A partir dessas coisas está claro que os egípcios não levavam todos os animais para o álbum das letras sagradas mas somente aquelas coisas que são consideradas sagradas pelos deuses egípcios por causa de uma certa semelhança e analogia com as ações dos

¹²⁰ Ainda de acordo com Grimal, “la légende de la reine de Babylone Sémiramis, nous est rapportée par Diodore de Sicile. En Syrie, à Ascalon, l’on révérait, nous dit Diodore, une déesse qui passait pour vivre dans un lac voisin de la ville. Cette déesse, nommée Dercéto, avait un visage de femme, mais le reste de son corps était celui d’un poisson. Aphrodite, qui avait à se plaindre d’elle, lui avait inspiré une violente passion pour un jeune Syrien, nommé Caystre, dont elle eut une fille. Mais, après la naissance de celle-ci, Dercéto, honteuse, exposa son enfant et fit mourir le père. Elle-même se cacha au fond de son lac. Des colombes élevèrent miraculeusement l’enfant, déroband aux bergers du voisinage le lait, puis le fromage nécessaires à sa nourriture. A la fin, les bergers découvrirent la petite-fille, qui était d’une grande beauté, et la portèrent à leur chef, qui lui donna le nom de Sémiramis, c’est-à-dire: ‘qui vient des colombes’, en langue syrienne”, p. 419.

¹²¹ Termo bíblico que designa o ídolo dos Felisteus.

¹²² É importante lembrar que a pomba representada no topo do obelisco carrega no bico um ramo de oliveira.

deuses. Deste modo há aqueles animais que quase não explicamos até aqui. Na verdade, algumas figuras como o cavalo, o elefante, a lebre, o asno, o cervo, o escorpião, a doninha, o rato do Egito, o leopardo, o porco, a hiena, a águia, o galo, a pomba, o pardal e os semelhantes a ela, Hórus diz que não eram considerados sinais sagrados, mas devem ser indicados apenas para as ações morais, em função das suas propriedades e assim são os *phrenoschemata*¹²³, emblemas, provérbios e outras coisas semelhantes. A razão desta situação que mencionamos acima é que não costumavam representar nenhum desses animais citados em nenhum obelisco, nem nas esfinges, nem na Tabula Bembina, e em qualquer outra inscrição hieroglífica; mas se pode encontrá-las nas estátuas isíacas, nas múmias e nos [vasos] canopos, sem dúvida, elas não seriam colocadas se uma razão mística impedisse isto.¹²⁴

¹²³ Do grego, o prefixo *freno-* significa alma, espírito, inteligência; daí “esquema da alma”. Contudo, como esta palavra integra o mesmo campo semântico das outras citadas em seguida, optamos por não traduzi-la como acontece em outros textos nos quais a encontramos.

¹²⁴ “HIEROGRAMMATISMUS XIII.

Columba siuè

De Columbae hieroglyphica significatione.

De hieroglyphicis Columbae, varij varia comminiscuntur. Certum est, eam non tàm Aegyptijs, quàm Assyris cum primis in summa veneratione suisse. Ratio cultus fuit, quod nonnullis Semiramidem, veriùs alij Decretam Semiramidis filiam in Columbam conuersam referant. De quo cùm in Oedipo, in syntagmate Panthei Hebraeorum, tractatu de Decreto, Dagon, Oanne sufissimè tractauerimus, e o Lectorem remittimus; Inueni tamen, per columbam morales actiones significasse Aegyptios, ut dum purum aerem ab omni pestilentis halitus contagione immunen per Columbam significant, quod esus Columbae eximium prophylacticum sit, adeòque solis regibus castisque sacrorum ministris, tempore contagionis in cibum caedat; de quibus vide Horum lib. I. hieroglyph. 57. Secundò hominem, qui se pristinae sanitati restitueri ex oráculo, innuere volentes; palumbum pingunt, quòd lauri folium in nidum suum inferens, eo morbis medeatur. Vide Horum lib. 2. hieroglyphico 46. Tertiò, mulierem viduam, quae ad mortem vsq; in eo permaserit vitae statu, volentes significare, nigram pingunt Columbam, haec enim quamdiu vidua est, alteri viro non miscetur. Vide Horum lib. 2. hieroglyph. 32. Ex quibus patet, Aegyptios non omnia animalia in album sacrarum literarum transtulisse, sede ea tantùm, quae Aegyptijs Dijs sacra habebantur, ob quandam ad Deorum operationes similitudinem & analogiam. Cuiusmodi sunt ea fere, quae hucusque explicuimus. Quasdam verò, uti equum, elephantem, leporem, asinum, ceruum, scorpium, mustelam, ichneumonem, pardum, porcum, hyaenam, aquilam, gallum, columbam, passerem similesque, quarum mentionem Horus facit, sacras literas non suisse, sed tantum as Morales actiones, perrarum proprietates, indicandas, assumptas suisse, cuiusmodi hoc tempore sunt phrenoschemata, emblemata, prouerbia, similiaque. Ratio huius rei, quam & suprà insinuauimus, est; quòd nullum citatorum animalium neque in ullo obelisco, neque Sphingibus, neque tabula Bembina, neque in ulla altera hieroglyphica inscriptione, quas in Isiacis statuís, Mumijs, & Canopis pingere solebant, reperiatur; haud dubiè verò illa imposuissent, nisi ratio mystica obstitisset.

E como nenhuma razão mística poderia impedir a representação da moral, a pomba foi colocada coroando o obelisco e a Fonte dos Quatro Rios.

O Egito mítico de Athanasius Kircher

De acordo com o padre Kircher, o obelisco utilizado por Bernini na Fonte dos Quatro Rios foi escolhido dentre tantos outros obeliscos porque seus hieróglifos já antecipavam a revelação apostólica e a sua tradução desvendaria os mistérios da religião egípcia bem como a maneira pela qual ela teria intuído a verdade cristã. De acordo com Marrone, a tradução de Kircher para a inscrição hieroglífica do obelisco que se encontra no 5º capítulo de seu livro corresponderia à sua interpretação para a Fonte dos Quatro Rios¹²⁵. Contudo, a leitura aprofundada deste capítulo mostrou que a interpretação do jesuíta pouco contribui para a obra de Bernini, sendo pertinente somente para os seus estudos sobre o Egito e as suas teorias acerca da gramática egípcia. Em seu livro, Kircher não se aventura a estabelecer claramente uma interpretação da Fonte, apenas colocando para o leitor os fundamentos que permitirão que ele, sim, identifique nos elementos que compõem o monumento a relação entre o saber originariamente egípcio e o conhecimento construído até aquele momento.

Ele descreve em seu livro um universo de coisas referentes à sabedoria egípcia as quais possuíam função arquetípica dentro do universo do cristianismo. Desta maneira é que cada um dos animais descritos por ele possui um significado dentro da Fonte dos Quatro Rios. Cada elemento que a compõe tem a sua simbologia, que pode ser interpretada isoladamente, contudo, somados, todos os seus elementos adquirem um novo conceito quando interpretados à luz da obra do padre.

Cada um dos animais descritos por ele e que são representados na Fonte, aparecem também em diferentes passagens bíblicas referentes ao Egito. De acordo com o Antigo Testamento, os cavalos foram utilizados pelo exército egípcio contra Israel, desta forma é que estes animais passaram a representar os exércitos estrangeiros e, consequentemente, os inimigos de Deus.¹²⁶ O Leão, por sua vez, é identificado com a figura de Deus, por ser um animal de grande força e poder e, segundo, Kircher, vigilantíssimo e de grande dignidade,

¹²⁵ MARRONE, C. *I geroglifici fantastici di Athanasius Kircher*. Viterbo: Stampa Alternativa, 2002.

¹²⁶ CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001, 2ª edição, p. 3990 – 3991.

cuja virtude é comparável à divina¹²⁷. Como já foi mostrado também, este animal era símbolo de renovação e vida para os egípcios, uma vez que as cheias do Nilo se davam entre os meses em que o Sol atingia o signo de Leão. Desta forma ele era associado ainda à água. Daí a associação do primeiro a *Typhon*, ser monstruoso capaz de destronar Zeus¹²⁸, e ao deus egípcio Seth, que pretendia destronar o irmão e governante Osíris, o qual era associado, de acordo com Kircher, ao leão.

Para ele o leão simbolizava a força ígnea, a virtude divina confortadora dos homens. De acordo com ele, era

*Aquele númen, porque ele foi reencontrado entre os arcanos dos Coptas, [o leão] foi chamado Mophta, isto é, númen das águas, porque ele era composto a partir de [] vocábulos e antes ele era a água e foi mostrado que ele significava um outro deus na introdução e no suplemento anexo ao tesouro da língua egípcia; consideravam que este, sob a forma de um leão em torno das margens do Nilo, foi comparado gradativamente pela tradição aos primeiros homens. Tendo sido mostrado isto, incertos e atônitos, aos poucos trouxeram para o céu o leão que foi recebido entre os animais sagrados da mesma forma que o carneiro e o touro.*¹²⁹

De acordo com Isaías 11:7 e 65:25, os homens subjugados pela graça divina eram simbolizados por um leão amansado. Esta mesma passagem de Isaías, afirma que a paz será dada no momento em que o leão e o boi puderem pastar juntos. Associado ao cordeiro, o leão indica “união e compatibilidade, a união de opostos, como os instintos e o espírito”.¹³⁰

Em Jó 41:1 e seguintes, o crocodilo é descrito como um animal perigoso e difícil de ser morto. Sua figura é muitas vezes associada à do dragão, simbolizando o faraó como na

¹²⁷ “Cùm itaque intuerentur Leonem animal forte, robustum, magnanimum, vigilantissimum, calidissimum, & planè igneae naturae; virtutem illam diuinam, confortatricem omnium, ígneo quodam vigore pollentem, rebus singulis, & omnibus indesinente vigilantia incunbentem, Leoninam dixerunt.” In: KIRCHER, A. *Obeliscus Pamphilius* ..., Romae: Typis Ludovici Grignani, 1650, p. 282.

¹²⁸ GRIMAL, *op. cit.*, p. 466.

¹²⁹ “Vndè Aegyptij hoc ostento suspensi attonitique paulatim Leonem inter sacra animalia receptum in caelum retulrunt; tanquam viuum [] *Mophta* habitaculum, quemadmodum supraeadem de causa, Arietem & Taurum caelo ilata esse ostendimus, (...)” In: KIRCHER, A. *Obeliscus Pamphilius* ..., Romae: Typis Ludovici Grignani, 1650, p. 283.

¹³⁰ CHAMPLIN, *op. cit.*, p. 4625.

passagem de Ezequiel 29:3 “Assim diz o Senhor Deus: Eis-me contra ti, ó Faraó, rei do Egito, grande dragão (...)”. Este animal por sua vez, é identificado com a serpente, símbolo do mau e figura título de Satanás.

Para Kircher, a serpente tinha grande importância não só para os egípcios, como para os fenícios, que a denominavam o “bom demônio”. Tinha, portanto, um caráter duplo, podendo representar tanto um espírito maligno, como a regeneração de todas as coisas. Era tida como um animal longevo, uma vez que era capaz de se renovar depondo sua pele antiga, e por isso representava o conceito de morte-regeneração, bastante presente no pensamento kircheriano e que segundo ele, fazia parte de todas as religiões.

Apesar de seu espírito ígneo, este réptil era capaz de representar todos os elementos a partir de suas diferentes formas, como foi mostrado anteriormente. Cada forma tomada por ela indicará um elemento da natureza. Nesse contexto, parece apropriado dizer que a serpente esteja vinculada à América. Ao mesmo tempo símbolo do pecado, como mostra Ripa em seu livro *Iconologia*, e da salvação, ela representa a necessidade da revelação cristã àqueles que ainda não a têm: seja pelo desconhecimento, como no caso dos índios, seja pela negação, como nos caso dos muçulmanos.



Vista da Fonte dos Quatro Rios em que aparecem o *Rio da Prata* à esquerda, e o *Danúbio* à direita. Entre eles o cavalo e a serpente acima dele, sobre a rocha.

Situada entre o Rio da Prata e o Danúbio, a serpente deve, portanto, ser associada ao Rio da Prata. O Nilo que, de acordo com Baldinucci é associado somente à palmeira, poderia assim ser associado ao animal que está colocado junto a ele.

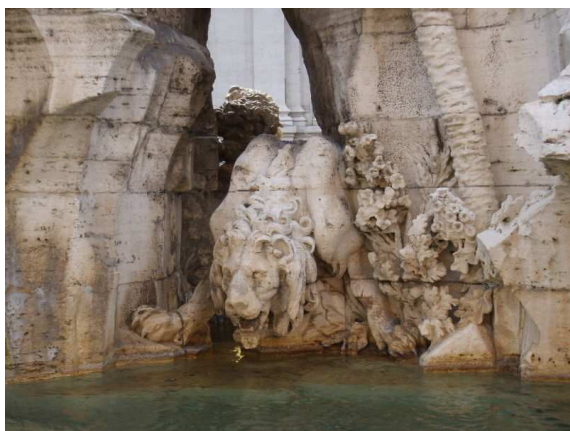
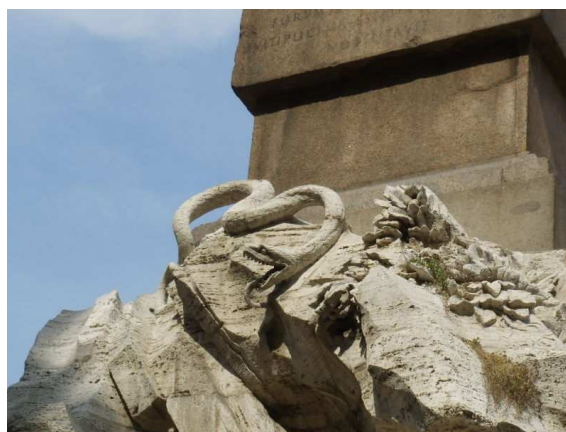


Detalhe do Nilo. Ao fundo a palmeira, parte do leão, as costas do Rio da Prata e, abaixo dele, o tatu.

Considerando que todos os animais da Fonte possuem uma interpretação egipcizante, parece plausível sugerir que o animal representado, além de representar o Tatu, simboliza também um crocodilo. Este sim, símbolo do Egito, que aparece inclusive no frontispício do *Obeliscus Pamphilius* e é descrito por Kircher como o animal símbolo do Nilo desde o Imperador Augusto que mandou cunhar moedas com a palmeira e o crocodilo. Como é sabido, Augusto é o Imperador romano que vence Marco Antônio e Cleópatra e transforma finalmente o Egito em província romana. Datam dessa época, portanto, as moedas comemorativas em que além de aparecer o crocodilo como símbolo do Egito, aparece também a figura do deus Nilo, entidade divinizada que passa a representar o rio como já foi dito.

O crocodilo, descrito por Kircher como um animal capaz de estar atento a tudo que se passa à sua volta, uma vez que pode estar mergulhado na água, mas com os olhos fora

dela e que, portanto, pode ver, mas não pode ser visto. Essa característica é que o torna comparável com Deus: aquele que é invisível, mas que tudo pode ver. Assim como o leão e o cavalo formam um par de significado complementar, a serpente e o crocodilo representam o segundo grupo de significado. Enquanto a primeira simboliza a salvação necessária, o segundo representaria Deus devido a sua onisciência. Assim, todos os animais que aparecem na Fonte podem ser interpretados a partir da doutrina egípcia.



Não podemos esquecer, contudo, a pomba, símbolo da paz, do Espírito Santo e sobretudo, da família Pamphili que figura acima do obelisco. Colocada, portanto, no vértice da pirâmide, sobre todos os outros elementos, a pomba representa a moral e o julgo da verdadeira fé sobre as falsas idolatrias. Destacada das outras representações, uma vez que ela não integra o livro das letras sagradas e por isso não é representada entre os sinais hieroglíficos, a pomba, dentre outros animais como o cavalo, a águia e o elefante, figura sobre todos os outros elementos simbolizando o triunfo da religião católica sobre o Mundo.

Cada um dos rios, por sua vez, reage de maneira diferente ao símbolo divino e ao papado, refletindo a recepção da Igreja Católica em cada continente. O Ganges, olhando indiferentemente através da praça e o Nilo, com a cabeça coberta, ignoram a luz simbólica do obelisco. O Rio da Prata, com um dos braços levantados, procura evitar cegar-se com a luz divina e, finalmente, o Danúbio, segurando o brasão da família Pamphili, volta-se diretamente para o obelisco.¹³¹



Detalhe do Brasão papal na Fonte

¹³¹ CHRISTIAN, Mary. "Bernini's 'Danube' and Pamphili politics". In: *The Burlington Magazine*, Vol. 128, N°. 998 (Maio, 1986), pp. 354 – 356.

De acordo com M. Christian, o fato de ter se representado o Danúbio como rio símbolo da Europa merece destaque, já que esta era normalmente representada pelo Tibre, apesar da grande diferença de extensões. No entanto, ela afirma que o Danúbio não teria sido escolhido somente pelo seu tamanho, mas porque representava a retomada de importantes territórios dos Turcos e Protestantes para o domínio da Igreja.¹³²

A Fonte dos Quatro Rios representou para a Europa seiscentista mais do que o avanço dos braços da Igreja Católica para os quatro cantos do mundo conhecido, ela cristalizou ainda a construção de um *imago mundi* que incluía o Egito e sua sabedoria como um lugar importante para a fé cristã. Se antes o Egito já ocupava uma posição de destaque na Bíblia não só pela origem do culto monoteísta judaico, mas também por ser o local onde a Sagrada Família repousou, Kircher edificou a imagem de um Egito mítico, epicentro da Humanidade.

¹³² *Idem.*

Conclusão

Se os anos que antecederam o Jubileu de Inocência X indicavam uma renomada fama para o jesuíta Athanasius Kircher, os anos que o sucederam cristalizaram uma gloriosa reputação enquanto grande estudioso do Egito. As obras de arte que anteriormente apenas evocavam o país nilótico através das passagens bíblicas passaram a representá-lo com aquilo que melhor o identificava: suas pirâmides e obeliscos. O vale do Nilo foi assim imbuído das edificações que o caracterizavam, como por exemplo nas obras de Nicolas Poussin, *Descanso na fuga para o Egito* (1655 – 57), *A exposição de Moisés* (1650) e *A descoberta de Moisés* (1651).

Poussin, N.
A exposição de Moisés,
c.1650



A primeira delas, *A exposição de Moisés*, de 1650, representa o momento em que Moisés é lançado nas águas do Nilo. E embora as margens do rio representadas aqui não sejam as do Egito, o bebê é deixado aos pés do deus – que aparece recostado sobre uma esfinge com cabeça de mulher usando o *nemés* – toucado

tipicamente egípcio.

Ainda sobre o tema de Moisés, Poussin pinta – no ano seguinte, em 1651 – o momento de sua descoberta e retirada do Nilo. É interessante observar nesta pintura que não só o Nilo é simbolizado pelo deus rio, que aparece em meio a uma rocha que o destaca do plano em que a cena ocorre, mas em suas margens figuram ainda construções da



Poussin, N.
A descoberta de Moisés,
c.1651

Antiguidade – como o templo greco-romano e o obelisco egípcio – e, principalmente, a planta símbolo do Egito, a palmeira, bem ao lado do deus. Vale destacar ainda que a obra é inspirada no *columbarium* da *Villa Pamphilia*, descoberto anos antes e cujos afrescos representavam construções bastante similares às utilizadas por Poussin em sua tela.

O vasto interesse do pintor pelas descobertas arqueológicas e pelos estudos do padre Kircher sobre o Egito influenciaram ainda seu *Descanso na fuga para o Egito* (1655 – 57)¹³³. A obra, baseada no Mosaico da Palestrina representa a Sagrada Família sendo servida por três egípcios que lhe oferecem água e frutos¹³⁴. No segundo plano, a paisagem por onde passa um cortejo em homenagem ao deus Serápis, é composta por elementos arquitetônicos dos quais devem ser destacados os obeliscos – encimados pelo globo terrestre – e à direita da imagem, um templo egípcio sobre o qual pousam inúmeras íbis. De acordo com Charles Dempsey, a tela possui um significado cristianizante bastante importante: ela representa a recepção do mundo pagão ao cristianismo nascente e a cruz que aparece sobre a torre ao fundo aponta para a dominação da Igreja e conseqüente abarcamento das outras religiões.



POUSSIN, Nicolas. *Descanso na fuga para o Egito*, 1655 – 57.

¹³³ DEMPSEY, C. "Poussin and Egypt." In: *The Art Bulletin*, Vol. 45, N° 2 (Jun. 1963), pp. 109 – 119.

¹³⁴ Segundo C. Dempsey, a obra refere-se à passagem bíblica narrada por pseudo-Mateus em que Jesus teria ordenado a uma palmeira que saciasse a sede de sua família com água e frutos, sendo o milagre substituído pela figura dos egípcios e portanto, explicado de maneira racional.

BERNINI,
Gian
Lorenzo.
*Elefante e
Obelisco*,
1666 –
1667.



Outro monumento que celebra a apoteose do Cristianismo é o *Elefante da Minerva*, situado na Praça Santa Maria Sopra Minerva em Roma e construído entre os anos 1666 e 1667¹³⁵. Encomendado pelo Papa Alexandre VII a Bernini, o Pontífice incumbiu ainda o padre Kircher da elaboração de um novo livro sobre o obelisco que foi encontrado sob a praça e que deveria ser erigido sobre o monumento. Seu modelo remonta a um projeto elaborado pelo escultor cerca de trinta anos antes para o Papa Urbano VIII. É possível que a iconografia de um elefante carregando um obelisco, remeta ao desenho do livro de Francesco Colonna, *Hypnerotomacchia Poliphili*, em que este animal é transpassado por um obelisco.

Associado desde a Antiguidade ao triunfos romanos, o elefante passou a ser identificado, durante a Idade Média, à figura do Soldado de Cristo.¹³⁶ E, na

Iconologia de Ripa, este animal é associado à alegoria da Religião. É ele quem trava uma batalha mítica contra a serpente, símbolo do pecado. De acordo com Kircher, o elefante integra o mesmo grupo simbólico da pomba, como foi mostrado no capítulo anterior, e deve portanto, ser associado aos animais que representam a moral.

O obelisco que é carregado por ele, vem reafirmar a sua vocação religiosa, uma vez que pertenceu a um *Isaeum* romano antes de ser soterrado na praça dedicada à deusa Minerva e depois consagrada à Virgem. Em função disto, ele adquiriu uma dupla significação da dominação católica sobre o paganismo, já que a religião romana substituiu a egípcia e ambas foram abarcadas pelo Cristianismo.

¹³⁵ Consideramos aqui as datas utilizadas por Hibbard e Wittkower, a despeito de Heckscher datar a execução da obra entre os anos 1667 e 1669.

¹³⁶ HECKSCHER, W. S. "Bernini's Elephant and Obelisk". In: *The Art Bulletin*, Vol. 29, N° 3 (Set., 1947), pp. 155 – 182.

Assim como a *Fonte dos Quatro Rios*, o *Elefante e Obelisco* não possui nenhum elemento egípcio – à exceção do obelisco – que nos remetesse a um primeiro significado egipcizante, contudo, ambos celebram a pré-figuração do Cristianismo nas antigas religiões pagãs e se apropriam de símbolos da Antiguidade a fim de traçar uma longa linha contínua de dominação romana, da Roma Imperial à Roma Barroca, a Igreja triunfante se representava como um novo Império em expansão.

Estas obras, no entanto, não representaram apenas a *Ecclesia Triumphans*, representaram ainda o triunfo da reputação do padre Kircher como um dos maiores eruditos de seu tempo, que teve na Fonte dos Quatro Rios o seu máximo apogeu.

Bibliografia e Fontes
Fontes Primárias

KIRCHERUS, Athanasius. *Historia obelisci Pamphili a prima eiusdem in Aegypto erectione....* Romae: Typis Ludovici Grignani, 1650.

Fontes secundárias

ALLEN, Dom Cameron. "The Predecessors of Champollion." In: *Proceedings of the American Philosophical Society*, Vol. 104, N^o. 5 (Outubro, 1960), pp. 527 – 547.

ARGAN, G. C. "Ideology and Iconology". *Critical Inquiry*, Vol. 2, N^o. 2 (Nov. – Jan., 1975), pp. 297 – 305.

ARSLAN, Ermanno A. *Iside. Il mito, il mistero, la magia*. Milão: Electa, 1997.

AVERY, Charles. *Bernini: genius of the Baroque*. Boston: Bulfinch, 1997.

BAUMANN, Thereza B. "Imagens do 'outro mundo': o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental". In: VAINFAS, R. (org.) *América em Tempo de Conquista*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

BAKHOUM, Soheir. *Dieux égyptiens à Alexandrie sous les Antonins: Recherches numismatiques et historiques*. Paris: CNRS Éditions, 1999.

BALDINUCCI, Filippo. *Vita di Bernini*. Milão: Edizioni Del Milione, 1948.

BLUNT, Anthony. *Teoria Artística na Itália: 1450 – 1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

BOWDER, Diana. *Quem foi quem na Roma Antiga*. São Paulo: Art Editora/ Círculo do Livro, 1980.

BRAUEN, Fred. "Athanasius Kircher (1602 - 1680)". In: *Journal of the history of ideas*, Vol. 43, N^o. 1 (Janeiro - Março, 1982), pp. 129 - 134.

BRIGANTI, Giuliano. *Pietro da Cortona. O della pittura Barrocca*. Florença: Sansoni Editore, 1982.

BULL, Malcolm. "Notes on Poussin's Egypt." In: *Burlington Magazine*, Vol. 141, N^o 1158 (Setembro, 1999), pp. 537 – 541.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHATLEY, Herbert. "The Lunar Mansions in Egypt". In: *Isis*, Vol. 31, N^o. 2 (Abril, 1940), pp. 394 – 397.

CHIAPELLI, Fredi (ed.). *First images of America: the impact of the New World on the Old*. Los Angeles: University of California Press, 1976, Vol. 1.

CHRISTIAN, Mary. "Bernini's 'Danube' and Pamphili Politics". In: *The Burlington Magazine*, Vol. 128, N^o. 998 (Maio, 1986), pp. 354 – 356.

CLARKE, T. M. *The Rhinoceros from Durer to Stubbs: 1515 – 1799*. Londres: Sotheby's Publications, 1986, pp. 146 – 151.

CIPRIANI, Giovanni. *Gli obelischi egizi: politica e cultura nella Roma Barocca*. Florença: Leo S. Olschki Editore, 1993.

DANNENFELDT, Karl H. "Egypt and Egyptian Antiquities in The Renaissance". In: *Studies in the Renaissance*, Vol. 6, 1959, pp. 7 – 27.

DEBUS, Allen G. "The study of Nature in a Changing World". In: *Man and Nature in the Renaissance*, Coleção Cambridge History of Science Series, Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

DELLA PERGOLA, Paola (ed.). *Bernini*. Roma: Edizione del Drago, c. 1963.

DEMPSEY, Charles G. "Poussin and Egypt". In: *The Art Bulletin*, Vol. 45, N^o. 2 (Junho, 1963), pp. 109 – 119.

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Sintaxe Latine*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

FINDLEN, Paola. (ed.) *Athanasius Kircher: the last man who knew everything*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

FINDLEN, Paola. Jokes of Nature and Jokes of knowledge: the playfulness of scientific discourses in early modern Europe. *Renaissance Quarterly*, Vol. 43, N^o. 2 (Summer, 1990), pp. 292-331.

GARIN, Eugénio. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

GLANVILLE, S. R. K. (ed.). "The Egyptian contribution to Christianity". In: *The legacy of Egypt*. Oxford: Clarendon Press, 1943.

GODWYN, Joscelyn. *Athanasius Kircher: a Renaissance man and the quest for lost knowledge*. Londres: Thames and Hudson, 1979.

GOETZ, Hermann. “Oriental Types scenes in Renaissance and Baroque Painting I”. In: *The Burlington Magazine for Connoisseurs*, Vol. 73, N°. 425 (Agosto, 1938), pp. 50 – 62.

GOMBRICH, E. H. “Hypnerotomachiana” In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*. Vol. 14, N°. 1/2 (1951), pp. 119 – 125.

GÓMEZ DE LIAÑO, Ignacio. *Athanasius Kircher: Itinerario del éxtasis o las imágenes de um saber universal*. Madrid: Ediciones Siruela, 1986, 2 vols.

HABACHI, Labib. *The Obelisks of Egypt: skyscrapers of the past*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1987.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

HECKSCHER, William S., “Bernini’s Elephant and Obelisk”. In: *The Art Bulletin*, Vol. 29, N°.3 (Setembro, 1947), pp. 155 – 182.

HIBBARD, Howard. *Bernini*. Nova Iorque: Penguin Books, 1965.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. “Paraíso Perdido” In: *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977, 3ª edição.

IVERSEN, Erik. *The Myth of Egypt and its Hieroglyphs in European Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

IVERSEN, Erik. “Hieroglyphic Studies of the Renaissance.” In: *The Burlington Magazine*, Vol. 100, N°. 658 (Janeiro, 1958), pp. 15 – 21.

JAMES, Thomas Garnet Henry. *Mitos e Lendas do Egito Antigo*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1992.

LAVIN, Irving (ed.). *Gianlorenzo Bernini: New Aspects of His Art and Thought*. Estados Unidos: The College Art Association of America, 1985.

LOBIANCO, Luís Eduardo. *A Romanização no Egito: Direito e Religião (séculos I a.C. a III d.C.)* Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2006.

LO SARDO, Eugenio. (ed.) *Athanasius Kircher: Il Museo del Mondo*. Rome: Edizioni de Luca, 2001.

LO SARDO, Eugenio. (org.) *La lupa e la sfinge: Roma e l'Egitto dalla storia al mito*. Milão: Ed. Electa, 2008.

MARDER, Tod A. *Bernini and the art of architecture*. Nova Iorque: Abbeville Press, 1998.

MARRONE, Caterina. *I geroglifici fantastici di Athanasius Kircher*. Viterbo: Stampa Alternativa, 2002.

PASTINE, Dino. *La nascita dell'idolatria: L'Oriente religioso di Athanasius Kircher*. Florence: La Nuova Italia, 1978.

PLUTARCO. *Os mistérios de Ísis e Osíris*. BENFATTI, Lúcia; MARQUES, Sérgio (trad.). São Paulo: Nova Acrópole do Brasil, 1981.

REILLY, P. Conor. *Athanasius Kircher S.J.: master of a hundred arts: 1602 - 1680*. Wiesbaden: Edizioni del Mondo, 1974.

RISOVECCHI, Valerio. *Esotismo in Roma Barocca: studi sul padre Kircher*. Roma: Bulzoni Editore, 1982.

ROWLAND, Ingrid D. *The Ecstatic Journey: Athanasius Kircher in Baroque Rome*. Chicago: University of Chicago Library, 2000.

ROWLAND, Ingrid D. *The Culture of the High Renaissance: Ancients and Moderns in Sixteenth-Century Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

STOLZENBERG, Daniel, (ed.). *The Great Art of Knowing: The Baroque Encyclopedia of Athanasius Kircher*. Stanford: Stanford University Libraries, 2001.

STOLZENBERG, Daniel. *Antiquarianism, Oriental Studies & Occult Philosophy in the Work of Athanasius Kircher*. Stanford: Stanford University, 2004 (Tese de Doutorado).

STOLZENBERG, Daniel. "Jesuit Censorship and Athanasius Kircher's Oedipous Aegyptiacus". In: O'MALLEY, J et alii. *The Jesuits II: Cultures, Sciences, and the Arts 1540 – 177*. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

WITTKOWER, Rudolf. *Bernini: the sculptor of the Roman Baroque*. Londres: Phaidon, 1997.

WITTKOWER, Rudolf. *Allegory and migration of symbols*. Hampshire: Thames & Hudson, 1987.

WITTKOWER, Rudolf. "Eagle and Serpent. A study in the migration of symbols. *Journal of the Warburg Institute*, Vol. 2, N^o. 4 (Abril, 1939), pp. 293 – 325.

ANEXOS

I. BERNINI, Gian Lorenzo. *Fonte con elefante e obelisco*, Piazza Santa Maria sopra Minerva, 1667 – 69, Roma.

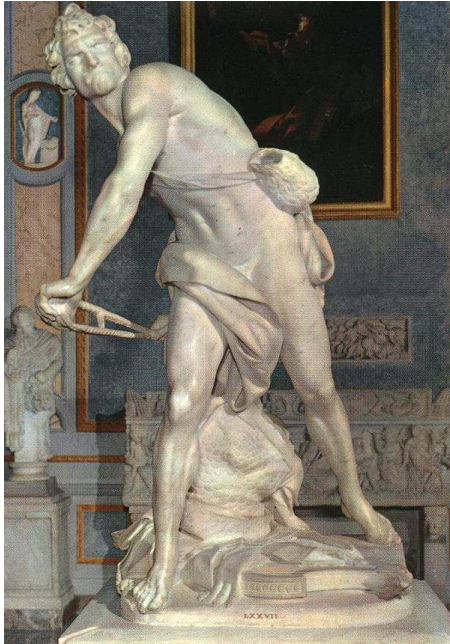


II. O Conjunto Borghesiano

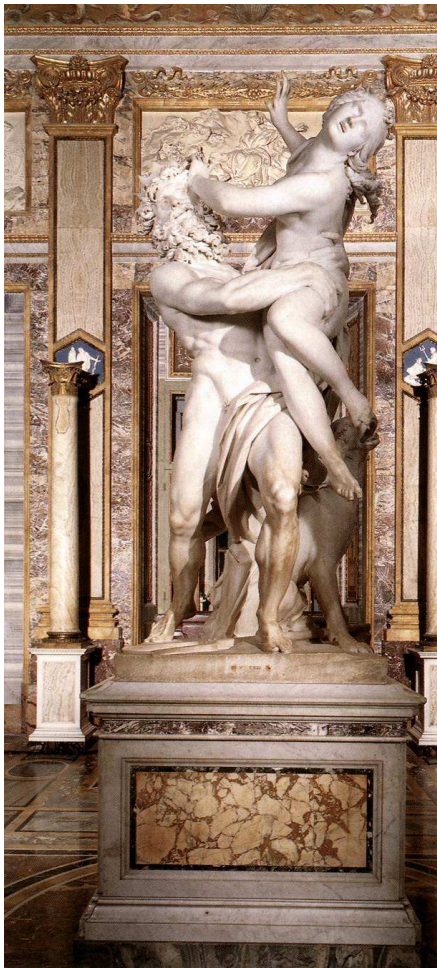
BERNINI, Gian Lorenzo.
Enéas, Anquises e Ascanius, 1618 – 19
Galeria Borghese, Roma.



BERNINI, Gian Lorenzo.
Apolo e Daphne, 1622 – 25
Galeria Borghese, Roma.



BERNINI, Gian Lorenzo.
David, 1623 – 24
Galeria Borghese, Roma.



BERNINI, Gian Lorenzo.
O rapto de Proserpina, 1621 – 22
Galeria Borghese, Roma.

III. BERNINI, Gian Lorenzo. *A Verdade revelada*, 1645 – 52, Galeria Borghese, Roma.



IV. Modelos dos rios representando os quatro principais rios do mundo.



Em sentido horário: modelo para o *Rio da Prata*; *Nilo* e *Ganges*. Neste último vê-se também o leão.

V. MICHELANGELO, Buonarroti. Modelo para deus rio, c. 1524 - 27.



VI. O *Obeliscus Pamphilius*

ATHANASII KIRCHERI
E SOC. IESV
OBELISCVS
PAMPHILIVS.

HOC EST,
INTERPRETATIO

Noua & hucusque intentata

OBELISCI HIEROGLYPHICI

Quem non ita pridem ex Veteri Hippodromo Antonini Caracallæ
Cæsaris, in Agonale Forum transtulit, integritati restituit,
& in Urbis Aeternæ ornamentum erexit

INNOCENTIVS X.
PONT. MAX.

In quo post varia Ægyptiacæ, Chaldaicæ, Hebraicæ, Græcicæ Antiquitatis,
doctrinæque quæ Sacræ, quæ Profanæ monumenta, Veterum tandem
Theologia, hieroglyphicis inuoluta symbolis, detecta
e tenebris in lucem asseritur.



ROMÆ, Typis Ludouici Grignani. Anno Iubilei MDCL.

SUPERIORVM PERMISSV.

VI. 1. História do Obelisco Pamphilio

HISTORIA OBELISCI PAMPHILII

A prima eiusdem in Aegypto erectione, usque ad
ultimam eius erectionem factam.

A B

INNOCENTIO X. P. O. M.

§. I.

De prima Erectione facta à Sothi Rege Aegypti.

A V D A X haud dubie facinus commisisse censebor; si quidpiam certi, circa primum huius Obelisci Authorem Erectoremque in tanta tamque tenebricola vetustatis caligine adstruere & determinare attentauero. Sedenim cum ira mihi natura comparatum sit, ut nil dignius homine putem, quam ingenium in abditis reconditque potissimum rebus utri experiri; ita & aleam in hisce iaciendam ducere, quod si me fefellerit, nihil superest, nisi ut in conatu laudem reponam. Certè ut ad quandam saltem eius notitiam peruenirem, nullum non moui lapidem; Chronologos non Latinos tantum, sed & Græcos, Hebræos, Arabesque pertinacissimo studio peruolui; apud quos, quid circa præsens hoc argumentum obseruauerim, Lectori paucis aperio.

Anno ab Orbe Condito, iuxta Hebræorum computum bis millefimo sexcentesimo octuagesimo quarto; à diluuiio millefimo vigesimo octauo; ab exitu filiorum Israël, Mose Duce, ex Aegypto ducentesimo circiter; Aorh Iudice Israëlítico populum DEI moderante; ante Christum 1366. surrexit in Aegypto Rex quidam excelsi pectoris Manuphta nomine, quem Eusebius Amenophin, Manethon *Μανυφτης* Menuphti, Africanus & Philo Ammenephten, hoc est, Memphis Dominum vocant; qui dum potentiam Aegyptiorum partim DEO vindice per Mosen, partim per Primatum Regni in mari rubro summersionem, clade omnibus seculis memoranda, oppidò imminutam debilitatamque videret, conuocatis Sacerdotibus, Conciliisque vtrò citròque habitis, primò quidem ad religionem auitam patrumque Deorum cultum, deinde ad publica quoque monimenta in Deorum honorem à prædecessoribus erigi solita instauranda, animum adiecit, quibus egregijs moliminibus dum distinetur, morte præuentus, Filio suo Sothis Hæredi Regni, quæ animo præclare statuerat, executioni mandanda, reliquit. Hic Sothis animi generositate patri minimè dispar, præcellas patrum cogitationes morte suspensas ad incudem reuocatas, tum tandè compleuit, cum pristino decori & magnificentiæ Aegyptum restituit.

Manuphta
prius in-
tor Obeli-
scum post
Mosen.

Sothis filius
Menuphta in
tentionem
Patris in exe-
cutionem
deducit.

d 2

Hic

HISTORIA

Hic inter alia memoranda, à Manethone recēſita, tūm hieroglyphicæ tot Ægypti cladibus ſerè abolitæ doctrinæ, ūm potiſſimū Obeliſcorū inſtaurationē, conſilio, & monitiſ ſacerdotū, penes quos, & ſacra Hermetis de lūmis arduiſque myſterijs volumina adhuc ſupererant, & haud exiguus, tūm characterum ſacrōrum uſus, tūm patriorum rituum, conſuetudinum, legumque à prædeceſſoribus conſtitutarum, atque in ad, tiſ conſeruatarum, notitia vigeſbat) magno animo aggreſſuſ eſt .

Primò quidem, teſte Plinio, quem lib. 1. fol. 65. allegamus, vnà cum filio Rameſſe 8 Obeliſcos in vrbe principe, quæ à cultu Solis Heliopolis dicta fuit, quorum, & hiftoriam citato loco deſcribimus, erexit: Ex quibus præſens hic noſter Obeliſcus Pamphilius vnus eſt, myſteriorum nō minùs, quàm apicis ſublimitate cum primis ſpectabilis; verum antiquæ ſapientiæ ſymbolum, cuius & argumentum l. 1. c. 3. ob oculos ponimus curioſi Lectoris. Sothis itaque hiſce agitatũ conſilijs, à ſupremo Numine molimina ſua, veluti felici quodam aulpicio inchoanda duxit, multos itaq; Obeliſcos, quos omnes, partim Supremo Numini, partim patrijs Genijs dedicatos, ad Zelũ in auita religione inſtauranda cōmonſtrandum, erexit; nam & ſemper cum Sacerdotibus conuerſabatur, & arcana diuinitatis præ cæteris tanto ſtudio rimabatur, vt & ipſe ſacros libros vndique conquiſitos ſtudioſè peruolueter, alioſque componi curaret, indè amicus Deorum nuncupatus. Atq; hoc ita eſſe expreſſè docet Manethon apud Africanum in fragmento quodam Bibliothecæ Pereſcicianæ; in quo ita habetur. Σαθις βασιλευσεν ἐν τῇ ἑβδ. ὅς ἐργετο πολλὰς τὰς πυραμίδας; ὅς τε τὴν ἱερὰν τοῦ θεοῦ ἐργάσατο, καὶ πρὶν ἔχειν ἐν τῇ λατρίᾳ τοῦ θεοῦ βιβλίων ἦν ὡς μάλα χρεῖα ἐν Αἰγύπτῳ γινώσκων ὑποτάσσων, Sothis 63. annis regnans, erexit multas pyramides (intellige Obeliſcos) hic enim primus Deorum contemplator, ſiue quod idem, de Dijs multa ſapienter contemplabatur, & ſacrum librum mandauit conſcribi, quem veluti ingentis pretij rem in Ægypto exiſtens, poſſidebam.

Quæ paulò aliter habentur in Sozomenis Eufebij folio 15. in exemplari purè Græco. Ων τρεῖς τοὶ Σαθις, ὁ πρὶν μαγίστην πυραμίδα ἐγείνατο, ἢ φησὶν Ἡρόδοτος ὡς χρονοῦ γεγονέναι. ὅς τε ἱερὰν τοῦ θεοῦ ἐργάσατο. ὅς μετανοήσας ἀπὸν τὴν ἱερὰν συγγράμματα βιβλίων ὡς μάλα χρεῖα Αἰγύπτῳ ἔδει ἵκασιν. Tertius Rex fuit Suphis (melius Sothis) qui maximam pyramidem erexit, quam Herodotus à Cheope dicit ereclam, & factus eſt contemplator Deorum; & meditatus eſt ſacrum librum conſcribere, qui magni dicitur pretij & uſus apud Ægyptios. Verum hæc expreſſiùs adhuc deſcribit Abenephius hiſ verbis.

في هذا الايام كان في مصر ملك صوبيس واقام كثيرين من المسلمين فرعون وكان ملك ذسك ونقش فيهم الاسرار الاحوت وامر لکهن ان يكتبوا كل ما وجدوا من كتب للمقنيسمين وقالوا حبيب الله م

Saithis verò Rex Ægypti in diebus illis erexit multas acus Pharaonis, id eſt, Obeliſcos, & fuit Rex religioſus, & incidit in ijs myſteria diuinitatis, & præcepit Sacerdotibus, vt notarent quidquid inuenirent de libris ſacris, & dictus eſt amicus Deorū. Et quamuis hæc adducta teſtimonia ad inſtitutum noſtrum ſtabiliendum in tanta vetuſtatis abyſſo abundè ſufficere poſſent, nihilominus præter ea

quo.

O B E L I S C I P A M P H I L I I.

quoque, tria potissimum nos hunc Obeliscum à Sothi erectum ad credendum inducunt; quorum prius est, Argumentum Obelisci, alterum mensura correspondens mensuræ à Plinio traditæ; Tertium ipsa est Obelisci Syngrapha siue inscriptio; Prius ita ostendo; cum enim hic Obeliscus solus inter cæteros Romæ superstites supremæ diuinitati Hemphra sit inscriptus, ut suo loco videbitur, & summa triformis Diuinitatis mysteria exhibeat; Sothis autem ex citatis Authoribus Obeliscos suos supremo quoque Numini dicauerit, & summa eiusdem in ijs mysteria inculperit, certè magnum inde nobis argumentum suppeditatur, ad credendum, hunc Obeliscum à Sothi erectum esse. Quod verò ad mensuræ congruentiam attinet, antequam illam ostendamus, primò verba Plinij adducenda sunt l. 3. c. 8. *Postea, inquit, & alij Regum in supradicta urbe scilicet Heliopolitana Sothis quatuor numero quadragenum octonum cubitorum longitudine erexit, Rameses autem, quo Regnante istum caput est, quadragenum; itaq; Sothis vnà cū Ramasse filio coadiutore regni 8. Obeliscos, partim 48. cubitorum, partim 40 cubitorum, quorum illi in palmos resoluti 96. h. 80. ferè palmorum longitudinem adæquant; & totidè noster Obeliscus, si 4. inde demas, palmos continet. Cùm itaq; nulli alij ex Rom. Obelisc. hanc mensuram obtineat præter nostrum, asserere cogemur hunc Obeliscum eundem esse, quem olim Heliopol. erexerat Sothis; vide Lector fol. 66. vbi hæc omnia fusius prosecuti sumus. Sed procedamus ad hypographè Obelisci: Certè hunc Obeliscum à Sothi erectum innuit subscriptio Obelisci, qui in latere II. Meridion. inter vltimos characteres circa basin Obelisci figuram exhibet canis sedentis cum cruce ansata, quod hieroglyphicum canis Isis, siue Mercurij in cælum translatus symbolum est; & teste Floro, Sothis dicitur, Græcis *ἰσσοκύων*, id est, canicularis sidus; cùm enim Sothis Rex ex Mercurij libris literas sacrasque disciplinas instituerit, imò Nomen sibi ex Mercurij nomine (quem in cælum translatus sub figura canis colentes Sothin, siue quod idem est, ob sagacitatem in inueniendis rebus admirabilem, canes dicebant) assumpsit, in memoriam facti in fine Obelisci signum Sothis, siue canis sedentis veluti syngrapham quādam, siue subscriptionem posuit, ut & nomen suum, & sacræ disciplinæ Authorem, Genium suum occultè proprio suo nomine insinuaret, quasi diceret, Sothis Sothi inter cœlites, translato, secundo naturæ Genio tutelari erexit; Deorum enim nomina, Reges Aegyptios ex summa diuinitatis ambitione assumpsisse, varijs in locis probatum fuit, iisdemq; sua dedicasse molimina, in reliquorum Obeliscorum interpretatione ostendetur. Vides igitur Lector non sine ratione nos ad actos hæc asseruisse.*

Quod si quispiam obijciat, ab alijs Regibus hunc Obeliscum erigi potuisse; huic obiectioni satisfaciam; vbi prius aliqua ad rei maiorem dilucidationem præmiserò.

Sciendum itaque est, Reges Aegypti potentia inclytos nonnisi ad maxima, insolita, & regia magnificentia digna monumenta, cuiusmodi pyramides

Alia argumenta hunc Obeliscum à Sothi erectum.

Sothis ante dictus.

HISTORIA

Præmiati mi-
nores Obeli-
scos erigunt.

ramides & maiores Obelisci sunt, animum adiecisse; minorum verò erigendorum curâ tum Sacerdotibus, tum priuatis hominibus relicta; quos verisimile est tantis diuitijs & potentia instructos minimè fuisse, vt tam vastas, & sumptuosas moles è montibus eruerent, erutas sacris literis insculperent, insculptas erigerent; sed hæc propria potentia, ambitionis, gloriæ immortalitatisque apud posteros consequendæ, Regum superbissimorum argumenta fuisse, ei soli constare poterit, qui excelsum horum Regum Aegypti in portentosis barbararum molium fabricis, animum probè nouerit. Vnde & fabricas huiusmodi insolentes, Historici libris insertas, veluti admittendum quid, & omnibus seculis memorandum posteritati consignare voluerunt. Priuatos autem amplioris fortunæ homines, minorum solummodò Obeliscorum, vt & simulachrorum, idolorumque hieroglyphicorum, quorum ingens vbique locorum passim copia reperitur, operibus videlicet, potentia viribusque eorum proportionatis, erectioni intendisse, quilibet prudens faciliùs coniecturare poterit, quàm ego vel multis verbis demonstrauero.

Dubium itaque nullum est, huiusmodi tam memorabilem operum fabricas nullo non tempore, tum apud Aegyptios, tum reliquas Mundi nationes in summa admiratione fuisse; Imò Imperatores Romanos, dum maximorum omnium, quos in Aegypto reperire poterant, Obeliscorum, secundam Romæ erectionem moliantur; hoc præ cæteris summo quoque studio curasse referunt Auctores, vt viris historiarum, antiquitatumque peritiâ claris in Aegyptum, Romano iam subiugatam imperio, amandatis, quantum fieri posset, exactam de Regibus tantarum molium primis Erectoribus, eorumque gestis, sacrarumque literarum ratione informationem, quem admodum de Cornelio Gallo Strabo refert, acceptam, posteritati consignarent; neque enim hæc abluunt à curiosi Augusti ingenio, neque Plinium quadraginta annis post Augusti tempora Mundo illucescentem ea latuerunt; Vt proinde iam non mirer, eum tam in horum Regum descriptione curiosum fuisse; cum enim indefessus similium rerum indagator esset, tum ab ijs, qui Aegyptum lustrant; & translato Obelisco præsentibus fuerant, tum ex libris ipsis, qui fortè nobis ignoti tunc temporis exstabant, singularum rerum exactam notitiam haurire potuit.

Argumenta
à Regibus a-
liorum Obeli-
scorum ere-
ctionibus.

Fuerunt autem nouem Aegypti Reges, quantum ex omnium sæculorum Historicis comperire licuit, eorum Obeliscorum, quos Romana potentia Vrbi inuexit, erectione celebres; quorum Mistrâ, Hermetè, & Melramuthin minores erexisse, primo libro probatum fuit; Ramesses verò omnium maximum, quem etiamnum miramur, in Lateranensi Campo constitutum, erexit; Nuncorius quem & Momphencur appellamus, eum quem in Campo Vaticano à Sixto V. erectum nostris temporibus suspicimus. Psammirtaus, quem Senneseptæum Plinius vocat, Flaminium; Campomartium, & Salustianum, siue Ludouisium Sefosiris. Simarres verò & Ephies,

O B E L I S C I P A M P H I L I I.

Ephies vel Aphrius duos rasos, quos Claudius Cæsar ante Mausolæum Aui sui Augusti olim erexit; vno, modò subterraneo ad Sanctum Rocchum, altero à Sixto Quinto in Exquilino Colle erecto. Cùm itaque inter recensitos erectores, Sothis non compareat, constet tamen, Sothin vnà cum Ramesse filio suo 8 fuisse Obeliscorum erectorem; certè patet Obeliscos reliquos Pamphilium, & Barberinum, forsàn etiam Salustianum, & Campomartium à nullo alio, quàm Sothi erectos fuisse, cùm aliorum præterquam memoratorum Regum nomina ab Authoribus non ponantur. Quinam verò in Aegypto superstitem Obeliscorum erectores fuerint, suo loco dicetur; Hoc enim locorantùm de Obeliscis Romanis, quorum Erectores primos, summo studio, & cura Cæsares per viros doctos inquiri curabant, disceptamus. Ex hoc itaque discursu, clarè, ni fallor patet, hunc Obeliscum verè à Sothi erectum esse, vnumque fuisse ex 8. à Sothi & Ramesse Heliopoli erectorum; quod & ex Africano, Abenephio & Plinio, iam patuit; patuit etiam, vel ex ipsius argumento, & epigraphâ hieroglyphicâ, quam basis lateris meridionalis apertè docet in Canis sedentis siue Sothis symbolo. Quæ cùm ita sint, nihil aliud restat, nisi vt historiam sequentem pari passu prosequamur.

§. I I.

De secunda Ereptione facta Romæ ab Antonino Caracalla Cæsare.

DVRAVIT prima Obeliscorum in Aegypto facta erectio, vt & sacrarum disciplinarum vsus, vsque ad Cambysem, qui, vt in primo libro narratum fuit, suisque deque vertens omnia, magnam fecit Obeliscorum stragem, vt proinde non immeritò, teste Plutarcho, Machera siue gladius ab Aegyptijs dictus sit; atque ab hoc tempore Sacerdotibus, partim exulibus, partim occisis, Aegyptus monumentis sacris viduata luxit ad tempora Imperatorum Romanorum, quorum primus Augustus Aegypto, in Romani populi potestatem redactâ; anno ante salutis aduentum vigesimo octauo, pro Cæsareæ mentis amplitudine, ad nouam Obeliscorum Ereptionem animum intendit, missis viris rerum antiquarum vnde quaque peritis, qui informationem de singulis acciperent, in Urbem insolito Cæsareæ magnificentie specimine duos deferri curauit; cuius exemplo instimulati succedentes ordine Imperatores, singuli simile quidpiam ad nominis immortalitatem consequendam attentauerunt. Nam post Augustum Caius Caligula Nepos, Obeliscum Nuncorij maximum ex Aegypto inusitata naui forma, quam infra descripsimus, delatum, in Circo Vaticano nouiter à se erecto, constituit. Post hunc Claudius duos alios ex Aegypto delatos ante Mausolæum Augusti aui sui, anno post Christû 57. erexit;

Caracalla
Obelisci Pam-
philij secundus
erector.

HISTORIA

erexit; Secutus hunc ducentis & duobus ferè post annis Antoninus Caracalla in nouo quem ad Prætoriana Castra struxerat, Circo, anno post Christum 249. hunc nostrum Obeliscum Pamphilium in Circi decus erexit.

Vtrum verò dictus Obeliscus à dicto Imperatore ex Aegypto translatus sit, vtrum iam ab alijs translatus eousque sine hoc apothéoseos honore inglorius permanferit, tamen si ex gestis Caracallæ deprehendi non possit, verisimile tamen est, cum ad prædecessorum exemplum, vnà cum alijs monumētis eo ipso tempore delatum esse. Fuit autem Circus Caracallæ omnium aliorum Circorum, quorum nonnulla Romæ adhuc supersunt vestigia, integerrimus, ad Castra Prætoriana in viâ Ardeatina, à mœnibus vrbis mille ferè passuum intercapedine distans. In hoc itaque erectus præsens Obeliscus, intra duas metas, velut in Mundo Sol quidam constitutus insigni maiestate fulgebat; verum successu temporis, siue à Barbaris, siue terræ motu in nostra vsque tempora prostratus, quantum stragis suscepisset, multiplici sua fractura latè ostendit.

Locus Obelisci.

§. III.

De Tertia Ereptione facta Romæ, ab INNOCENTIO X. Romano Pontifice.

ANNO itaque 1649. Sapientissimus Pontifex INNOCENTIVS X. Cum non ita pridem ex gloriola Pamphiliorum familia, ad suprema Mundi Gubernacula ascendisset, præcellas dignasque Pontifice cogitationes pectore voluens, prædecessoris SIXTI V. gloriosa vestigia, secutus; vt urbem iam diuersorum Pontificum publicis operibus fabricisq; splendidissimis eximie nobilitatam, nouo cumlaret ornamento, & ipse inter alia, quæ sacra quæ profana, quibus in Anni Iubilei splendorem erigendis occupabatur, monumenta, Obelisci quoque destinauit erectionem. Inicis itaque vtrò citròque consilijs, præ cæteris tandem Romæ superstitijs, partim terra obrutis, partim scedè deformatis, is tandem, quem olim in Circo suo Caracalla erexerat, quemque à dicta Pontificis familia Pamphilium intitulandum duximus, non sine diuina prouidentia, vtpotè qui priscæ religionis cultusque diuini mysteria, orthodoxæ religioni haudquaquam absimilia contineret, discernitur. In totius itaque machinationis directore deputatur Reuerendissimus & Illustrissimus D. Lucas Torregianus Archiepiscopus Rauennas, qui vt est iudicio, & prudentia singulari, ita rebus huiusmodi in executionem deducendis vir sanè peridoneus; In Architectum verò seligitur Laurentius Berninus Eques, perspicacitate ingenij singularis, quem Michaeli Angelo Bonarotè, siue Sculptoriæ, siue Architectonicæ artis. excellentiam spectes, vt nobilissima eius, quibus Urbem exornauit, opera satis demonstrant, pænè supparem cenleo; cui fidelem manum adhibuit Ludo.

Restauratio Obelisci.



O B E L I S C I P A M P H I L I I.

Ludovicus Berninus frater, fraternæ gloriæ strenuus æmulator; Locus denique erigendo Obelisco opportunus deligitur olim Agonalis Circi nomine insignitus, hodiè forum Romanum in Urbis medio litio situm, magnifico Pamphiliorum Pontificiæ familiæ Palatio illustre, præterea frequentia populi, nundinisque celeberrimum.

Rebus itaque hoc modo prudenter dispositis; mox Obeliscus in quinque diffractus partes è Circo Caracallæ summo labore erutus, chamulcis cylindrisque impositus, ergatarum aliarumque machinarum varia industria tractus, in constitutum locum transfertur; Et uti moles oppidò ponderosa; ita alta quoque, quibus imponeretur, fundamenta veluti iure suo postulabat; quibus iaciendis dum strenuè insistitur, interim in Obeliscotam sædè deformato integritati suæ restituendo impigrè desudatur. Difficultas non exigua oriebatur in ijs characteribus, qui in varie deformato deerant, fideliter reponendis; Nam hi vel supplendi erant proprio ingenio excogitati, vel relinquenda in Obelisco spatia characteribus destituta; quorum prius uti difficile, nè dicam temerarium; ita posterius Obelisco, nescio quam turpitudinem adferebat. Itaque ab Antiquitatum peritis viris suasum fuit, ut cauea illa, ex qua Obeliscus erutus fuerat, nouo scrutinio exploraretur, siquidem partes tam notabiles haud dubiè eodem loco adhuc alicubi terrâ obrutas latirare, nescio quibus indicijs induciti credebāt; quod dum improbo sanè labore tentatur, tandem omnia ad vnum fragmenta, non sinè singulari Dei dispositione inuenta sunt; verùm cum hæc Obelisci correspondentibus faciebus sine summa deformatione aptè coagmentari non possent, prudentia Architecti effectum est, ut in eorum loca fragmenta ex eodem lapide Pyrite singulari industriâ inserta, Obeliscum suæ integritati restituerent; Meum porro erat singulis sua hieroglyphica genuina ex antiquis fragmentis excerpta assignare, & deindè in sculpēda tradere; quod qua fide, cura, diligentia & sinceritate per M. Antonium Caninium præstitum sit, authentica testimonia operi suffixa docebunt. Eluxit præterea in coagmentandis partibus singulare Architecti ingenium, dum partes partibus sinè vllis ferreis retinaculis tam subtiliter connexuit, ut ex vnico saxo eminens intuentibus confectus videretur. Interea fundamenti mole ex imo ad extimam vsque terræ superficiem in tricēnum pedum altitudinem sub ouali forma emergente, alia parerga ad reuerentiam & ornamentum moli conciliandum præparantur. Nam ut celeberrimus in vrbe locus insignem haberet cum splendoris ornamento coniunctam utilitatem, placuit *Beatitudini suæ* Obeliscum suprà fontem in rupis formam excavatum exaltare. In rupis verò quadripartitis lateribus totidem inferi voluit Colossos, vario symbolorum apparatu insignitos, qui quadripartitam Mundi faciem symbolis suis graphicè exhiberent; E crateribus verò siue phialis, quas brachio stringunt, quadripartitus aquarum fluxus veluti per salebrosas rupis catadupas in subiectam rupi vastissimam concham iu-

Translatio
Obelisci.

Integratio O-
belisci.

Obeliscus & u-
bi imponitur
sculpturis in-
signis.

HISTORIA

cundo murmure strepituque præcipitaretur. Cuius quidem insignem symmetriam dum hæc edimus, uti necdum omnibus numeris absolutam sic neque apponere licuit. Supra hanc itaque rupem triplici basium fulcimēto Pyramidis (uti figura præcedēs ostendit) substrato per partes quatuor Ergatarum ope Obeliscus extollitur. Structura siue pegma huic operi destinatū tuit Architecti industriā singulare, & ad maximi ponderis molem summa facilitate, & celeritate erigendam aptissimum. Numos verò quos INNOCENTIVS X. P. M. ad posterorum memoriam excudi iussit, in citatā figura contemplare, inscriptiones quoque, quas Obelisci abaco incidi voluit, hinc ad posterorum memoriam apponendas duxi.

Ex patte Orientali Obelisci, in intermedio Abaco; hæc posita fuit inscriptio.

INNOCENTIVS X. P. M.

OBELISCO ÆGYPTIO QVATERNIS FONTIBVS
EX AQVA VIRGINE DEDVCTIS IMPOSITO
NATALI DOMO PAMPHILIA MAIOREM IN
AMPLITVDINEM EXTRVCTA
AGONALE FORVM AMPLIFICATVM EXORNAVIT
VRBI ROMÆ MAIESTATEM ANTIQVÆ
PVLCHRITVDINIS ÆMYLAM
RESTITVIT.

Ex parte Meridionali Obelisci, in Meridionali Abaci parte, hæc legitur inscriptio.

HERMETICVM OBELISCVM

A SOTHI REGE HELIOPOLI ERECTVM
AB IMPERATORE CARACALLA ROMAM DELATVM
INTER CIRCI CASTRENSIS RVDERA
IACENTEM FRACTVMQVE
INNOCENTIVS X. P. M:
AD ORNANDVM ERVDITIS ÆGYPTIORVM
MYSTERIIS AQVÆ VIRGINIS FONTEM
TRANSTVLIT, INSTAVRAVIT, EREXIT.

OBELISCI PAMPHILI

In Abaci verò Obelisci Occidentalis parte, hæc proponitur inscriptio.

INNOCENTIVS X. P. M.

AMÆNAM SALVBKITATEM CVM MAGNIFICA
ERVDITIONE CONIVNGENS
LITERATVM HERMETICIS ÆNIGMATIS LAPIDEM
AQVÆ VIRGINIS FONTI IMPOSVIT
AD SEDANDAM CORPORVM
ET ACVENDAM INGENIORVM
SITIM.

Tandem in Septentrionali Abaci Obelisci parte vltima, videtur inscriptio in hunc sensum.

SVPER MONSTRA ÆGYPTIA AVREA
INSIDET COLVMBÆ
HOC EST SVPERSTITIOSAS SECTAS VERA
CALCAT RELIGIO
QVÆ PACIS OLEAM GESTANS
VIRTVTVM LILIIS REDIMITA
OBELISCVM PRO TROPHÆO SIBI STATVENS
ROMÆ TRIVMPHAT.

Atque hæ sunt inscriptiones; quæ quidem ob situm Fori, ad quem se Architectus accommodare debebat, in Obelisco non perfectè respiciunt 4. Mundi plagas, sed medio fere quadrante à genuinis plagis differunt; ita vt anguli Obelisci 4. dictis plagis fere respondeant. Atq; prima quidem Inscripção lateris I. Orientalis, Turrionorum, Vrsinorumque respicit Palatia; Inscripção verò secunda, quæ in Latere 2. Australi Obelisci continetur, Fori Latus Pamphiliano Palatio conspicuum respicit, respondetque inscripção, inscripção, quam olim Sothis in hoc eodem Australi Obelisci Latere hieroglyphicâ peregerat. Tertia Inscripção respicit Plateam Altempsonianis, & Collegij Germanici ædibus illustrẽ; Quarta demum Inscripção Latus Fori respicit, Ecclesiâ S. Iacobi Hispanicæ Nationis celebre; Fuerunt præterea & aliorum quorundam in tam nobile, & conspicuum opus, ingeniorum Lusus, quorum hic nonnullos apponere placuit.

HISTORIA

INNOCENTIVS X.

Cum anno instaurande iustitie sacro ex uno Virginis Aquæ fonte, quatuor effudit fluvios, antiqui Paradisi, hoc est, iustitie specimen exhibet, & seculum renouat.

INNOCENTIVS X.

Quaternis Aquæ Virginis fontibus ad ornatum, & commoda Urbis apertis, magnificentiâ Pontificiam, superinductis Regum Aegyptiorum arcanis, patefecit.

INNOCENTIVS X.

Marmoreo Aquæ Virginis monumento Aegyptiorum Obeliscum imponens, metam posuit Romæ Magnificentiæ.

Dum incunte expiationis anno Aegyptium Obeliscum suis Fontibus admouet Romæ, vel ipsos Solis digitos lustrare Aquæ Virginis potuit.

Vbi certabatur olim in puluere, nunc in aquis luditur, ò gratas temporū vices

Quò se sublimius erigit hinc Memphis, cò submissius Romam adorat.

Enigma,

Virgo Romana dorso candido Nigellum Aegyptium gestat ad nundinas.

Atque hic est OBELISCVS PAMPHILIVS toti futurus posteritati memorabilis, omnium eorū, quæ Romæ sunt monumentorum, & ornatissimū, & splendidissimū, cui quidem ad absolutam perfectionem nihil deesse videbatur, nisi hieroglyphicæ Litteraturæ, quâ omnium oculos, animosq; feriebat, vera, certa, & fidelis interpretatio; SVÆ BEATITVDINI id muneris meæ placuit tenuitati committere; quo quidem munere, quomodo functus sum, peritorum iudicium esto. Iussu magnæ animæ ut potui, & ut intentatum hucusque argumentum ferebat, exequi pro modulo meo conatus sum; in quo, si quid mancum, mutilum & imperfectum reperit Lector, id solum meæ insufficientiæ, omne vero bonum, & laude dignum ut suprâ quoq; dixi, Soli bonorum omnium Largitori DEO adscribat velim.

VI. 2. Capítulo IV: Ideias Hierogramaticais

282 LIBER IV. IDEÆ
HIEROGRAMMATISMVS IV.
De Leone, eiusq; hieroglyphica significatione.

INter cetera animalia, quibus ad mysteria indicanda vfi sunt Ægyptij, non infimum sanè locum obtinet Leonis, eiusque partium, quibus integratur, simulacrum. Videtur id primò in hoc nostro Obelisco variè transmutatum, nunc integra terræ incumbens figura, modò Sphynxis *ἀνδροκεφῆς* similitudine, subindè solius capitis, coxæ, vel caudæ imagine le- oculis intuentium obgerit, de quorum significatione singulatim dicendum est; & vt origo huius *λεωντολῆς* luculentiùs pateat, prima eiusdem incunabula hoc loco priùs perscrutanda duxi; sic enim futurum spero, vt sacram imaginum architectura, ratio & finis curioso Lectori faciliùs innotescat. Opinio veterum Ægyptiorum fuit, diuinitatē, teste Porphyrio, non per hominem tantum, sed & per omnia animalia pertransisse; Deum namque *ire per omnes*

Et Terras tractusque maris, celumque profundum.

Atque adeò benignitatem diuini Numinis, quam mundo communicat per diuersos effectus, per animalium simili affectuum analogia imbutorum formam, innuere voluisse, vt in præcedentibus partim ostensum fuit, partim in sequentibus fusiùs ostendetur. Cùm itaque intuerentur Leonem animal forte, robustum, magnanimum, vigilantissimum, calidissimum, & planè igneæ naturæ; virtutem illam diuinam, confortatricem omnium, igneo quodam vigore pollentem, rebus singulis, & omnibus indefinente vigilantia incumbentem, Leoninam dixerunt. In Sole verò Numine sensibili, eandem vim occultè adumbrarunt; hinc sub Hori, quem nunc mundum, nunc Solem dicebant, solio, teste Plutarcho, Leones subiciebant, ad vim igneam in mundo latentem hoc symbolo indigitandam. Herculem quoq; non alia de causa leonino extuio vestitum pingunt, nisi ob Herculeam suè corroboratiuam Solis virtutem; est autem, teste Macrobio, Hercules nihil aliud, quàm Sol, vt in tertio libro dictum est; Leo enim *τῆς νόεως ἡδὲ πνεύματος* & *ἡ ἐν ὁμοιοῦντι ἐστὶν ἡδὲ ἐν ὁμοιοῦντι*. Hinc per Osirim & Isin (quem deindè Hebræi & Syri sub Nominibus Adad & Adargatis coluerunt) Solem & terram significabant, eorumque statuis & simulachris Leonem supposuisse multis probat Giraldus Syntagm. 4. Quam repræsentandi rationem, & in Deo Syriæ ab Hieropolitanis adhibitam, testatur Lucianus, & Pausanias Cybelen Deorum Matrem Phryges pinxisse, cum Leonibus plaustrum trahentibus, iuxta illud Mantuani.

*Magna Deum Mater grandi currita corona
Que ligat Ideo Lybicos temone Leones.*

Præ ceteris tamen Persæ primi Ægyptiacæ doctrinæ hæredes, Mythram Ægyptios secuti pingebant Leonino capite. Mythras autem, vt alibi

osten.

Varia Leonis partes.

Naturæ Leonis expositio Physica.

Sub Hori Throno Leones quid?

Plutarchi lib. de Osiride & Iside.

Hercules Leoninā pelle indutus quid?

Cybeles plaustrum à Leonibus currahatur?

Mythras Persarum Numē Leonina forma.

HIEROGLYPHICÆ.

283

sum fuit, mysticè Solem denotat; quem & in antro, quo Vniuersum; teste Porphyrio in antro Nympharum, denotabatur, varijs cerimonijs colebant; verum ne quicquam, quod Lectori dubium mouere possit, occurrat, ab ouo, ut dici solet, omnia demonstrabimus. Numen illud, quod ignea sua vi in humidum ageret, in Coptitarum Arcanis reperi vocatum fuisse *Mophtha*, id est, aquarum Numen, quod componitur ex *eeu* & *φ*, vocabulis, quorum prius aquam, alterum Deum significare in Prodromo, & Supplemento eius, thesauro Ægyptiacæ linguæ annexo, ostensum est; Huncque sub forma Leonis circa Nili ripas primis hominibus comparuisse successiuâ traditione tenebant. Vndè Ægyptij hoc ostento suspensi attonitique paulatim Leonem inter sacra animalia receptum in cælum retulerunt, tanquam viuum & *Mophtha* habitaculū, quemadmodum supra eadem de causa, Arietem & Taurū cælo illata esse ostendimus, quæ Abenephi hisce verbis affirmat: وكأنا لمصر يوم الاغوت اخره وبقوله مغطا يعني الله الماء ومصره ودموره الاسد وهو من قديمه يرمح ويخمد واه مثل الله وان كان ان يدخل الشمس برج الاسد مغطا يعطي لهم الرزاق الماء النيل ومنه فتحة في الارض مصر وبدكر الحسمه وضعوا المكياس زجاجة الماء في عدد الحروف الطيور

hoc est: Fuit autem Ægyptijs alia diuinitas, quam *Mophtha* hoc est, Numen aut regem seu Genium aquarum vocabant, exprimebantque illud sub figura Leonis, & est cunctum ex duodecim signis Zodiaci, & venerabantur illud sicut Deum, eò quòd, quādo Sol ingreditur in signum Leonis, *Mophtha* Deus eorum largiatur incrementum aquarum Nili, & inde fecunditas in terra Ægypti, vndè & mensuram incrementi aquarum Nili in memoriam beneficij reposerunt inter literas animalium. Quale verò sit Nilometrium illud inter hieroglyphica repositum, dicetur alibi; cui consonat pulcherrimè id, quod Horapollon lib. 1. hieroglyphico 21. describit his verbis: Νίλῳ ἔ ἀνάβασις σημαίνοντες, ἐν καλῶσι αἰγυπτοῖσι Νῆν, ἐκ μνηστῆν ἑ σημαίνοντες; ποτὶ μὲν λίοντα γράθουσι, ποτὶ δὲ ἑῆς ὑδρίας μεράλας. ποτὶ δὲ ἑρακλῆν καὶ τὴν ὑδρῆα ἀναβλῦσαι; λίοντα μὲν, ἐπεὶ οὗ ἡλίου εἰς λίοντα γὰρ ὁ μαρτυρεῖται τὴν ἀνάβασιν τῆ Νείλῳ ποικταίῳς τὸ ἡμῖνοντος τῆ ἡλίου τῶ ζωδίου τῆτος, τὸ δὲ μοιρεν τῆ νῆς ὑδατος πλημμυρὶ πολλὰς; ὅθεν καὶ τὰς γολθῆρας, καὶ τὰς εἰσαγωγὰς τῶν ἱερῶν κρητῶν λίοντομόρφῳς κατεσκεύασαν οἱ ἀρχαῖοι τῶν ἱερῶν καὶ ἱερῶν ἱερῶν; ἀφ' ἧς καὶ μέχρι νῦν κατ' ἐλλην πῶρον σμῆ ὕψιστη τις τὸ σχῆμα τῆ λίοντος ποῖσι. Nili in super inundationem significantes, quem Ægyptiacè *νεκ*, id est nouum vocant, subindè Leonem pingunt, nonnunquam tres hydrias magnas, aliquandò verò cælum & terram aquæ copiam fecuturientem. Leo quidem cum Sol Leonem subit, ampliorem Nili facit inundationem, quandiu enim Sol in hoc signo persistit sapenuerò in duplum ipsius Nili aqua excrefcit, vndè & tubos canaleque sacrorum fontium solent ij, qui sacris præsunt operibus, sub Leonis figuram exhibere; Quapropter in hodiernum usque diem, dum pro immodica inundatione preces effundunt, Leonis signum efformant. Quod verò inundationem Nili *νεκ* vocent, mendum esse puto; Nam inundationem Nili veteres Ægyptios proprio nomine vocasse *eeu*, vel etiam contractè *eeu*, quasi diceret aqua aquæ, vel aquæ aquarum, ex Dictionario nostro patet. Vndè facile loco *ee*, n, poni potuit.

Nn 2

eeu

φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

eeu φ

ⲙⲉⲙⲉⲧⲧ enim dici debere, tum ipsum etymon, tum *Mophta* Dei nomen ex *ⲙⲉⲙⲉⲧⲧ* & *ⲫⲧ* compositum satis declarat; *Mophta* verò eundem esse puto cū eo, quem *Nephthē* Plutarchus vocat, vnum ex ijs quinq: Ægyptiorum Dijs, quorum nominibus quinque dies *ⲙⲉⲙⲉⲧⲧ* siue intercalares intitulare solebant; qui incidebant circa idem ferè tempus, Sole Leonem ingrediente; facile enim *ⲙⲉ*, in *ⲛ* mutari potuit, quod in alijs quoque similibus nominibus *Moph*, & *Naph*, *Asbōncarius*, *Nancorius*, vti & in hac præfente voce *Mon* & *Nun* obseruasse me memini.

Mophta quid
portat.

Intelligebant autem per *Mophta* Numen, vim illam Archetypi corroboratiuam in potentias terrestres agentem, seu Solis igneam vim, qua humidum, illud promouendo agit, quo terra impinguata veluti ex diuturna tabe conualefcit, & confortata ad fruges ferendas apta redditur atque idonea. Sol enim Leonem ingrediens, cum eo tempore ardentissimus sit, is ingentem vaporum ex fluminibus, lacubus, maribus attractorum copiam intralutissimos Æthiopie montes cogit, quos attractos coactosq; in aqua dūm resoluit, tūc flumina tūc lacus, tūc potissimum Nilus Æthiopie subiaccens,



ingens continuo augmentū capit, quo arida Ægypti Tellus, Typhonis adustiuā siue *Artilis* Numinis vi destructiuā tabefacta, hoc & *Mophta* proluuiū veluti irrigatione, potuque quodam corroborata confortataque, ad omnium rerum fecunditatem animatur, promoueturque. Atque totam hanc ideam pulchro hieroglyphico expressam nobis suppeditauit Tabula Bembina in cuius inferioris limbi felide, Horum reticulata veste tectum, capite pueri, veluti lecto quodam incumbentem intuemur, cuius lecti anterior spondapēs Leoninus est, & capiti eiusdem ita coniungitur, vt vnā statuam conficere videantur; posterior verò lecti sponda, posteriorem Leonis pedē refert; caudā in Lunæ sextilis figuram reflexā; sub lecto verò tres canopi, siue hydræ ponuntur, quarum prior canino; secunda accipitrino; tertia humana facie insignitur. Quod quidem hieroglyphicum schema nihil aliud significat, nisi descensum triformis Numinis, vel animæ mundi per globum alatum suprapositum indicatæ, in Horum siue Solem, & Sol in Nilum per virtutem Leoninā *Mophta*, quā Anubis *ⲙⲉⲙⲉⲧⲧ*, Osiris *ⲙⲉⲙⲉⲧⲧ*, & *Kanub*, siue *Canopus*, Nili Genij, ad procurandam terræ fecunditatem, & sub-

Expositio
Iconimi
physica.

ter-

HIEROGLYPHICÆ: 285

terranearum aquarum bonorumq; omnium abundantiam, excitantur; per Anubidem providentia & custodia; per accipitris caput Luna sextili insignitum, vis Solis mixta Lunæ, siue Osiris cum terra; per canub denique benefica humidi elementi intelligentia, teste Plutarcho, vti in lib. 3. ostensum fuit, indicantur. Quæ omnia pulchrè per florem Loti, quem Leonis figuræ ubique appositè appictum videmus, Solis symbolum, (de quo suo loco) exprimuntur. Sed nè quis sola coniectura nos hac tradidisse dicere possit; Audiamus Horū, qui per tres hydrias, siue Canopos Nilū indicatū his verbis describit: Τεία & ὑδρία, ἢ ἑρᾶν καὶ τὴν ὕδωρ βλύζουσαν; τὸ μὲν ὑδρῶν; ὁμοῖοντες καρδία γλώσσῃ ἔχουσιν. καρδία μὲν ἐπὶ τοῦ παρ' αὐτοῖς τὸ ἡγεμονικὸν ἐστὶ τὸ σῶμα τὸ αὐτὸ, καθάπερ ὁ Νῦξ τὸς Αἰγυπῖοις ἡγεμὼν καθέστηκε. γλώσσῃ & ὅτι διὰ παρ' ἧς ἐν ὕδατι ὑπάρχοντα εἶναι, καὶ γινέσθαι τὰ εἶναι καλοῦσι. Τεία & ὑδρία, ἢ τὴν πλάττω ἐπὶ τῆς ἀναβάσεως ἐργασία καὶ αὐτὴν τελεμερὴς ὑπάρχει. Tres autem hydrias, aut celum & terram, quæ aquæ copiam scaturiat; Nilum persimilem cordi facientes lingua prædita, cordi quidem, quoniam princeps hæc & potissima apud ipsos habetur totius corporis pars, sicut & Nilus totius Aegypti dux est & princeps. Lingua autem, quod hæc perpetuo in humido esse gaudeat, insuper & ipsam genitricem causamquererum status appellant. Tres porro hydrias, nec plures nec pauciores pingunt; quod triplex iuxta eorum sententiam sit inundationis causa efficitrix. Vides igitur quomodo vasa ex obtuso in acutum desinentia cordis figuram, & quomodo persæ folium appositum, linguam exprimant? vides quoq; qui per tres Genios diuersos supra explicatos, triplicem inundationis causam assignarint; quarum etiam per tres hydrias τρεῖς φιλοσοφίας tres philosophiæ ægyptiacæ partes, quibus hoc Leonis hieroglyphicum adaptari possit, indigitauerint; scil. per faciem hominis, eam philosophiæ partem, quæ spectat ad rationem, per faciem accipitris Luniformis, eam quæ spectat ad naturam; & per faciem caninam, eam; quæ pertinet ad mores, vt alibi fusiùs indicabitur.

Atque hinc primi Persarum ab Aegyptijs instituti, igneam Solis vim significantes Mythrā *ἡ ἑρμύνη*, id est, sub Leonis forma, antro, (per quod vniuersum interpretabatur,) inclusum exprimebant. habebat hoc antrum duas partes, Borealem & Australem, per quas Solis inter tropicos currentis effectus indicabant, de quibus Porphyrium pulchrè disceptantem vide in antro Nympharum; atque hanc ideam appositè Aegyptij denotabant per illud hieroglyphicum, quod in tabula Bembina videre est; intra portam videlicet statuā *Λεοντίμορφη*, varijs symbolis adornatam, quæ omnia ad præsentis materiæ ideam respiciunt; vbi vides serpentē circulo emergentē intra quē scarabæus inclusus, in modū struppi capiti Leonino impositi; quo Momphta siue Leonini Numinis vis solaris indigitabatur, quæ dum vniuersa mundi penetralia subit, omnia, animat, & facundat, quæ aptè quoque per crucem



Mythras.
Λεοντίμορφη
ἡ ἑρμύνη
exp. suo.

anla-

anfatam, quam sinistra gerit, & per sceptrum Lotophorum, indicantur. Quæ omnia fusiùs hoc loco interpretarer, nisi alijs locis ea referuallē, vt itaque ad propositum reuertamur.

Hieroglyphi-
ca Leonis.

Erat Leo primò hieroglyphicum Numinis *Mophta*. Secundò inundationis Nili, quæ, Sole in Leonem intrante, ignea illâ Solis vi, humidos vapores dissolvente, efficiebatur, quam quidem varijs medijs adumbrabant, vel per Leonem incumbentem, vel per eundem humanâ seu Virginis facie conspicuum, eò quòd hæc inundatio contingeret, Sole ex Leone in Isis, siue Virginis signum intrante; vel per Leonē accipitris facie insignitum, alifque quasi volatum affectantem, quemadmodum in Bembina tabula videre est; Quid verò per huiusmodi symbola anagogicè significarint, alibi dicitur. Tertiò, quid denique per Leonem valuis, ostijsque templorum præpositum intelligerent, Horus lib. 1. hieroglyphico 19. fuscè prosequitur, vt suo loco dicitur. Præterea figura Leonis vario modo picta multiplices hominis affectiones functionesque demonstrabat; vti hominem virtute præditum per Leonis exuium, quòd ideò à Poëtis Herculi monstrorum, id est, perturbationum animi domitori dicatum est; iterum virum vnicum fortitudinis specimen præbentem, magnanimitatis normâ & prudentiæ exemplar per Leonem & Vulpem, teste Horo, effigiabant, per illum robur & magnanimitatem; per hanc verò prudentiam exponebant. Denique quia Leonē Ægyptij apertis oculis dormire, vel noctes insomnes ducere credebant, hinc iterum vigilantæ & custodiæ hieroglyphicum, teste Horo, Leonem pingebant; atque hæc potissima ratio est, ob quam secùs templorum, valuas, Leones & pingerentur, & exculperentur, quæ consuetudo ad nostra vsque tempora penetrauit. Quòd verò Ægyptij per Leonem Simiam deuorantem, teste Horo, febricitantem innuerent, id alias quoque mysticas rationes continet. Dùm per Simiam, vt postea dicitur, Lunam intelligunt, per febrim autem Ægyptum ariditate & siccitate quâdam febrili laborantem; Sol itaque siue Leo Simiam deuorans, nihil aliud notat, nisi misturam illam Solaris luminis cum lunari; quâ Sol imbutus, & quasi saturatus fecundo humore terram irrigans, eam à febre, hoc est, ariditate & siccitate perniciofa liberat. Quamuis pleraque illa hieroglyphica, quibus veteres naturæ designabant operationes, καὶ τὴν ἀναλογία ad mores quoque transferri possint, quod & nos in tertio huius Operis libro præstitimus.

Expositio
Leonis sym-
bolorum mo-
ralis.

Quid Leo
Simiam deu-
vorans.

Homo gulo-
sus hierogly-
phicè exhi-
bitus.

Hoc pacto Horus hominem gulosum designans, Leonem frustra carnis depascentem delineat, hominem verò fætido oris halitu, os Leonis hians, ob graueolentem huius animalis halitum, pingit. Vtorem, per Leonem telo confossum; nouit enim Leo percussorem sui; iracundum, per Leoninum caput, est enim hoc animal *μεγαλειπατος*, & pupillis oculorum igneis præditum; pudendum quoque muliebri per Leonem exprimebant, quod id factorem oleret Leoninum, vti & herba quæ inde vuluularia dicitur, ingentes irarum motus, per Leonem catulos suos caudâ flagellantem; iram per Leo-

HIEROGLYPHICÆ. 287

Leonem, & catulos flagellatos, eò quòd ossa Leonum inter se collisa, ignem emitterent. Per Leenam verò mulierem *μεινότερον*, siuè semel tantum partu enixam, eò quòd Leenam bis parere non credebant. Quæ omnia apud Horum fusè deducuntur. Quamvis pleraque apud Horum, non tam hieroglyphica, quàm allegorica symbola & emblemata quædam sint ad mores formandos inuenta; cum nullum harum imaginum vltimò recensitarum inter hieroglyphica in Obeliscis, sphingibus, canopis, ceterisque tabulis conspiciatur, vestigium reperiatur; quare pleraque Hori, si pauca excipias, potius inter apophtegmata allegorica, quàm hieroglyphica recensenda existantem.

Quid præterea per simulacrū Osiridis, quod leonis faciē seu catti referat, innuere voluerint Ægyptij, varij varia coniiciunt. Aliqui à Diodoro lib. 1. par. 2. cap. 2. persuasi arbitrantur, ideò Osiridem tot ac tam diuersis formis spectari, quod Osiris, sicuti omnes sequentes Reges Ægyptij, Leonis, Tauri aut Draconis partem priorem in capite, insignia principatus ferre consueverint; nos dicimus eos Leonis aut Tauri caput in capite, cum ad cultum Deorum huiusmodi, tum ad attractionem eorum procurandam portasse. Alij aiunt, ideò factum, quod Typhōne occupante Ægyptum, ut se à furore & eius rabie Dijs tutarentur, sub diuersarum ferarum formis transformarent, ut hoc pacto ab eius rabie essent immunes; de qua metamorphosi, ut potè à proposito nostro non adèd abhorrente, inferius dicimus. Plutarchus, inter alios genuinam huius Leoninæ metamorphoseos rationem asserens: sic dicit. *Leonem verò Soli dedicant, quod de curvis unguibus quadripedibus sola Leena semel pariat, quod momento temporis dormiat, oculique dormientis suffulgeant, quod Leontinos fontes & hiatus suos noua aqua repletos inueniunt Nilo exundante, quando Sol per Leonem transit.* Finxerunt antiqui fabularum inuentoires, quod ferocissimo illo Nemæo Leone ab Hercule iuvene adhuc sedecim aut octodecim annorum occiso, in valoris sui memoriam Iuppiter imaginem huius Leonis inter duodecim signa quintū in Cælo constituerit, fortitudinis Herculeæ testimonium. Herculem autem Solem esse, monstrant cum claua, cum superaddita Leonis pelle, Herculis insigni, tum maxime nominis ipsius etymon, de quo Macrobius cap. 20. lib. 1. hisce verbis: *Et reuera Herculem Solem esse, vel ex nomine claret; Heracles enim quid aliud est, nisi ἥρας, id est, aeris κλέος, id est, gloria? qua porro alia aeris gloria est, nisi Solis illuminatio, cuius recessu tenebre ingruunt & caligo; quæ explicatio ita arrisisse videtur Pontano lib. 1. de stellis, ut eam aptam versibus materiam assumpserit:*

. . . . Herculeo latus cognomine, quando
Disijcit aerias nubes, lumenque ministrat:
Aëris ipse DEVS, DEVS & sua gloria Cæli.

Aliam etymi rationem sectatur Porphyrius, cuius verba apud Eusebiū leguntur: *ἡ ἐκ κλίμα αὐτῶ πέρσασπον ἐκ τῆ κλῆσις αὐτὸν πρὸς τὸν αἰέρα ἀπαγαταλὸς ἐς αὐτὸν ἰόντα, χερσὶν πατήρ.*

Varia symbola Osiridis.

Leo cur inter sidera relatus

Herculis etymon.

Pontanus.

Ὁς μετὰ πρᾶξις ἡ ἐν νύκτι μέλαινα
 Διὸς ἐκ ἀπ' ἀντολῶν ἄρεα δὺς μὲν ἡλια δὴ πρῶτον

Qui valde fers auroram noctemque nigrantem

Sex bis ad occasum exanthlans certamina ad Ortum

12. Labores.

Claua Hercu
 lea.

Macrobius.

Quibus sanè verbis nihil aliud insinuat, nisi duodecim illi Herculei, quos ei poetica affinxit garrulitas, in mundo, duodecim signorum Zodiaci peragratione, labores; ut & Porphyrius apud Eusebium memorat; claua verò & pellis leonina quid significant, hisce verbis ostendit citatus apud Eusebium Porphyrius. Clauam ait ei, & Leoninam pellem accommodant; alteram, ut inaequalitatem motus indicent, alteram verò, quoniam vires suas in Leone potissimum ostendit. Macrobius item 1. Saturn. cap. 2. 1. naturam Leonis ad Solem hisce verbis accommodat: Animal, inquit, in Zodiaco consecraverunt ea Celi parte, quæ maximè annuo cursu Sol valde effert calore, Leonisq; ibi signum, domicilium Leonis appellant; Quia id animal videtur ex natura Solis substantiam deducere: primumque impetu & calore præstat animalia, ut præstat Sol sidera: Validusque est Leo priore corporis parte, ac degenerat posterioribus membris; æquè Solis vis prima parte diei ad meridiem excrefcit, uti à prima parte anni à verè in æstatem, mox elanguescens deducitur vel ad occasum, qui diei, vel ad hyemem, quæ anni pars videtur esse inferior, idemque oculis patentibus atque igneis cernitur sæper; ut Sol patenti igneque oculo terram conspectu perpetuo atque indefatigabili cernit; quæ sanè verba ita clara sunt, ut explicatione fusiori non indigeant.

Arcus & sagittæ quid?
 Folia populi quid noceant.

Accedunt ad confirmationem dictorum arcus & sagitta, quoniam nihil significatur aliud, nisi vis radiorum Solarium, de quibus iam supra mentio facta est: Medicus dicitur corona populea redimitus; eo quod teste Porphyrio mala ab inferioribus hisce Sol procul expellit. Corona verò populea, quæ coronabatur, nihil monstrat aliud, nisi noctis dieique vicissitudines, quæ sicuti populi folia ex altera parte albicantia, ex altera nigro virore infuscata sunt; sic Sol ex ortu & occasu alternis motibus terram relinquit lucidam, & tenebrosam. Narrat quoque Diodorus, Osiridem Hercule sibi Socio adscito, totum mundum peragrasse, quo sanè nihil aliud significari vult, nisi fortitudinem Solis maculam omnia sibi subijcientem; & robur igneum, quo mundus hic sensibilis quadamtenus fouetur & sustentatur.

Leo sacer Soli.

Sacer itaque Soli Leo erat, quia ut Macrobius in somnio Scipionis, ait: Cum animæ à Cancro ad Leonem labendo peruenierint, illic conditionis futura auspiciantur exordium, & quia in Leone sunt rudimenta nascendi, & quædam humane nature tyrocinia, Aquarius verò Leoni oppositus est, & illo oriente mox occidit, ideo cum Sol Aquarium tenet, Manibus parentatur.

In omnibus igitur Solem refert Leo, calore lucem, iubeis radios, fulgore oculorum, fulgorem Solis; æstum, æstu intenso; insomni vigilantia, indefessum Solis laborem; & cum Leo æstuantissimum animal sit, (ut ex ossibus etiam eius veluti è filice ignem elici posse asseueret Plinius supra citatus) nō incongruè ob hanc cum Sole analogiam in summo honore habebatur, in quorum

quorum honorem & vrbes & templa dicabant. Sed audiamus *Ælianum*:
Leonibus, inquit, in *Aegypto* religionis cultus non modò tribuitur, sed etiam ex ips
 urbs nomen traxit. Quorum sane & imac naturam exponere non alienum erit: Tē
 pla habent sibi consecrata, & sedes ad commorandum amplas & ad exercendum spa
 tia & curricula laxa, tum eis bubule carnes quotidie præbentur, quas distractas
 atque ab ossibus denudatas, cum interea exedunt & conficiunt, ab *Aegyptijs* incan
 tantur. *Aegyptiâ* & voce, cautionis argumentum huiusmodi est, nè ex aspicientibus quē
 quam fascino; iund non solum eorum multi diuinitatē & religionem apud ipsos habēt,
 verum etiam sedes eis dedicate; ē regione contrarios auersosque aspectus habent, quorū
 fenestras autem quæ ad Solis exortum pertinent, tum etiam, quæ ad occasum spectant, a
 pertæ suauiore & viuendi rationem eis, & iucundius habitandi domicilium efficiant;
 tum eis etiam sunt exercitationum loca ad tuendam valetudinem, tum propinquæ pa
 lestræ. Eos ideo *Vulcano* *Aegyptij* consecrant, (est autem *Vulcanus* nihil aliud, nisi
 ignea quadam Solis subterranei virtus & fulgure elucescens) quod sint naturæ & rebe
 menter ignitæ, atque ad eod exteriorē ignem, ob interioris vehementiam ægerrimē in
 tumentur.

Plinius:

*Ridiculus col
 tus Leonis.*

Atque ex his omnibus patet, quod sicuti *Aegyptij* *Osiridis* simulacrum
 forma accipitris, ad lucidam Solis virtutem omnium penetratiuam indicā
 dam; ita ob summam eiusdem in operando fortitudinem, & vim corrobo
 ratiuam, illud idem sub Leonis forma repræsentabant; Hinc in Obeliscis
Mahuteo, *Mediceo*, *Monti-celio* positum vides simulacrum *Mophra* *Leoni*-
 forme, caractere *Tautico* instructum; cuius sensus idealis est, qui sequitur.

○

Sacri seu diuini *Osiridis*



Seu Solis ignea potestas & fortitudo

♀

Quæ Mundum, Cælos & elementa atque ideo omnia, quæ ex eis compo
 nuntur, virtute sua corroborat conseruatque.

Nota Lector
 huius figuræ
 caput non
 accipitris,
 sed Leonis
 intelligi de
 bere.

Præterea Sol Leonis vultu figurabatur, inquit *Lutatius Placidus*, vel
 quod hic Deus cæteros vi nominis & potentia excellat, vt inter reliquas fe
 ras Leo, vel quod sit rapidū animal; de hoc & simili idolo scripsisse videtur
Minutius Felix in *Octauio*, dū inquit: De *Capro etiā* & homine mixtos Deos,
 & Leonum, & Canum vultus Deos dicitis. *Arnobius* lib. contra gent. &
 ipse: Inter Deos videmus, ait, Leones toruissima facie, mero illita minio & nomi
 ne frugifero appellari; Sed & *Tertalion*: Illi, ait, debebant adorare statim biforme
 Numen, quia ex canino & leonino capite commixtos; & de capra & ariete cornutos
 & à lumbis hircos, & à cruribus serpentes, & plantis vel tergis alites Deos receperūt.
 Hinc originem lib. 4. de abst. desumpsisse videtur *Porphyrus*, hæc sim

*Lutatius Pla
 cidus.*

○○

suam

Ad composi-
tionē simula-
crorum quod
libet anima
cum homine
assumptum

suam stabiliendi, ad simulacrorum videlicet compositionem quodlibet ani-
mal cum homine olim assumptum fuisse, veluti cum humano corpori fa-
cies avis cuiuspiam leonisque iungeretur, & Lucianus huc respexisse vide-
tur *Λεων τοκεφάλιος ἀνθρώπου* recensens. Imò hæc non tantum apud Egyptios, sed
& apud omnes passim nationes & populos mysticis significationibus inse-
ruisse, testatur variae inscriptiones: huiusmodi Leonis terrifici caput in sepul-
chro suo Simandius in signum fortitudinis suæ, pingi voluit; apud Hely-
chium Leones fontibus Alpei fluminis dedicantur; Sycione teste, in
templo Æsculapij spectatur somno sopitus Leo: sed de hisce & similibus, si
plura desideres, consule Suidam, Herodotum, Caelium, Diodorum, Gy-
raldum, Pierium, aliosque.

Magi & Oni-
morantæ
quid per Leo-
nis partes si-
gnificarent.
Apollonius
Tyaneus, quid
per Leonem
& catulos
eo gerentem
notant.

Hinc Magi multum utebantur Leone in suis diuinationibus. Oni-
morantæ enim Leonem in somno apparentem, principatum & dominium
portendere asserunt, confirmant somnio Olympiæ coniugis Philippi Ma-
cedonum Regis, quæ in somno visa parere Leonem, paulò post peperit A-
lexandrum, Orbis terrificum dominatorem. Apollonius quoque cum nò
procul Babylone recessisset, leonem inuenit, cuius utero exso, octo catuli re-
periebantur: vnde coniecit, peregrinationem suam ad Indorum Regem,
vno anno & octo mensibus duraturam. Putabant enim antiqui, Leonem
aliquid supra id, quod brutum est, possidere: Vnde nimirum est, quod de
simili materia legitur apud Philostratum in vita Apollonij: *Vir*, inquit, *qui-*

Philostratus
in vita Apoll.
De Leonem
morum ex-
plum.

dam Leonem manu factum ex loro veluti canem, quocunque volebat, ducebat.
Leo autem non modò ei, qui se ducebat, blandiebatur, sed ceteris omnibus, qui ei obuiam
venissent, templa etiam ingrediens, nihil tamen de victimis sacris tangebat; Is Leo
ad Appollonium veniens, qui tum sorte in templo sedebat, & ad eius genua procum-
bens, humilius etiam, quàm homines supplicare videbatur; quod videntes, qui ad-
stabant, mercedis causa id facere arbitrabantur. Respiciens autem ipsum Apollonius,
hic, inquit, Leo me rogat, ut vos doceam, hominis animam se habere; Est autem is
Amasis quòdam Aegypti Rex circa Saiticam præfecturam, quibus verbis auditis Leo
mirabiliter fremens lachrymabilem rugitum edidit, tum dentibus infrendens cum plo-
rare proculdubio videretur, aptissimè lachrymas fundebat: demulcens igitur illum A-
pollonius: Ego, inquit, Leonem censo Leontopolim mittendum esse, ibique in templo
collocandum; Regem enim maxime in regiam belluam conuersum, tanquam egenum
mendicare iudico. Post hæc congregati Sacerdotes Amasidi sacrificauerunt, & belluam
torquibus vitisque redimitam in interiorem Aegyptum misere, tibijs ante ipsam car-
mina & hymnos decantantes; hæc tenus Philostratus.

Merempho-
chosis.

Magi quoque omnes Meremphichosin credunt, communem nobis
eum reliquis animalibus naturam insinuantes, hymnistas vel eos, qui sacris
initiati sunt, Leones appellant, mulieres iisdem sacris initiatas, leonas, mini-
strantes verò Coruos; patres aquilas & accipitres, & qui Leoninis sacris ini-
tiati sunt, illis variae animalium figuræ circumponuntur, teste Porphyrio,
atq; hæc Leonis excellentia & dignitas.

Sed

HIEROGLYPHICÆ. 291

Sed & Leo antiquis Magis causam præbuit magnarum superstitionum. Astrologi sub Basilisco, seu corde Leonis nato promittunt Regias dignitates. Persæ supersticiosi Leonem cristallo insculpentes, veluti per talisma quoddam principatum largiuntur; quod idem apud supersticiosiores Rabbinos sic lego: הרצה לקנות האהבה כל אנשים וממשלת בארץ חרשם. hoc est, si amicitiam, & gratiam hominū desideres, & dominiū in terra, insculpes in lapide duro signum Leonis cum pedibus aquilinis, & pones super collū tuū. Item in Astrologiā Arabū simile quid observatur. Arbitrabantur enim aliqui, inter solaria animalia Leonem esse aliquam particulā animæ Solis, & proindè Proclus in libro de magia & sacrificiis ait, gallum & Leonem esse solaria animalia. Vndè illud Cabalistarum emerfit de Chymia secretum, sicut Sol, sic id, quod Leo est, quasi diceret, quod Sol est in cælo, hoc Leo est in terra: cui responderet illud apud Elluchasem dictum paulò post adducendum, qui hoc ipso insinuat, rubeū illum Leonē metallicum, quē ē Mercurio suo elicit, non fieri, nisi ope Leonis cælestis, seu ignis ministerio, mysterium autem indicant Hebræi numero contento in utroq; vocabulo כשמש שכלי quorum utrumq; continet 660. cò, qui sequitur, modo:

כ 20
ש 300
מ 40
ש 300
660

ש 300
כ 20
ל 30
י 10
ש 300
660

Arcanum
Chymicum.

Atque hæ sunt horæ, quæ requiruntur ad absolutionem, & perfectionem Magisterij, quæ quidem in dies diuisæ, faciunt dies 27 $\frac{1}{2}$, numerum respondentē periodico motui Lunæ, & hoc dierū intervallo fit Chymicus ille coitus Solis & Lunæ, quo tempore Luna variè ascendendo, descendendoque, diuersa in colore & figura apparet, vsque dùm vnita Soli penitus euascat. Vndè inferunt, Magisterio benè peracto, hominem prudentem reperturum quicquid in mundo arcanū est; leguntur hæc omnia per metaphorice quandā literarum combinationē יל שכל, id est, ipsi intelligentia, nimirum יל שכל cui omnia insunt. Modum, qui per has literas יל שכל indicatur, libenter indicarem, nisi iustæ causæ silentij obstarent. Alludit ad hoc Elluchasem Medicus Babylonius hisce verbis: الشمس في السماء وشمس في الارض. Arbitrantur enim antiqui, omnia in omnibus latentia, naturæ quadam similitudine colligari, ita quidem, ut inferiora, quæ eiusdem ordinis sunt, superiora reuereantur, ut Proclus loquitur, & omnia inferiora ad sui ordinis duces hymnos concinant. Vndè idem Proclus in lib. de magia & sacrificijs, gallum à Leone valdè timeri, tanquam ordinis animalium Solarium ducem, cuius rei causam à materia sensuque assignare non possu-

Elluchasem
in lib. d
animalib.

possumus: sed solum ab ordinis superni contemplatione, quoniam videlicet Solaris praesentia virtutis conuenit gallo magis, quam Leoni; cuius meminisse videtur Lucretius:

Lucretius.

*Quin etiam gallum nocte explaudentibus alis,
Quem nequeunt rapidi contra constare leones.*

Cur daemones
Λαω-
Τροφους
gallo obie-
cto dispare-
ant.

Vnde & affirmat citatus Proclus, solares daemones quosdam sub Leonina forma comparentes, mox obiecto gallo, disparuisse. Adhuc credunt Graecorum nonnulli, qui doctrinam Aegyptiorum sequuntur, animam Cecropis, quem in Leonem transmutatum credebant, immolatis gallis gallinaeis, characteribus quibusdam subscriptis euocari, seque spectandam praebere. Mirum verò, quod veteres superstitiosius obseruarunt, Leonem etiam, herbam ita nuncupatam, quae surculis sese circumplicando plurimum nocet, gallum ita abhorre, ut si puella adhuc intacta, nuda passis crinibus leguminum segetem circumbeat, gallum in manibus gestans, exarescat gramin id, prorsusque deficiat, id quaecunque sit, à Democrito tamen creditum est, ut asserit Solon; sed qui alieniores sunt à superstitione, arcanamque naturae vim quandam contemplantur, semina aiunt, galli sanguine contingi, haecque fata, à Leone nulla postmodum iniuria affici; atque haec de Leone dicta sufficiant.

HIEROGRAMMATISMVS V.

De cane eiusque hieroglyphica significatione.

Canem Mercurij hieroglyphicum fuisse, omnium penè Authorum monumenta testantur; cuius rationem, ut cognoscas, paulò altius rem ordiri visum est.

Mercurius
politicae pri-
mus institu-
tor.

Mercurium primum Aegyptijs leges dedisse, scientias tum sacras, tum profanas instituisse, hieroglyphicae quoque literaturae, cultusque uti & caeremoniarum omnium, quae Dijs exhiberi solebant, Authorem fuisse, satis, ni fallor, in primo libro demonstratum est. Vnde posterius virum tam admirandae sapientiae praeditum, inter Deos relatum diuinis honoribus coluerunt, eum *Anubin* vocantes, hoc est, canem, ob admirabilem huius in rebus, quam inueniendis, quam inuestigandis sagacitatem; uti enim in Boue Osirin, Ammonem in ariete, in hirco Menden, Mophta in leone, ita in cane Mercurium cognouerunt. Hunc enim stans temporibus sub forma canis comparere, rationem inuentionis rerum homines docere, ad bene beatèque vivendum incitare; ad Deorum cultum dirigere, referunt; vnde canes, Aegyptij aliquid diuinum habere rebantur, dum fixis oculis, & quasi cognoscitiua vi excellentiae Deorum praediti, simulacra eorum intuerentur; tum ob summam fidelitatem, quantum hominem, tum claustra sacrorum adytorum custodiebant, tum ob alias occultas virtutes colebant, & venerabantur tanto studio,

Cur Mercurius
Anubis
dictus fuit?

Κυνολατρία

Felem marem iuxta parium Solis habitum & cursum pupillas commutare, ad ortum quidem Solis manè nonnihil extendi, sub meridiem vero veluti rotundas fieri; Sole ad occasum urgente, obtusiores obscurioresque apparere. Vnde & quæ apud Heliopolin est, Dei Solis statua felis speciem habet.

Hieroglyphicè itaque per felem, hæc quæ sequuntur, significabant; per felem sedentem cum Cruce ansata, primò vim malorum aueruncatiuam; Secundò Lunarem vim in elementa diffusam significabant; prius in ansatæ Crucis siue characteris Tautici enodatione ostendetur; posterius in præcedentibus iam ex consensu, quem cum Luna habet, rationibus mysticis demonstratum est. Sedet autem felis, ad stabilimentum, quod elementari mundo Lunaris iste Genius confert, indicandum; quemadmodum in sequentibus de situ simulacrorum hieroglyphicorum amplius declarabitur.

Tertiò solarem quoque vim innuentes Ægyptij, statuam fingeant sedentem (manibus genibus impositis, quarum sinistra Crucem ansatam tenebat) ab umbilico ad pedes usque linteo tectam, cætera nudam, mammisq; turgentem & cum capite *αἰχμησφόρος*, quod circulus ambibat, ex cuius ceruice flamma emicabat; atque hæc est statua illa, cuius paulò antea citatus Horus mentionem facit; cuius & exemplar in theatro hieroglyphico figura 36. spectandum præbetur; circulus cum flamma, Solis denotat virtutem quam circulari suo motu præstat, atque ob maximam fecunditatem, quam mundo confert. Sed hanc figuram alibi explicatam considera. Atque hæc sunt quæ de felis hieroglyphico paucis dicenda putavi.

HIEROGRAMMATISMVS VIII.

De Amphibijs siue

De Hippopotami hieraglyphica significatione.

OPortunè hoc loco amphibiorum animalium Hippopotami & Crocodili hieroglyphicam significationem subnectendam duximus; ab Hippopotamo itaque initium faciamus.

Hippopotamus Amphibium animal, variam dedit Ægyptijs hieroglyphicorum occasionem, tam in morali, quàm physica doctrina. Primò quidem *ἀντίο* Osiridis Numen Typhonem exprimere volentes, hippopotamum figurabant. Cum enim hoc animal nocuum cognoscerent, & ad dâna inferenda natum, præterea astutia & impietate immane, perfectæ Typhonis naturam exprimeret, Typhonem ab Osiride domitum haud incongruè notabant; Per Osirim enim Nilum, & per Hippopotamum Typhonem denotantes, vim illam malignam, putridam & venenosam, quâ segetes

Hippopotamus Typhonem notat.

Panfanias.

HIEROGLYPHICÆ.

305

tes frugesque inficerentur, occultè innuebant. Confirmat hæc eius, Her-
mopoli, Paulania teste, simulacrum, cui accipiter immineret cum serpente
dimicans, pulchrè quod diximus Osiridis cum Typhone prælium exhibēs;
Hecæus quoque libro de sacra Philosophia dictam nostram sententiam
confirmat, dum clarè tradit, Typhonem in hippopotamum transmutatum
cum Osiride perpetuò contendere: verba eius alliganda duxi.

Θεοὶ τὸ Τύφωνα ἀντίθεον καὶ ἀντιπύχον ἱπποπόταμόν εἰσεν, μετατρεψάμενος αὐτὸν εἰς ἵππον, ὡς ὁ Οσίριδος ἀντιπύχον, ὡς ὁ Τύφωνος, καὶ ἱπποπόταμόν εἰς ἵππον μετατρέψας.

*Dicunt Typhonem antagonistam sub Hippopotami forma perpetuò cum Osiride decer-
tare, naturam malignam per Typhonem; bonam per Osirim significantes.*

Secundò, cum nullum animal, teste Suida, ingrati animi vitium, im-
pietatem & iniustitiam magis exprimat, teste Horo, quàm Hippopotamus,
illum pingentes, vel in toto, vel in parte, nunc ingratitude, nunc im-
pietatem, modò impudentiam denotabant. Nam vt rectè Poëta:

Turpis in matrem lethato bellua patre

Pinguia quæ Nilus fatifer aruarigat.

Cum patre enim pugnâ congreditur, quo superato & incestuosâ in-
matrem libidine, teste Horo, debacchatur. Hinc, eodem Horo teste, Regū
sceptris Cucupham subiecto hippopotamo superimponebant, aut duas vn-
gulas eiusdem subijciebant sceptro, quia pietas impietatem, & clementia,
inclementiam debet suppressere. Siquidem nihil est, quod Reges aut Prin-
cipes magis deceat, quàm mansuetudo, beneficentia, animique moderatio;
vt quantum cæteris imperio & potestate præcellant, tantum sibi ipsis hu-
manitate & facili inductione animi dominantur. Sceptris quoque supernè
iconem Ciconiæ, infernè verò hippopotami imponebant, vt violentiam,
iustitiæ subiectam esse, hanc Ciconiæ symbolo, illam hippopotami, innue-
rent.

Hippopota-
mus ingrati-
tudinis &
impietatis
symbolum.

Qua de cauta pro vestibulo templi, quod in Saitica præfectura Palladi
dedicatum erat, hæc, teste Clemente lib. 6. Stromatum, incisa spectabantur,
facies pueri, & senis, accipiter, piscis, hippopotamus, quem hieroglyphismū
cū in tertia parte sol. 198. interpretati sumus, eò Lectorem remittimus.

Ad quod ingeniosè alludit Iunius hoc tetrasticho.

Pernix Accipiter, piscis Nili incola, dirus

Equus, quod ordine hæreat,

Symbolon hoc loquitur. Pharis tria symbola genti;

Deus odit impudentiam.

Tertiò, per Hippopotamum Egyptij nunc ver, nunc horas indicasse
Horapollo refert; ratio est; quia Hippopotamus simul ac prata virere inci-
piunt, verno tempore à Nilo ad depascendas herbas exire solet; horas verò,
quia interdū sub aquis latet, noctu verò à fluio in campos exiens non fe-
stinus, sed tanquam messor ad certum opus cōductus, messem æqualiter pa-
bulatur, per noctem diemque quibus operationes suas tempusque veluti
mensurando perficit, haud incongruè horas indigitarunt. Vide citatum.

Hippopota-
mus quid
notet.

Qq

Horum

Horum libro primo cap. 56. lib. 2. cap. 20. Suidas verbo *κροκόδειρος* & Plinius lib. 20. cap. 22.



HIEROGRAMMATISMVS IX.

Crocodilus, siue

De Crocodili significatione hieroglyphica.

Crocodilus
diuinæ essen-
tiæ rationem
notat.

Crocodilus Amphibium animal, vti in gni apud Ægyptios nominis, ita variam quoque hieroglyphicæ suppellectilis sobolem peperit. Primò secretiores mystæ, diuinæ quondam essentiae rationem per huius animalis naturam indicabant. Sicut enim hoc animal sub aquis latens per diaphanam obductam pupillæ pelliculam, alios quidem eminentibus solum extra aquam oculis intuetur, ipso latente & *ἀφανὲς*; ita Deum omnia intueri, nihilque adeò imperuium esse, ad quod diuinæ mentis oculi non dirigantur, ipso ab omnium mortalium sensibus remotissimo, inuisibili & *ἀεὶ ὄντι*, etsi intimè omnibus præsentè. Cùm verò Crocodilus inter cætera animalia sit sine lingua, hinc Dei ineffabilem naturam designantes Crocodilum pingebant, ita Abenephi :

Abenephi.

ولأن الطبيعة الله لا تتغير ولا تدرك وهي غير منظرية من عين الناس لأن ذلك ومعهما كان يريدون يدلون الطبيعة الله التي هي غير منظرية وكافوا رسموا صورة التمساح أن هذا الحيوان ذبحت الماء ولا يرى وإن التمساح جلا لسان لذلك كان يسمونه الطبيعة الله غير مرئية وغير موعوفة

Ineffabilis
Dei natura

Et quoniam natura Dei incomprehensibilis & immutabilis est, inuisibile ab oculis filiorum hominis, idè quando significare volebant naturam Dei inuisibilem, incidebant figuram crocodili, quoniam hoc animal videt & non videtur, & quoniam crocodilus est elinguis, idè naturam Dei notabant incomprehensibilem & ineffabilem.

Quæ confirmat Valerianus ex mète Hori, qui per Crocodili picturam in specu latitantis, cuius cauda tantum conspiciatur, Dei caput & substantiam eius incomperam; per caudam verò apparentem, Deum non nisi à posteriori hoc est, ex operibus cognosci posse, significabat.

Secun-

HIEROGLYPHICÆ. 307

Secundò, præterea cum motum Solis significare volebant Sacerdotes, imaginem Solis pingebant in naui, quam ferebat Crocodilus, quo occultè notabant motum Solis in humido ad rerum generationem, per Crocodilum quidem aquam dulcem, quam suo Sol calore purificat, ita Eusebius lib. 3. c. 3. præparat. Euangelicæ. ἡλιον τὴν σημαίνοντι ποτὶ μέλι δι' ἀνθρώπων ἐπιβί-
βηκίτος, τὴν πόλιν ἐπὶ κροκόδειλου κέμενον. δηλοῖ τὸ μέν πολλοὶν τῶν ἐν ἡμέρᾳ κινήσεων : ὃ τὸ
κροκόδειλος, πόλιν ἐν ὕδασι καὶ φέρεται ὁ ἥλιος. ἐστὶ μακρὴ τὴν ὁδὸν δι' αἰέρος ὕψος καὶ γλυκύας
τῶν ποταμῶν ποιῶντι. Solem τὴν ὁ σημαίνει per hominem gubernantem nauem. Na-
ui à Crocodilo subiecto deportatà; ostendit quidem nauis, Solis in humido motum;
Crocodilus τὴν ὁ aquam potabilem per quam Sol fertur. Signatur ergò hisce, Solem per aeris
humidi, & dulcis circumuolutionem suam peragere.

Motum Solis
notat.

Eusebius.

Tertiò, Solis ortum indicaturi, Crocodili oculos effigiabant, vel quia hoc animal oculis prominentibus præditum est, vel quia sine vilo paren-
tum incubatu ab ovo exclusum in lucem exeat, ita Horus: ἀναπλάω τὴν ἀνθρώ-
πων δύο ὀφθαλμοὺς κροκόδειλου ζωογενεῖσι; ἰσχυρὸν πατρὸς στόματος ζωὴ οἱ ὀφθαλμοὶ ἐν τῇ βυβλῇ
αἰετῶνται; Occasum verò significaturi, teste Horo, κροκόδειλος κεκοσμήτα ζωογενε-
ῖσι. Crocodilum inflexum ac cernuum terra prostratum pingunt, quia sicut Sol or-
tus toto die supra Horizontem, occidens τὴν ὁ infra Horizontem manet, ita Crocodilus
interdiu supra terram vegetis oculis, noctu sub aquis obliuio visu commorari dicitur.
Quæ verò in morali disciplina per Crocodilum signarint Ægyptij, alibi di-
cetur.

Solis ortus
symbolum
oculi croco-
dili.



Quartò, per Crocodilum indigitatur terra Ægypti, vel Nilus, eò quòd hoc animal Ægypti proprium sit; hinc Imperator Augustus Ægypto sub potestatem Romani populi redactâ, numum excudit cum palma & crocodilo.

Ægypti sym-
bolum croco-
dilus.

Quintò, Ortum, Occasumque, facultatemque in humidi elementi substantiam, vti & Genium Lunarem humiditati ad rerum generationem necessariæ præidentem significaturi, Isidem ibimorpham, siue ibidis capite conspicuam in sede quadrata, cui duo crocodili in oppositis partes respicientes prosternuntur, depingebant. Hoc schema conspicitur in tabulæ Bembinæ medio spatio tertium; quod cum ob maximam rerum sub eo contentarum varietatem, mysteriorumque multitudinem hoc loco ob temporis breuitatem explicare non possimus, eius interpretationem Oedipo consultò reseruauimus.

Horus l. 1.
c. 49.

procul hinc, quâ summum in dicta Numina odium demonstrabat, teste Hecateo, vociferare credebatur; prius verum esse his verbis comprobatur, Horus. lib. 1. hieroglyph. 49. Ακαθαρίσαν τὴν γαστρονίτιον ὄρνυα (ita enim manu scriptū, quod penes me est, habet; non ὄρνυα) ἔσθ' ὅρα φησὶ, ἐπεὶ δὲ ἐπὶ ἀνατολὴν ἐρχομένης τῆς σελήνης ἀτρίζων εἰς τὴν θεὸν κραυγὴν ποιᾷται. ἢ κ' ἐν λογῶν αὐτῶν, ἢ τε ἐν φημάων; σημῶν τὰ τὰ τῆς ἐσθ' ὅρα φησὶ, τοῖς γὰρ αὐτῇ σελήνῃ ἀναρῶσιν τὴν γὰρ ζωογονοῦσθαι αὐτὴ τὰς κόρας; ὡς περὶ ἀθανάτων, καὶ μὴ βωλόμενος ἐστὶν τῇ θεῷ ἀνατολῇ; τὰ δὲ αὐτὰ ποιᾷ καὶ ἐπὶ τῇ ἡμέρᾳ αὐτῇ ἀνατολῇ.

Malitia Co-
turnicis.

Porro impurum scelestumque notantes animum, Coturnicem, pingunt, quoniam ad ortum accedente Luna, intentis in Deam oculis prospiciens, vociferatur, non ei benedicens, nec fausta acclamatione gratulationeque prosequitur, cuius rei argumentum est apertissimum, quod cruribus terram effodiens suas ipsius pupillas humi veluti pingens defigit, quasi indignabunda inuitaque Dea ortum aspiciens. Idem quoque in exortu Dei, Solis, inquam, efficit; quàm denique prava atque infesta Coturnicis natura, quamque omne bonum reliquis animantibus inuideat; Horus in citato loco fusè prosequitur; Cùm enim quemcunque in deserto locum aquis scatentem nacta fuerit, postquam biberit, rostro turbat, lutumque aquæ commiscet, ac pedibus in eam pulverem conijcit, idque nè ulli alteri animanti aqua sit ad potum idonea. Et cum Luna omnia, quæ in toto orbe sunt, vtilia gignat, augeat, ac vegetet, nihilominus eam quasi despiciere videtur: ἢ δὲ γὰρ δὲ τὸ καὶ ἡμεῖς ἐργάζεται, τῆς θεῆς αὐτῆς πάντα γαλακτοῦ καὶ αὐξάνουσι δὲ τὸν κόσμον ἐστὶν χρήσιμα. idque voce palàm testatur, ut & Hecateus his verbis notat. ἢ ἀναξιώτερον τῆς κηπακῆς τῆς ὀρνυομένης κραυγῆς ὡς καὶ φησὶν ὅτι ταύτης τῇ φωνῇ τὸν θεὸν μεγαλότητος. Quid indignius κηπακῇ voce Coturnicis, qua Deorum magnitudinem quadantenus spernere & ridere videtur. Sed hæc de Coturnice sufficiant, qui plura desiderat, consulat Oedipum, ubi omnia fusius profecuti sumus.

Hierogramma Galli.

Græcis Gallum multa significasse, Ægyptijs verò vix, & non nisi in emblematis symbolicis adhibitū fuisse constat. Quare cum nullū in Obeliscis hieroglyphica literatura insignitis, sicuti nec in cæteris inscriptionibus eiusdem vestigium repererim, superuacaneum quoque esse ratus sum, de eius significatione fusius agere, quare ad alia progrediamur.

Gallus ista hieroglyphica non inuenitur.

HIEROGRAMMATISMVS XIII.

Columbâ fluè

De Columbæ hieroglyphica significatione.

DE hieroglyphicis Columbæ, varij varia comminiscuntur. Certum est, eam non tam Ægyptijs, quàm Assyrijs cum primis in summa vene-

HIEROGLYPHICÆ.

323

veneratione fuisse. Ratio cultus fuit, quod nonnulli Semiramidem, verius alij Decretam Semiramidis filiam in Columbam conuersam referant. De quo cum in Oedipo, in syntagmate Panthet Hebræorum, tractatu de Decreto, Dagon, Oanne fusissimè tractauerimus, eo Lectorem remittimus; Inueni tamen, per columbam morales actiones significasse Ægyptios, ut dum purum aërem ab omni pestilentis halitus contagione immunem per Columbam significant, quod esus Columbæ eximium prophylacticum sit, adeoque solis regibus castisque sacrorum ministris, tempore contagionis in cibum cadat; de quibus vide Horum lib. 1. hieroglyph. 57. Secundò hominem, qui se pristinae sanitati restituerit ex oraculo, innuere volentes; palumbū pingunt, quod lauri foliū in nidū suum inferens, eo morbis medeatur. Vide Horum lib. 2. hieroglyphico 46. Tertiò, mulierem viduam, quæ ad mortem usque in eo permanferit vitæ statu, volentes significare, nigram pingunt Columbam, hæc enim quamdiu vidua est, alteri viro non miscetur. Vide Horum lib. 2. hieroglyph. 32. Ex quibus patet, Ægyptios non omnia animalia in album sacrarum literarum transtulisse, sed ea tantum, quæ Ægyptijs Dijs sacra habebantur, ob quandam ad Deorum operationes similitudinem & analogiam. Cuiusmodi sunt ea, ferè, quæ hucusque explicuimus. Quasdam verò, ut equum, elephantem, leporem, asinum, ceruum, scorpionem, mustelam, ichneumonem, pardum, porcum, hyænam, aquilam, gallum, columbam, passerem similesque, quarum mentionem Horus facit, sacras literas non fuisse, sed tantum ad morales actiones, per earum proprietates, indicandas, assumptas fuisse, cuiusmodi hoc tempore sunt phrenoschemata, emblemata, prouerbia, similiaque. Ratio huius rei, quam & supra insinuauimus, est; quod nullum citatorum animalium neque in vlllo obelisco, neque Sphingibus, neque tabula Bembina, neque in vlla altera hieroglyphica inscriptione, quas in Isiacis statuis, Mumijs, & Canopis pingere solebant, reperiatur; haud dubiè verò illa imposuissent, nisi ratio mystica obstitisset.

Morales actiones per symbola columbæ.

Columbæ nō habetur inter hieroglyphica.

HIEROGRAMMATISMVS XIV.

Ibis siuè

De Ibis hieroglyphica significatione.

Q Vis nescit Volusi Bithynice qualia demens
 Ægyptus portenta colat, Crocodilon adorat
 Pars hæc, illa fouet saturam Serpentibus ibin.

Ibi itaque summos honores exhibitos plena sunt omnium penè veterum Ægyptiorum monumenta, de quo, Horo, & Plutarcho teste, varios apud Ægyptios agitatatos sermones, mirum non est. Cum nullum alia-

Sf 2

rum

HIEROGLYPHICÆ.

347

annulis insculptas, teste Plutarcho, gestarunt, cuius rei causam indicat Cælius Calcagnius sequentibus verbis: *Scarabeus annulis insculptus significat hominem animo debere esse virili, & non effeminato, sicuti scarabeus masculus tantum est, femina nescius.* atque huc alludere videtur illud Horatij.

Scarabeus
annulis in-
sculptus.

Tyrtaeus mares animos in Martia bella, visibus exruit.

Vndè Vulcanum armorum fabricatorem Ægyptij, teste Horo lib. 1. c. 13. per scarabæum pingebant; verba Hori sunt. *Ἡρακλῆς τὴν γὰρ πόλιν καὶ τὸν πόλεμον ἐκείνους ἐκείνους, ἄλλους τὴν πόλιν καὶ τὸν πόλεμον, hoc est: Vulcanum indicantes, scarabæum & vulturem pingunt, Minervam verò, vulturem & scarabæum.* Qui textus nescio quid inconuenientiæ importat, & incongruitatis; ut benè notauit hoc loco Cælius Calcagnius; quomodò enim vni duo symbola inter se opposita responderent? Quare prædictum textum, utpotè vitiatum, & corruptum sic emandemus. Ut sit ille sensus; *Vulcanum indicantes scarabæum pingunt, Minervam verò simul cum Vulcano, vulturem, & scarabæum.*

Porro occurrente in hieroglyphicis scarabæo, ut genuinam eius significationem intelligas, hanc regulam tradunt meliores Authores: *Volsans scarabæus expansisque alis, vel etiam capite radiofo, humano aut cum circulo, aut triangulo semper aliquid diuinum, uti Osiridem, Solem, seu mundum, eiusque gubernationem designat. Alis verò complicatis, annulis incisus, animi fortitudinem, & virilem animum designabat. Ex quibus omnibus patet, Ægyptios minimè temerè, sed summo ingenio accommodatis symbolis rerum conceptus expressisse.*

Symbola Ser-
pentis.

HIEROGRAMMATISMVS XVII.

Serpentis, Aspidis, Draconis.

Cum nihil inter Hieroglyphica symbola Serpente frequètius occurrat, quid Ægyptij per huiusmodi symbola indigitauerint, hoc loco exponendum est; sciendum itaque, Ægyptios, uti curiosos naturæ omnium ferè animantium Ægypto propriarum inuestigatores, ita & Serpentis fuisse. Cum enim viderent, serpentem nullo manuum pedumque ministerio, solo oblongi corporis tractu procedere, nullo præterea membro præter os constare, animal igneo spiritu plenum, viuax, senectutem quotannis, deposito veteri exuuiio, in iuuentutem instaurare; fieri non posse crediderunt, quin aliquid magnum, excellens, & prorsus diuinum sub ijs lateret; accidebat hisce, quod undulato illo plicatilis corporis motu omnes propè figuras exprimerent; dum videlicet nunc caudam capiti admouentes circulū, iam in spiras cōuolutū spherarum cælestium exhibere volumina; iam in longū extensum lineā rectā, iam curuā; iam planā, modò corporis erectione normalem; iam multifario squammarum ordine, veluti totidem stellis rutilum, sibilo quoque & trasulcā linguā formidandum, hæc, inquam, dum contempla-

Serpens mo-
tu suo omnes
figuras expri-
mit.

X x

rentur

HIEROGLYPHICÆ.

349

varijs maculis insignem dipingebant, de quo Claudianus:

Perpetuumquē vivens squamis, caudamque reducto

Ore vorans tacito relegens exordia lapsu.

Quod procul dubio significat, omnia, quæ diuinâ providentiâ in mundo generantur, ab eâdem solui celerius, siue paulatim imminui atque deficere, in se recipi, fierique illud propemodum; iuxta illud, in id resolvimur ex quo sumus, quod paulò ante hisce verbis pulchrè indicat Eusebius ex mente Phænici, cum de natura serpentis loqueretur, καὶ ἐν αὐτῷ ἀναλύεται ἡ κόσμος, ut vel inde appareat, mundum ex se ipso ali, & in se revoluti, Nam

cum æterna sint elementa, neque corruptione neque variatione per se vlla immutentur, corruptioni tamen ac variationi subiecta videntur, ea parte, qua specierum informationi admiscetur, vi tamen ipsa incolumi permanente, non secus ac typographica literæ, quæ copulata quiddam significant; mox verò ac typothetæ servierunt visibus, dissolutæ incolumitati pristina, generique suo restituuntur, & in alterius formæ vsum referuntur, quæ doctè descripta videas apud Pacuvium & Lucretium. Serpente itaque caudam suam depascente, ingeniosè sanè indicat generum, quæ rerum naturam DEVS insigniuit, immortalitatem, ut principium ad finem directum, esse, finemque ad principium reflecti doceant; nihil enim in mundo perire credebant, sed eorum, quæ nobis interim videntur, solæ mutantur species teste Virgilio, qui nec morti esse locum dixit, & Democritus atomorum confluxu illo perenni, nihil aliud indicare voluisse videtur, contra modernos quosdam philosophastros, nisi corpora illa individua, quæ disjuncta cum fuerint, neque legantur, neque internecionem recipiât, nec sectionibus diuidantur, sed omne per ævum infinitâ in se retineant soliditatē, quo alludit saturnina illa *μυθομαχία*, Iovem sc., lapidē interposuisse, quem & deuorauerit, per huiusmodi figmentū aptè indicantes terrestria corruptioni variationique vtplurimū obnoxia esse, animum verò immortalem; iuxta illud Hesiodi reconditè & iuxta Ægyptiorum mentem canentis:

Καὶ τὴν γὰρ γενέσθαι νεκρὸν μέγας, ὅς τε ἔσθω

Νιδὸς ἐξ ἑσέος πατρὸς ἀεζζηναι ἱεστῷ.

Atque hos deglutit Saturnus, ut ille vel illa

Divino ex utero genua ad materna veniret.

Quod ita interpretor, nascuntur è terrâ rerum species, & in terram mox recedunt; Nam Rhea defluxus est & corruptio mundi. Quæcunque igitur tempus protulit, eadem tempus absumit. quæ omnia iisdem pænè verbis exponit Horus lib. 1. cap. 1. & 2. quæ cum in sequentibus allegemus, hic omittenda duxi.

Iterum cum viderent, Serpentem terrestris substantiæ, & ex putri ut plurimum genitum, tortuoso corporis tractu, fluctuationis rudimenta; sibilo sonog; formidabili aërem, totâ præterea substantiâ squamarū splendentū ornatu, nescio quid igneum exprimeret; haud incongruè quatuor elementa

Xx 2 per

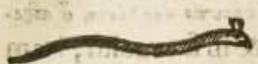
Mundi res in se perpetuò reuolubiles, ut notarent?

De democriti de atomis philosophia.

Hesiodus.

per id indicare consueuerunt. per corpus quidē, quod terram & grauissimū est, terrā; per tortuosū corporis tractū, vtpote qui vndarū fluctuationes exprimat, apte sane aquā; per sibilum verò rectē aërem, subiectam soni; ignem, denique totius vigore substantia, & tricuspile linguā, ignis symbolo apposite denotabant, quæ omnia Horus l. 1. cap. 2. innuit. Porro quamuis per serpentem dicta quatuor elementa exprimerent, non tamen singula eodem modo, sed diuerso serpentis situ, & conformatione exponabant; sic vitam

Terra.



Aqua.



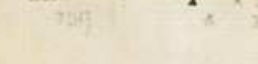
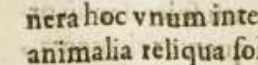
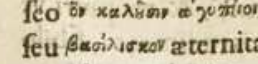
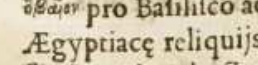
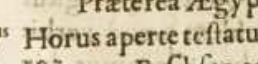
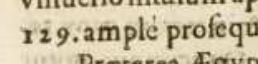
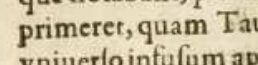
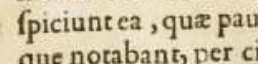
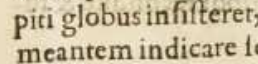
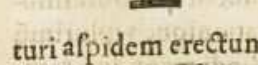
Aër



Ignis.



Dominium in igneam substantiam.



lem terræ spiritum, vel ipsam terram, quam ætæi vel
 o & ¶, vti docetur fol. 127. (ita enim Genium omnia
 moderantem vocant, per serpentem indicatum) igneā
 vi sua animat, per serpentem prostratum & bicornem,
 cuiusmodi nihil in obelisco nostro frequentius est, de-
 pingunt. Aquam verò denotantes, serpentem pingunt,
 tortuolo corporis tractu, vndarum volamina expri-
 mentem, cuiusmodi est serpens, quem in V. libro ex-
 hibemus in expositione figuræ ex Barberinorum Ga-
 zophylacio eductæ. & sic denotabāt genium aquarū
 Mophia dictum, hoc est à ætæi & ¶, quorum illud
 aquam, hoc DEVM sine genium notat; quæ omnia
 in V. libro huius vnde & character αἰετοειδὲς aquæ
 originem sumit) suffus explicantur. Aërem verò expri-
 munt per sibilum serpentis erecti, & trifurcā linguā
 veluti sibilantis, per trifurcam; aëreos mundos, id
 quos dominium suum exerceat, notabant; vnde ζῶν
 id est vitam huiusmodi characterem appellabant, vti
 supra folio 129. ostendimus. Porro ignem significa-
 turi aspidem erectum, vel altari vel capitibus Deorum impositum, cuiusca-
 pituli globus insisteret, pingebant; quo igneam quadam vim vniuersum per-
 meantem indicare solebant, vti suo loco in libro V. ostendetur; atq; hūc re-
 spiciunt ea, quæ paulò antè ex Eusebio & Horo adduximus. hanc vim quo-
 que notabant, per circulum cui serpens insertus, ο græcum aut coptum ex-
 primeret, quam Tauta vocabant; quo teste Eusebio, spiritum igneum toti
 vniuerso infusum apte signabant. quæ tum alibi in sequentibus, tum folio
 129. amplè prosequimur.

Præterea Egyptios per Basiliscum æuum siue æternitatem significasse
 Horus aperte testatur l. 1. cap. 2. vbi nonnulla manuscripta αἰών, quædam
 ὁ αἰών pro Basilisco accipiunt, nos genuinum Basilisci vocabulum ex linguæ
 Egyptiacæ reliquijs restaurantes ποσειδών reperimus. ita enim legendum αἰ-
 σκὸν ἐν καλῶν αἰώνιστος, ποσειδών, ὁ αἰών ἐν ἡμέρῃ βασιλεύς. Causa verò cur per ποσειδών
 seu βασιλεύς æternitatem statuerent, hæc ferè erat, quod inter serpentum ge-
 nera hoc vnum interfici vi non posset, vtpotè cui, teste Horo, terra vis sit, vt
 animalia reliqua solo sibilo fuger, quo audito ferunt omnes autem cantus
 coër-

ceri, fruticesque & herbas non morfu solum, sed olfactu aspectuq solo enecari. Hinc Archelaus apud Alianum narrat, cum ium pium in Africa solitudine defecisset, plurimos ad id depascendum serpentes conuocofluxisse, interim Basilisci audito sibilo omnes profugisse, aut in fabulum sese abdidisse, progressum verò Basiliscum per otium sine cuiusquam tumultu quantum voluerit esirasse; cum satur iam abiret, iterum solito suo edito sibilo, reliquis serpentibus veluti potestatem reliquum depascendi, fecisse. Non nescio hoc tempore Basilisci historiam fabulæ, quam auctoritæ veriorē haberi, nihilominus, qui Agyptiorum ingenium nouit, asserere cogetur, eos sepe numero multa, quæ ad eorum mysticas rationes appositæ faciebant, & finxisse in animalibus, quæ modernæ temporis, ut & de Phœnicæ fingunt, experimentis repugnant. Non igitur præcise proprietatem animalium asendebant, sed Deorum munus & officium, ut plurimum per huiusmodi proprietates confictas explicabant. Hoc pacto supremum numen siue Agathodæmonia indigirantes, Basiliscum seu aspidem pungebant; cuius sibilum omnia animantia veluti imperiosum Regis nutum pauperent, occultè, supremi Numinis in omnia sibi subiecta vim & potentiam, obediētiāq inuēntes. Hinc eūdem ut plurimum Deorum capitibus, teste, Horo superimponebant, cuius vestigia tum in tabula Bembina, tum alijs monumentis haud infrequenter occurrunt. cuiusmodi est, quod dum hæc scribo in fundamentis Ecclesiæ sub nomine Mineræ, alias Ord. Prædicatorū intulata inuentū fuit. uti A paulò ante positū ectypō demonstrat, in quo vides tutulum inter duas aspides intermediū, spicis floribusq, insignem, ex cuius basi flamma bifurcata erumpens, quæ hucusque dicta sunt, appositè declarat. Porro subinde quoque aspidem hunc accipitrino capite efformabant, formidandum, oculis eo artificio concinnatis, ut claudi & aperiri possent. Quem simulac oculis apertis proferebant, vniuersa Agyptus lætitia atq; hilaritate perfundebatur, perinde ac Deorum oculi eos aspicerent, opemque præsentem pollicerentur; in luce igitur omnes esse, & risui, iocis, conuiuijsque operam dare. Quod si clausis oculis eum extulissent, ibi tum omnes in tenebras & obscura penetrant, lia miserabilique deploratione per se quemque niti, ut Deorum indignationem, quacunque possent, ratione abigerent. Verum qui plura de serpentum mysterijs desiderat, is Horum, & Phærecidem apud Eusebium consulat, ubi multa circa hoc argumentū mira sanè offendet, quæ omnia, cum nos fusè in sequentibus variâ auctoritatum allegatione describamus, ad ea Lectorem remittimus.